

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

KELLY RIBEIRO DE FREITAS VIANA

QUEM SAI AOS SEUS NÃO DEGENERA?
A (Des)ordem na Gestão de Substituição

PORTO ALEGRE

2017

KELLY RIBEIRO DE FREITAS VIANA

**QUEM SAI AOS SEUS NÃO DEGENERA?
A (Des)ordem da Geração de Substituição**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Henriqueta Luce Kruse

PORTO ALEGRE

2017

KELLY RIBEIRO DE FREITAS VIANA

Quem sai aos seus não degenera? A (des)ordem da gestão de substituição

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em Porto Alegre, 06 de outubro de 2017.

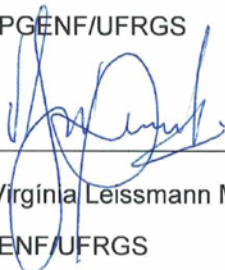
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse
Presidente - PPGENF/UFRGS



Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha
Membro – PPGENF/UFRGS



Profa. Dra. Virgínia Leissmann Moretto
Membro – EENF/UFRGS



Prof. Dr. Luiz Felipe Zago
Membro – ULBRA

Dedico esta vitória ao meu filho, Davi, meu maior amor, minha inspiração, minha fonte de energia para continuar aprendendo, reinventado-me para ser uma pessoa melhor. Filho, razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quando agradecemos estamos demonstrando para o outro a importância do seu apoio em certo momento de nossas vidas. Na maioria das vezes, são coisas simples, feitas sem a mínima pretensão de honras ou méritos; atos como acariciar, cuidar, escutar, falar, filosofar, orientar quando feitos com carinho, sinceridade e amizade passam a ser dignas de *Muito Obrigado*.

Com muito carinho, agradeço às amigas do coração e da vida: Aline Modelski, Fernanda Niemeyer e Helen Mendonça. Vocês me ajudaram a me constituir como enfermeira. Acompanharam-me na faculdade e agora estamos juntas na vida e para sempre. Obrigada por me apresentarem a profe Henriqueta, seu grupo de pesquisa; sem isso eu jamais teria construído esse trabalho.

Aos colegas do mestrado Carla, Charlize, Fernando, Lucas, Tamara que me acompanharam nessa jornada.

À Nice e à Gislaine que encontraram duas mídias que constituíram o corpus de análise deste trabalho, assim me ajudando na construção desta dissertação.

Às gurias do grupo de orientação, queridas, que leram meu trabalho e deram seus “pitacos”, posso dizer que aqui tem um pouco de cada uma de vocês, integrantes do CULT, às que já nos deixaram como Francielle, Mariane, Mona e Tóia e a que permaneceu por aqui a Thais. E em especial a Carla e a Kici, pessoas maravilhosas que encontrei. Muito obrigada por escutarem meus desabafos nos nossos cafés à tarde, por me ajudarem a entender um pouco mais de Foucault. São amigas que levo pra vida e no coração.

À Professora Cristiane Fammer, que amo de paixão. És minha inspiração com tanta generosidade e energia, tantos saberes apreendidos, tanta vontade de saber que fico imaginando que eu nunca chegarei lá, mas que quero estar sempre por perto para aprender mais e mais com alguém que tem muita disposição para ensinar.

À profe Mariene, com seu jeito meigo e tranquilo, ensinou-me que podemos ser arrojadas e construir trabalhos fora da curva. Tua tese é uma das poucas que conciliou Saúde da Mulher, Enfermagem e Foucault. Tua pesquisa trouxe alento, entusiasmo, dúvidas, questionamentos; ajudou-me a colocar meus pensamentos sob suspeita, desacomodou-me e me fez refletir sobre meus modos de pensar a enfermagem.

À profe Virginia, por ser enfermeira e atuante na saúde da mulher. Uma pessoa sensível e alto astral que fez apontamentos preciosos, contribuindo com excelência para esta pesquisa.

Ao Luiz Felipe Zago, pelos trabalhos e pela tese brilhante que escreveu que serviram de inspiração para essa pesquisa. Pela forma poética com que fala e escreve que nos convida a pensar de outros modos a ciência.

Aos meus pais, que são os principais autores e atores da minha vida, por participarem e compartilharem os momentos mais significativos e especiais, tornando eles maravilhosos e inesquecíveis. Por me incentivarem a trilhar os meus caminhos, a ser corajosa e enfrentar os desafios da vida. Por serem avós maravilhosos que o Davi tanto ama.

Ao Vinicius Viana, meu marido, meu amor, por cuidar de mim, do nosso filho pra eu poder escrever, estudar, ler, pensar, pesquisar. Obrigada por me ajudar nas leituras e traduções de texto em Inglês. Obrigada por colocar nossa família sempre em primeiro lugar. Obrigada por me levar pra viajar, passear, descansar e renovar minhas energias pra seguir em frente. Te amo.

Ao mais importante de todos, o ator principal, o protagonista da minha vida, a minha razão de viver, a pessoa que mais amo e sempre amarei, meu filho Davi. Filho, a mãe fez isso por ti, para te mostrar que somos capazes de ir atrás dos nossos sonhos e que somos responsáveis pelos caminhos que trilhamos. Fazemos nossas escolhas, mas elas jamais são definitivas. O mais importante é aprender que podemos voltar atrás, mudar de opinião e se reconstruir, sem medo de julgamentos, mas sempre indo à busca das nossas vontades de saber de acordo com o momento e a história que vivemos.

E por último, agradeço à pessoa que tornou esse trabalho possível, a minha orientadora Maria Henriqueta. Minha *profe* querida, que me aceitou como sua orientanda e investiu nas minhas viagens, que acreditou no meu potencial e no tema proposto nessa pesquisa. Que num momento difícil de sua vida agiu com serenidade me ensinado que as coisas acontecem e que o importante é como a gente lida com isso. Ensinando-me que nem tudo na vida tem explicação ou uma saída milagrosa e que às vezes podemos aceitar as coisas como elas são. Com certeza, foi mais que uma orientadora.

Certamente nem tudo é possível, mas quase tudo pode ser imaginado. Deste modo, as tecnologias médicas contemporâneas não buscam meramente curar doenças, mas controlar e gerenciar processos vitais do corpo e da mente. Elas não são mais apenas tecnologias de saúde, mas tecnologias da vida.

Nicolas Rose

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base nos Estudos Culturais, em sua vertente pós-estruturalista. O objetivo foi analisar publicações de jornais, livros, sites e revistas que veicularam reportagens sobre Gestação de Substituição, para conhecer os discursos que circularam na mídia sobre a temática. Gestação de Substituição está dentre as técnicas que compõem o conjunto da reprodução assistida que combina a fertilização *in vitro* com a implantação do embrião (com o material genético de outrem) no útero da mãe substituta. Para tanto, foram analisadas reportagens cujo tema central eram histórias de sujeitos que participaram do processo de Gestação de Substituição. A análise desse corpus foi fundamentada nas ferramentas propostas por Michel Foucault, especialmente de discurso, enunciado e arquivo. Assumindo a mídia como artefato cultural que nos subjetiva e instiga determinados modos de vida, pretendi realizar uma das possíveis leituras dessas reportagens. Da análise emergiram três marcadores: nos Contos de fadas: uma estratégia discursiva midiática, observei que as histórias são contadas respeitando determinados enredos das tradicionais histórias infantis, posicionando os sujeitos participantes da Gestação de Substituição como heróis. Em Mães substitutas: sujeitos forjados pelos discursos midiático, biomédico e moral, as análises apontaram que os pais biológicos admiram tais mulheres por gestar o filho de outrem. No marcador, A família feliz: uma instituição social reorganizada discursivamente, destacou que as mães biológicas podem vivenciar a gestação, uma gravidez possível e o amor materno. Portanto, minha proposta foi (re)pensar e fazer outras e novas perguntas sobre o tema e suscitar reflexões que possam contribuir para a assistência em saúde dos sujeitos envolvidos no processo de Gestação de Substituição. E, neste sentido, procurar fornecer subsídios para que a Enfermagem (re)pense suas práticas para atender as demandas dessas novas famílias.

Palavras-Chave: Enfermagem. Estudos Culturais. Mães Substitutas. Mídia.

Abstract

This is a qualitative research based on Cultural Studies, in its poststructuralist dimension. The objective was to analyze publications of newspapers, books, websites and magazines that have provided reports on Surrogacy to know the speeches that have circulated in the media about the theme. Surrogacy is among the techniques that make up assisted reproduction that combines in vitro fertilization with the implantation of the embryo (with the genetic material of another) in the uterus of the surrogate mother. For that we have analyzed reports whose central theme were stories of subjects who participated in the process of Surrogacy. The analysis of this corpus was based on the tools proposed by Michel Foucault, especially discourse, statement and archive. Assuming the media as a cultural artifact that subjective and instigates certain ways of life, I intended to carry out one of the possible readings of these reports. From the analysis emerged three markers: In Fairy Tales: a media discursive strategy I observed that the stories are told respecting certain scenarios of the traditional children's stories, positioning the subjects participating in the Surrogacy as heroes. In Surrogate mothers: subjects forged by the media, biomedic and moral discourses, the analyses pointed out those biological parents admire such women for gestating the child of another. In the bookmark, The Happy Family: a social institution discursively reorganized, emphasized that biological mothers can experience gestation, a possible pregnancy and maternal love. Therefore, my proposal was to (re)think and make other and new questions on this topic and to raise reflections that could contribute to the health care of the subjects involved in the Surrogacy process. And, in this sense, seek to provide subsidies for Nursing to (re)think their practices to meet the demands of these new families.

Key-Word: Nurse. Surrogate Mothers. Cultural Studies. Media. Qualitative Research.

RESUMEM

Se trata de una investigación cualitativa basada en los Estudios Culturales, en su vertiente post-estructuralista. El objetivo fue analizar publicaciones de periódicos, libros, sitios y revistas que vehicularon reportajes sobre Gestación de Sustitución, para conocer los discursos que circularon en los medios sobre la temática. La gestación de sustitución está entre las técnicas que componen el conjunto de la reproducción asistida que combina la fertilización in vitro con la implantación del embrión (con el material genético de otro) en el útero de la madre sustituta. Para ello, se analizaron reportajes cuyo tema central eran historias de sujetos que participaron en el proceso de Gestación de Sustitución. El análisis de este corpus fue fundamentado en las herramientas propuestas por Michel Foucault, especialmente discurso, enunciado y archivo. Asumiendo los medios como artefacto cultural que nos subjetiva e instiga determinados modos de vida, pretendo realizar una de las posibles lecturas de esos reportajes. En el análisis surgieron tres marcadores: “en los cuentos de hadas”: una estrategia discursiva de los medios de comunicación- observé que las historias son contadas respetando determinados enredos de las tradicionales historias infantiles, posicionando a los sujetos participantes de la Gestación de Sustitución como héroes. En Madres substitutas: tema forjada por los discursos de los medios de comunicación, discursos y biomédica - las análisis señalaron que los padres biológicos admiran a estas mujeres por gestar al hijo de otro. En el marcador “la familia feliz: una institución social reorganiza discursivamente - destacó que las madres biológicas pueden experimentar la gestación, un embarazo posible y el amor materno. Por lo tanto, mi propuesta fue (re)pensar y hacer otras y nuevas preguntas sobre el tema y suscitar reflexiones que puedan contribuir a la asistencia en salud de los sujetos involucrados en el proceso de Gestación de Sustitución. Y, en este sentido, proporcionar subsidios para enfermería (re) pensar sus prácticas para satisfacer las demandas de estas nuevas familias.

Palabras clave: Enfermería. Estudios Culturales. Madres Sustitutas. Medios. Investigación Cualitativa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CFM	Conselho Federal de Medicina
CG	Correio de Gravataí
CNJ	Conselho nacional de Justiça
DC	Diário de Cachoerinha
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
FIV	Fertilização in-vitro
EUA	Estados Unidos da América
hCG	Hormônio gonadotrofina coriônica

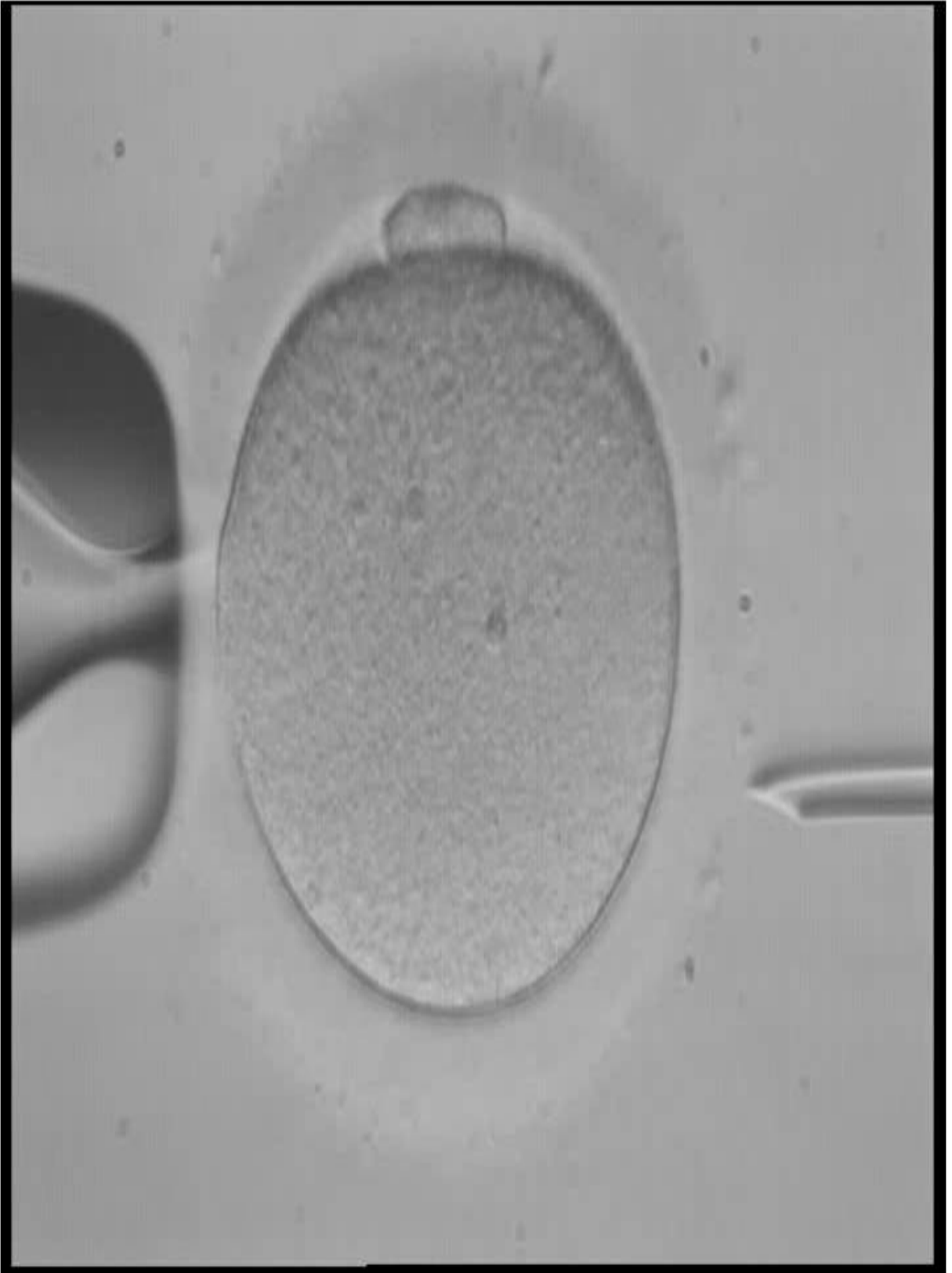
LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Princesa mãe biológica.....	44
Figura 2 – Casal apaixonado.....	47
Figura 3 – O triunfo	52
Figura 4 – A benção 1	53
Figura 5 – A benção 2	53
Figura 6 - Casal e a mãe de um deles.....	58
Figura 7 - Álbum de gravidez	58
Figura 8 – Curtindo a gestação	68
Figura 9 - A nova gestação.....	69
Figura 10 - O chá de fraldas da princesa.....	70
Figura 11- Amamentando a princesa.....	73

SUMÁRIO

1 FERTILIZANDO IN-TRODUÇÃO	14
2 DNAs DA GESTAÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO	20
3 GERANDO A DISSERTAÇÃO: O MÉTODO	34
4 DAS HISTÓRIAS QUE NOS CONTAM	42
4.1 CONTOS DE FADAS:UMA ESTRATÉGIA DISCURSIVA MIDIÁTICA	43
4.2 DAS MÃES SUBSTITUTAS: SUJEITOS FORJADOS PELOS DISCURSOS MIDIÁTICO, BIOMÉDICO E MORAL	55
4.3 A FAMÍLIA FELIZ: UMA INSTITUIÇÃO SOCIAL REORGANIZADA DISCURSIVAMENTE	66
5 PERÍODO EXPULSIVO	76
REFERÊNCIAS	79
MÍDIAS ANALISADAS	89
ANEXOS	91
Anexo A – Reportagem do Site G1	92
Anexo B - Reportagem 1 da Folha On-line	96
Anexo C - Reportagem 2 da Folha On-line	97
Anexo D – Reportagem 3 da Folha On-line	99
Anexo E – Reportagem da Zero Hora	100
Anexo F – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 28 de março de 2016	105
Anexo G – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 29 de março de 2016	106
Anexo H – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 30 de março de 2016	107
Anexo I – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 08/09 de abril de 2016	108
ANEXO J – Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 28 de março de 2016	109

Anexo K - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha e 29 de março de 2016	110
Anexo L - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 30 de março de 2016	111
Anexo M - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 31 de março de 2016	112
Anexo N – Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 08 de abril de 2016.....	113
Anexo O – Capa do livro Gerando Amor	114
Anexo P – Reportagem da revista Marie Claire.....	115
Anexo Q – Capa do livro Minhas Duas Meninas	118



1 FERTILIZANDO IN-TRODUÇÃO

*Quem sai aos seus não é de Genebra.*¹
Provérbio Português

A maternidade encanta-me, e um dos motivos, dentre outros, é o meu filho. Um bom exemplo seria quando ele pronuncia frases, por exemplo: *mamãe, eu não posso comer feijão porque eu não gosto*. Eu me preocupo com o fato de não comer feijão, mas o que me encanta é a complexidade do pensamento dele. Observo, admiro e penso: que inteligente, com apenas três anos pronuncia uma frase com todos seus elementos: vocativo, oração principal; com sujeito, verbo e predicado, oração subordinada causal com a conjunção adequada. E aí vem o pai dele e diz: *“eu, também, não gostava de feijão quando era pequeno”*. Pronto, explicado, *quem sai aos seus não degenera*.

Esse provérbio é conhecido e dito por muitas pessoas para se referir à semelhança entre pais ou mães e filhos. Nacinha (2009) explica que este ditado popular é uma afirmação que o ser humano está condicionado a sua formação biológica, quando recebe um conjunto de genes dos seus pais. Estas convicções fundamentadas no senso comum condicionam o desenvolvimento humano ao conjunto de características biológicas e corporais herdadas geneticamente dos pais.

Percebo que essas características possuem um papel significativo na atualidade, principalmente para identificação entre mães, pais e filhos na busca do fortalecimento do vínculo afetivo com sua prole. Além disso, esta busca pelas características identitárias: biológicas, genéticas e comportamentais, entre os descendentes, perpassam os saberes médicos, já que problemas de saúde pesquisados nas histórias da saúde pregressa têm relação com a herança genética.

Considerando a importância de ter filhos com sua herança genética, a tecnologia vem inventando modos para casais inférteis constituírem uma família. A maneira mais conhecida é a reprodução assistida, e a inventada recentemente é a Gestação de Substituição ou doação de útero temporária, popularmente conhecida como *barriga de aluguel ou barriga solidária*.

¹ Provérbio português apontado pelos gramáticos como a forma originária do provérbio “Quem sai aos seus não degenera”(Dicio, 2017).

A reprodução assistida e a Gestação de Substituição ampliaram seu “público alvo” para além de casais heteroafetivos. Atualmente, é uma técnica que está disponível tanto para casais homoafetivos ou heteroafetivos, como para solteiros (as): mulheres e homens que por algum motivo não puderam ter filho biológico. Segundo Martha Ramírez-Galvez (2003), as tecnologias existem para dar conta do desejo das pessoas inférteis terem filhos. E já que elas existem, seu acesso é um direito inalienável. Isso significa pensar a RA como um dispositivo, no sentido de Michel Foucault (2007): um conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, decisões regulamentares, enunciados científicos, epistemológicos e éticos que formam uma rede discursiva. Tal rede captura sujeitos, especialmente os usuários e os fornecedores desses serviços.

Para a Gestação de Substituição ser uma possibilidade em nossa sociedade, primeiro foi inventada a reprodução assistida. Segundo Marilena Côrrea (2001), dentre as técnicas que compõem o conjunto da reprodução assistida, destacam-se: a fertilização *in vitro* (FIV) e suas variantes; a inseminação artificial; a doação de óvulos, sêmen e embriões; o “empréstimo” de útero; o congelamento de embriões; o diagnóstico genético pré-implantatório; o *assisted-hatching*² e as pesquisas com embriões.

Portanto, a Gestação de Substituição é uma técnica de reprodução assistida em que o material genético dos doadores é inserido para ser gestado e parido pelo corpo de outrem. Para que a Gestação de Substituição seja aconselhada, existem algumas condições clínicas para tal indicação, tais como: casos de Síndrome de Rokitansky (ausência congênita do útero), em pacientes hysterectomizadas (que tiveram o útero retirado), em casos de alterações anatômicas do útero que inviabilizem a gravidez, em casos de abortamento de repetição sem causa, ou outros casos de contraindicação clínica à gravidez (BADALOTTI, 2010). Nesses casos, o médico é o responsável em atestar a infertilidade na mulher.

A partir da leitura desses discursos, um dos primeiros posicionamentos que assumi quando comecei a ler sobre a temática foi a opção pelo termo novas tecnologias reprodutivas. Esta é uma expressão mais usada por feministas,

² *Assisted hatching* (AH) é o desgaste artificial da zona pelúcia do embrião (obtido pela fertilização *in vitro*) na tentativa de melhorar as suas chances de implantação no útero.

destacando o aspecto técnico da intervenção nas pessoas. Já reprodução assistida subentende o auxílio médico para a procriação (LUNA, 2000).

Outro posicionamento que assumi foi optar pelo termo Gestação de Substituição. Penso que, além de emprestar um útero para gestar a criança, empresta-se um estômago, um cérebro, todo um sistema endócrino que irá modificar a gestante, entre outros. Possivelmente, a gestante terá: enjoos, sono, mal-estar, ganho de peso e todos os desconfortos da gestação. Por meses, essa gestante terá seu corpo aprisionado para que alguém realize o sonho de ser mãe e no final não será “premiada” com o filho nos braços. Portanto, julgo apropriado, em respeito às mulheres, não reduzir seu ato de doação a um órgão, mas sim pensar nessa mulher como um todo.

A partir dessas considerações, acho inadequado o apelido “barriga de aluguel” por dois motivos: no Brasil a doação temporária de útero não pode ser objeto de lucro, conforme as regulamentações brasileiras e por entender que o corpo da mulher está envolvido nesse processo, não somente a barriga. Portanto, atrevo-me a sugerir pensarmos como *corpo solidário*.

Uma invenção produzida por novos saberes precisa ser legitimada e regulamentada para não gerar desordem na vida dos sujeitos. Desta forma organizada, as mudanças são conduzidas em defesa da sociedade. Zigmunt Bauman (1998) emprega a metáfora da legislação para caracterizar o papel dos intelectuais na construção da ordem. Ao Estado, reservou-se a metáfora de jardineiro que protege a cultura moderna combatendo as pragas para que não se torne uma selva.

No Brasil, quem regulamenta e legitima essa prática de gestação é o Conselho Federal de Medicina (CFM). Tais assuntos são abordados por Resoluções desde o ano de 1992 até a Resolução 2.121/15 que versam sobre a RA, sendo a Gestação de Substituição ou doação temporária de útero abordada em parágrafos do anexo dessa Resolução. Na regulamentação da Gestação de Substituição existem algumas lacunas, sendo uma delas a falta de leis no Brasil, por exemplo, o que acarreta dificuldades para realização de algumas etapas do processo em nosso país (GOZZO, 2016).

A maternidade é muito significativa na minha vida e minha trajetória como enfermeira atuante na área da pediatria, desde minha formação acadêmica. Faz com que eu me sensibilize e me solidarize com as pessoas que não podem ter

filhos. Com o intuito de ajudar essas pessoas, comecei a ler sobre outros jeitos de ter filhos, assim li sobre adoção e Gestação de Substituição. Minhas buscas foram feitas na internet, no site *Google*. Nele, encontrei links de reportagens, entrevistas com pessoas que participaram do processo de Gestação de Substituição, localizei provimentos jurídicos e jurisprudências sobre o tema. Encontrei as resoluções do Conselho Federal de Medicina que regulamentam esse processo e alguns sites que discutem tais regulamentações no Brasil.

Outra busca que realizei foi em bancos de dados de teses e dissertações, para conhecer o que é estudado, pensado, produzido, pesquisado sobre Gestação de Substituição. Nessa busca, encontrei teses ou dissertações que falam sobre o tema Gestação de Substituição sob diferentes aspectos. Percebi que em algumas áreas estão mais silenciadas, especialmente na área da saúde, sobretudo se considerarmos a Gestação de Substituição como possibilidade para casais inférteis, o que demanda cuidados aos sujeitos envolvidos nesse processo.

A partir dessas buscas, conheci histórias e vivências que despertaram meu interesse. Ao ver, ouvir e ler tais reportagens, surgiram algumas questões: o que leva pessoas a desejarem um filho com a sua heranç a genética, desprezando as demais possibilidades de paternidade e maternidade? Qual o efeito da Gestação de Substituição nas pessoas envolvidas no processo, tais como pais, filho ou mulher que emprestou seu corpo? Como o corpo de um sujeito subjetiva-se para realizar o desejo de outro? Como um corpo torna-se solidário? Apresento essas questões no intuito de refletir sobre os sujeitos que desejam ter filhos com sua heranç a genética e sobre aquelas que emprestam seu útero para tal gestação.

Essas inquietações foram provenientes das leituras de textos pós-estruturalistas, com ênfase nas ideias de Michel Foucault, principalmente dos textos que abordam m dias, constituição do sujeito, corpo e gênero. Rosa Fischer (2002) confere   média o estatuto de dispositivo pedagógico e chama atenção para a importância que ela assume, ocupando um papel central nos processos de constituição do sujeito pós-moderno, nos modos de ser homem e mulher.

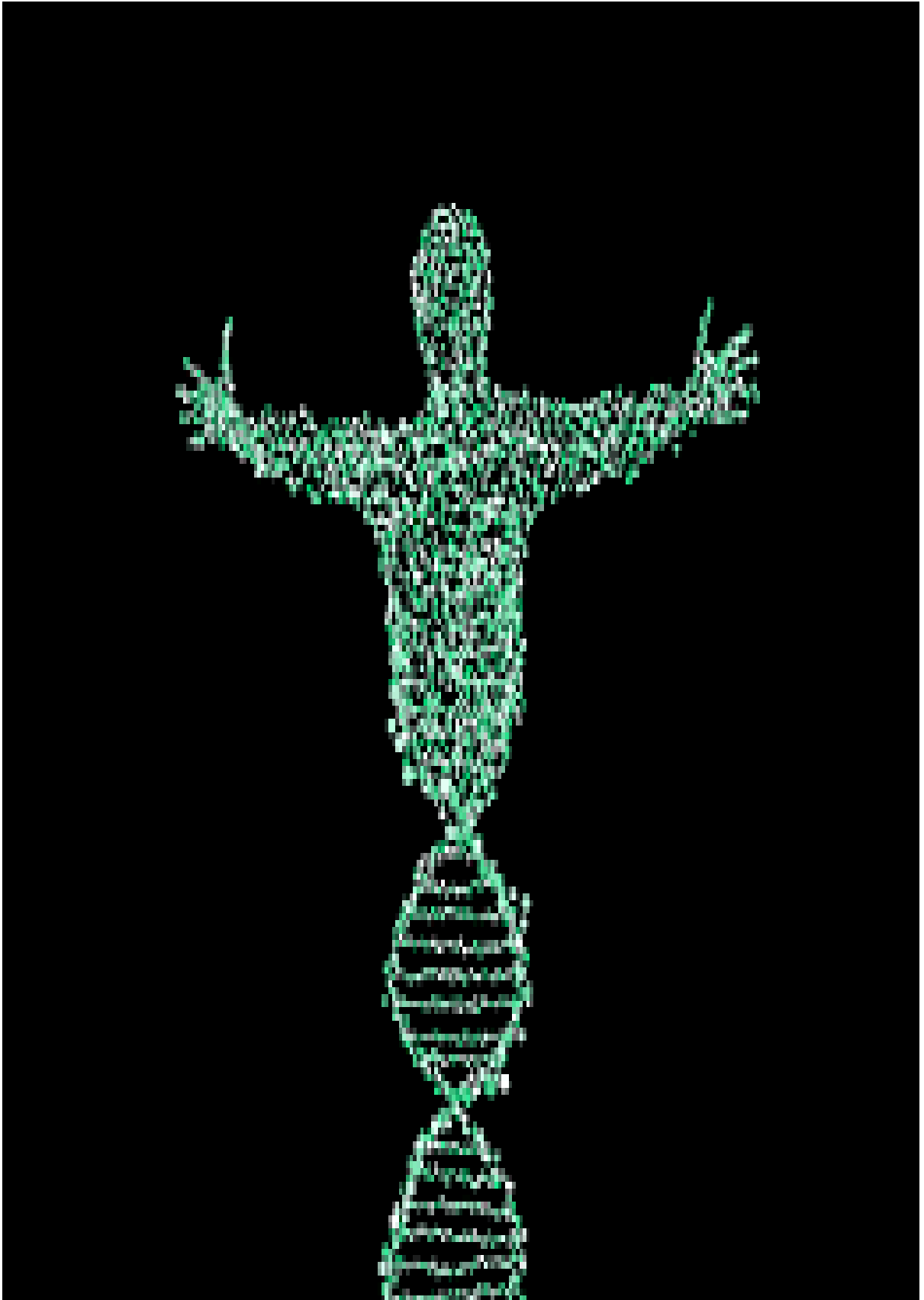
Cristianne Rocha (2012) refere que a m dia é espaço de circulação de saberes e conhecimentos e que, por meio dela e do uso de determinadas técnicas e tecnologias, exercitam-se jogos de poder pelos quais estamos sempre sendo capturados. Caciane Medeiros (2014) destaca a média como um lugar de poder; não o poder que vigia ou ameaça, mas o poder que regulariza a versão possível –

condicionada em uma prática técnica e ideológica. Entende que o poder não é da mídia – como detentora manifesta das versões escolhidas ou dotadas de intenção lógica e clara, mas é exercido e regulado por forças ideológicas que são, antes, políticas, econômicas e sociais.

Após pesquisar sobre os dois discursos, o científico e o midiático, aqui considerados poderosos e constituintes de modos de vida, optei por estudar a mídia, concordando com Lisiane Pruinelli (2009) quando aponta que examinar os discursos midiáticos que constituem os usuários dos serviços de saúde contribui para o fazer da enfermagem. Assim, proponho estudar as mídias no sentido de compreender as diferentes posições de sujeito dos participantes do processo de Gestação de Substituição, bem como seus sentidos na atualidade.

Seguindo os conselhos de Fischer (2004), preocupei-me em não cair na mesmice dos questionamentos a respeito da influência da média sobre crianç as, jovens, adultos ou idosos. Busquei seguir outro caminho, procurando compreender a importância da média na veiculação das histórias sobre Gestação de Substituição. Assim, formulei as seguintes questões para esta pesquisa: quais são os discursos da média sobre Gestação de Substituição? Como tais discursos posicionam os sujeitos que participam desse processo? Como se articulam os discursos da média sobre Gestação de Substituição? Como são contadas as histórias de quem participa deste processo? Para responder às questões de pesquisa, proponho analisar publicações de jornais, livros, sites e revistas que veicularam reportagens sobre Gestação de Substituição, para conhecer os discursos que circularam na média sobre a temática.

Assim, não pretendo efetuar julgamento de valor acerca da Gestação de Substituição. Também não pretendo descrever de que forma esse processo ocorre ou deveria ocorrer. Então, o que me proponho é pensar, ponderar, falar, comentar, escrever sobre inquietações que me atravessam, com o intuito de fornecer subsídios para que a Enfermagem (re)pense suas práticas quando atende às demandas dessas novas famílias, tornadas possíveis pelos avanços da tecnologia.



2 DNAs DA GESTAÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO

Redistribuições recorrentes, na história, fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes, várias tecnologias para uma única e mesma ciência, à medida que seu presente se modifica. (FOUCAULT, 2000. p. 5)

Mariângela Badalotti (2010) explica que a Gestação Substitutiva   transferência de embriões gerados com os gametas do casal que busca o filho para o útero de uma mulher que o alugue ou empreste. A Gestação de Substituição pode ser pensada como possibilidade depois da invenção das técnicas de reprodução assistida, dentre elas a técnica de fertilização *in vitro*, também conhecida como bebê de proveta, desenvolvida por Robert Edwards e Patrick Steptoe. Em 1978, na Inglaterra, nasceu o primeiro bebê de proveta do mundo, Louise Brown. E no Brasil, Anna Paula foi o primeiro bebê de proveta e nasceu em 1984.

Popularmente, a Gestação Substitutiva   reconhecida por dois termos: barriga de aluguel e barriga solidária. O primeiro refere-se ao pagamento para gestar. De acordo com Tatiana Leite (2014) e Camila Vendrami (2010), essa prática é permitida em alguns lugares do mundo, por exemplo, na Califórnia, nos Estados Unidos; na  ndia, Nepal, Rússia, Ucrânia e em alguns Estados da Austrália. Na Tailândia, a barriga de aluguel é permitida somente para cidad es tailandeses com o objetivo de evitar o turismo procriativo.

O segundo termo é utilizado quando alguém empresta o útero para gestar o filho de outrem, sem recompensa financeira; porém, os custos da gestação ficam a cargo dos pais genéticos da crianç a. Esta prática é regulada na maioria dos países, tais como Austrália, Brasil, Canadá, Dinamarca, Holanda, Israel, Inglaterra e na maioria dos estados dos Estados Unidos, entre outros. No Brasil, a gratuidade dessa prática é imposta pelas normas éticas e legais que regem a reprodução assistida. Tal situação   consequência dos mesmos princípios referentes à doação de gametas, uma vez que o corpo humano e suas substâncias não podem ser objetos de comércio em nosso país

A partir dessas novas possibilidades de gestação, dilemas  ticos surgiram e passaram a ser discutidos, principalmente pelas áreas do Direito e da Saúde. Tanto a prática da fertilização *in vitro* quanto o exame de DNA, contribuíram para que os dilemas sobre maternidade e paternidade fossem normatizados. Pai e mãe são os

portadores do material genético da criança, em caso de barriga de aluguel. Steptoe enfatiza que:

uma distinção deve ser feita entre barriga de aluguel em que o óvulo é doado pela mãe de aluguel, e barriga de aluguel induzida pela fertilização in-vitro usando o óvulo e o esperma dos pais em comissionamento. No segundo caso, a criança é filha dos pais que detêm material genético, o que elimina as dúvidas sobre a filiação da criança e, provavelmente, a questão da mãe de aluguel desistir da criança. (STEPTOE, 1987. p. 1688) (Traduzido pela autora)³

Assim, esse novo saber implicou novos dilemas éticos que passaram a ser pensados e discutidos. Winslade observa que:

sucesso da fertilização in-vitro tem dado esperança a muitos casais sem filhos, mas não eliminou todos os problemas de fertilidade. Nos EUA, é relatado que muitos casais que não podem ou não desejam adotar estão empregando mães de aluguel para ter filhos, mas acredita que a prática é problemática porque existem inúmeras questões legais e morais não resolvidas. (WINSLADE, 1981, p. 153) (Traduzido pela autora)⁴.

O envolvimento de um terceiro na gestação seria um dos pontos de discussão ética em relação à Gestação de Substituição. Badalotti (2010) refere que a presença de um terceiro deve ser tratada com cuidado, tendo em vista a instrumentalização da pessoa, evitando que ela não seja tratada como um meio. Na opinião dela, destaca os riscos de exploração de mulheres economicamente vulneráveis que não avaliam adequadamente os riscos de procedimento em função da vantagem econômica.

Sallema Nosarka (2005, p. 942) comenta que “a Gestação de Substituição é muitas vezes o último recurso para o casal infértil, sendo um método moralmente desafiador de reprodução assistida com muitas implicações legais, sociais, éticas e psicológicas” (Traduzido pela autora)⁵. Nosarka aponta, ainda, que “alguns autores argumentam que, no caso de mãe de aluguel desconhecida, esse tipo de arranjo

³ “a distinction should be made between surrogacy of the kind arranged commercially, in which the ovum is contributed by the surrogate, and surrogacy induced by in vitro fertilisation using the commissioning parents’ovum and sperm. The outcome of the second procedure is that the child is the genetic offspring of the commissioning parents, which eases doubts about the status of the child and, probably, the question of the surrogate mother giving up the child.” (STEPTOE, 1987, p 1688.).

⁴ “The success of invitro fertilisation has given hope to many childless couples, but it has not eliminated all problems of infertility. In the US, it is reported that many couples unable or unwilling to adopt are employing surrogate mothers to have children. That the practice is becoming more common is problematic because there are numerous unresolved legal; and moral questions.” (WINSLADE, 1981, p. 153).

⁵ “surrogacy is often a last-resort attempt for the infertile couple. It is morally challenging method of assisted reproduction with many legal, social, ethical and psychological implications.” (NOSARKA, 2005, p. 942).

pode ser problemático, uma vez que depende da confiança entre estranhos” (NOSARKA, 2005, p. 942) (Traduzido pela autora)⁶.

A gestação a dois, geralmente por um casal heteroafetivo, no qual a mulher que está gestando a criança será a mãe é o que entendemos como habitual na atualidade. Segundo Nikolas Rose (2011), ingressamos na era do ‘controle biológico’, em que a biologia não impõe limites às ambições humanas. Seguindo esses pensamentos, a Gestação de Substituição pode ser entendida como tentativa de restabelecer a maneira natural de ter um filho, como forma de controle da reprodução humana e garantia da transmissão da herança genética. Porém, para que a Gestação de Substituição seja pensada, é necessário normalizá-la não controlando apenas o produto final e sim todo o desenvolvimento do processo, conduzindo as condutas dos sujeitos participantes.

No Brasil, não existe uma lei específica que trate do assunto Gestação de Substituição. Algumas regulamentações desse processo são feitas por meio de resoluções do Conselho Federal de Medicina (CFM), por um provimento da Corregedoria Nacional de Justiça (CNJ) e pela lei 9.434/97 que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Tais regramentos propõem regularizar, normalizar e disciplinar os corpos participantes da Gestação de Substituição. Para isso, o CFM elaborou resoluções que explicam, organizam e delimitam quem pode participar, as etapas a serem respeitadas durante o processo, os documentos necessários, os profissionais de saúde que participam desse processo, entre outras.

O primeiro bebê de proveta brasileiro nasceu em 1984. Somente alguns anos depois, em 1992, o CFM institui no Brasil normativas sobre Gestação de Substituição. Desde esta data até hoje foram elaboradas quatro resoluções que regulamentam essa condição de maternidade/paternidade, ou seja, a constituição de família. A primeira foi a Resolução 1.358/1992 que versa sobre normas éticas de reprodução assistida e Gestação de Substituição. Ela é composta por dois artigos e um anexo com sete títulos, e a Gestação de Substituição é abordada no título VII. Nela consta que, no Brasil, a Gestação de Substituição não pode ter fins lucrativos para a doadora de útero, por isso não é permitido o aluguel de um útero, conhecido pelo termo barriga de aluguel.

⁶ “some authors argue that in the case of the unknown surrogate mother, this type of arrangement could be problematic as it depends on trust between strangers.” (NOSARKA, 2005, p. 942).

As clínicas, centros ou serviços de reprodução humana podem usar técnicas de reprodução assistida para criarem a situação identificada como Gestação de Substituição, desde que exista um problema médico que impeça ou contra-indique a gestação na doadora genética.

1 - As doadoras temporárias do útero devem pertencer à família da doadora genética, num parentesco até o segundo grau, sendo os demais casos sujeitos à autorização do Conselho Regional de Medicina.

2 - A doação temporária do útero não poderá ter caráter lucrativo ou comercial. (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1992, p.4)

A Resolução 1957/2010 apresenta novo item que aborda a reprodução assistida *post mortem* e, em adendo, refere-se à falta de legislação jurídica sobre o tema no Brasil. Essa resolução destaca que a RA não constitui ilícito ético, desde que haja autorização prévia específica do(a) falecido(a) para o uso do material biológico preservado, de acordo com a legislação vigente. O adendo tem a seguinte redação:

No Brasil, até a presente data, não há legislação específica a respeito da reprodução assistida. Transitam no Congresso Nacional, há anos, diversos projetos a respeito do assunto, mas nenhum deles chegou a termo. Considerando as dificuldades relativas ao assunto, o Conselho Federal de Medicina produziu uma resolução – Resolução CFM nº 1.358/92 – orientadora dos médicos quanto às condutas a serem adotadas diante dos problemas decorrentes da prática da reprodução assistida, normatizando as condutas éticas a serem obedecidas no exercício das técnicas de reprodução assistida. A Resolução 1.358/92 mostrou-se satisfatória e eficaz, balizando o controle dos processos de fertilização assistida. Porém, dezoito anos após, considerando os avanços técnico-científicos e modificações de condutas éticas por parte da sociedade, o Conselho Federal de Medicina decidiu, junto com representantes da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida, da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia e da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, sob a coordenação do conselheiro federal José Hiran da Silva Gallo, revisar a resolução em comento, adaptando-a à evolução tecnológica e modificações de comportamento social. Esta é a visão da comissão formada, que trazemos à consideração do plenário do Conselho Federal de Medicina. (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1992, p.5)

A Resolução do CFM 2013/2013 inclui casais homoafetivos, no *caput* da resolução. Ela recomenda que as clínicas de reprodução humana podem usar técnicas de reprodução assistida para Gestação de Substituição desde que exista um problema médico que impeça ou contraindique a gestação na doadora genética ou em caso de união homoafetiva. Essa resolução ampliou o grau de parentesco da doadora consanguínea de um dos parceiros de 2º grau para até 4º grau ⁷ e limita a idade da doadora do útero em até 50 anos.

⁷ Parentes femininos de primeiro grau, mãe; segundo grau, irmã ou avó; terceiro grau, tia e quarto grau, prima.

O artigo três traz, pela primeira vez, a documentação necessária para estabelecimento de um contrato entre doadora e contratante do útero, enfatizando que as clínicas devem solicitar a fim de se precaver de responsabilidade sobre discussões de maternidade/paternidade na justiça. Também adverte quanto às questões psicológica, orientando a solicitação de relatório médico com o perfil psicológico, atestando adequação clínica e emocional da doadora temporária do útero, no artigo VII (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2013).

A Resolução de 2121/2015, vigente no momento, é a que normaliza as regras de Gestação de Substituição. Essa Resolução mantém as mesmas regras para casais homoafetivos e heteroafetivos, conservando o grau de parentesco da doadora até 4º grau e mantém o caráter não lucrativo. No entanto, altera alguns termos quanto à documentação exigida pelas clínicas tais como:

- 3 Nas clínicas de reprodução assistida, os seguintes documentos e observações deverão constar no prontuário do paciente:
 - 3.1. Termo de consentimento livre e esclarecido informado assinado pelos pacientes e pela doadora temporária do útero, contemplando aspectos biopsicossociais e riscos envolvidos no ciclo gravídico-puerperal, bem como aspectos legais da filiação;
 - 3.2. Relatório médico com o perfil psicológico, atestando adequação clínica e emocional de todos os envolvidos;
 - 3.3. Termo de Compromisso entre os pacientes e a doadora temporária do útero (que receberá o embrião em seu útero), estabelecendo claramente a questão da filiação da criança;
 - 3.4. Garantia, por parte dos pacientes contratantes de serviços de RA, de tratamento e acompanhamento médico, inclusive por equipes multidisciplinares, se necessário, à mãe que doará temporariamente o útero, até o puerpério;
 - 3.5. Garantia do registro civil da criança pelos pacientes (pais genéticos), devendo esta documentação ser providenciada durante a gravidez;
 - 3.6. Aprovação do cônjuge ou companheiro, apresentada por escrito, se a doadora temporária do útero for casada ou viver em união estável. (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2015, p.6-7)

Assim, verifiquei que não existe lei que trate da Gestação de Substituição. O que existe são regulamentos com base nos saberes médico e jurídico. Contudo, tais regramentos constituíram um regime de verdade que permite e legitima a formação de famílias por casais inférteis que desejam filhos com sua herança genética.

Em março de 2016, a Corregedoria Nacional de Justiça do Conselho Nacional de Justiça emitiu o provimento número 52 que assegura aos pais genéticos da criança nascida por Gestação de Substituição o registro em cartório sem prévia autorização do juiz. Para que os pais registrem seu filho, não é mais necessário recorrer à justiça, apenas apresentar no cartório documentos pessoais, a Declaração

de Nascido Vivo e a declaração do diretor técnico da clínica ou serviço de reprodução assistida, indicando a técnica adotada. Além destes documentos, no caso de Gestação de Substituição, deverão apresentar, também, o termo de consentimento prévio da doadora do útero autorizando o registro da criança por outrem e o termo de aprovação prévia do cônjuge da mulher que emprestou o útero autorizando a realização do procedimento de Gestação de Substituição (BRASIL, 2016).

A Lei 9.434/97 (BRASIL, 1997), que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento, veta o comércio de órgãos e tecidos humanos. No seu art.1º, a disposição gratuita de tecidos, órgãos e partes do corpo humano, em vida ou *post mortem*, para fins de transplante e tratamento, fica permitida. E no art. 2º são excluídos dessa lista óvulos, esperma e sangue. O art. 9º permite que pessoa juridicamente capaz possa dispor gratuitamente de tecidos, órgãos e partes do próprio corpo para fins terapêuticos ou para transplantes em cônjuge ou parentes consanguíneos até o quarto grau, ou em qualquer outra pessoa, mediante autorização judicial, dispensada em relação à medula óssea. No entanto, o doador deverá autorizar, preferencialmente por escrito e diante de testemunhas, o tecido, órgão ou parte do corpo que será objeto da retirada.

O art. 15 desta mesma Lei veda a compra ou venda de tecidos, órgãos ou partes do corpo humano e prevê pena de reclusão de três a oito anos, e multa de 100 a 150 dias-multa para quem o fizer. Uma das possíveis interpretações que podem ser dadas no meio jurídico para criminalização do processo da barriga de aluguel é dada por Ravênia Leite (2009), quando refere que, do ponto de vista criminal, há aqueles que entendem que não há tipificação legal no processo de barriga de aluguel. Os argumentos utilizados destacam que, durante a gestação, é que se forma a placenta, considerada pela medicina como um anexo embrionário existente apenas na classe dos mamíferos, através da qual ocorrem as trocas entre a mãe e seu filho.

A placenta é também órgão endócrino importante na gravidez, envolvida na produção de diversos hormônios: progesterona, gonadotrofina coriônica (hCG), hormônio lactogênio placentário, estrogênio (principalmente o estriol). Portanto, alguns juristas entendem que os pais doadores do material genético, ao contratarem a gestora do seu filho por meio de pagamento, estariam “comprando” a placenta

podendo ser enquadrados no art. 15 da referida Lei. Desse modo, podemos perceber que muito ainda deve ser regulado a respeito de tal possibilidade, ainda recente.

Para mostrar como se arquitetaram esses saberes que possibilitam casais inférteis de terem filhos, realizei uma revisão nas seguintes bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Pubmed, Scielo e Scopus entre novembro de 2016 e abril de 2017. As mães substitutas, de acordo com Descritores em Ciências da Saúde (2017), são definidas como mulheres que se deixam engravidar com o acordo de que o filho será doado aos pais que as comissionaram para este fim.

A questão de pesquisa que norteou a revisão foi: do que tratam os artigos publicados sobre Gestação de Substituição nos últimos 10 anos? Tal revisão objetiva analisar o conhecimento produzido sobre mães substitutas e, desta forma, contribuir para o aprofundamento da discussão sobre a temática proposta, visando auxiliar na identificação de lacunas de conhecimento da temática pesquisada. Para tanto, o descritor utilizado foi mães substitutas e suas respectivas traduções, madres substitutas em espanhol, e *surrogate mothers* em inglês, conforme consulta ao Descritor na Biblioteca Virtual de Saúde.

Como critérios de inclusão, utilizei artigos de pesquisa dos últimos 10 anos (2007 a 2017) nas línguas espanhola, inglesa e portuguesa (Brasil), disponíveis em texto completo, sendo o limite da pesquisa a gestação em humanos. Este critério foi relevante na inclusão de artigos devido à Gestação de Substituição ser uma técnica de reprodução assistida utilizada, também, em animais, principalmente na agropecuária para diminuir custo na criação de gado. Os critérios de exclusão de estudos foram: publicações de anais de congressos, editoriais, artigos de opinião, resumos e textos que não eram de livre acesso.

A partir dos descritores foram encontrados 77 artigos sobre a temática, sendo 09 no Lilacs, 55 no Pubmed, 09 no Scielo e 04 no Scopus. Após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos artigos que não eram relacionados à pergunta norteadora e os artigos repetidos. Assim, a amostra constitui-se de 16 artigos. Após, procedeu-se a leitura interessada, a fim de responder a questão de pesquisa.

Em uma primeira análise dos artigos, pude observar que, em relação ao período de publicações, 2015 e 2010 foram os anos com maior número de publicações sobre a temática com quatro artigos, 2014 com três artigos publicados,

2013 e 2011 com dois artigos em cada ano e 2012 com um artigo por ano. Nos anos de 2007, 2008, 2009, 2016 e 2017 não foram encontrados artigos publicados nessas bases de dados.

Quanto à área de atuação do primeiro autor, foi evidenciado que na maioria destes os autores têm formação em medicina, totalizando 10 publicações nesta área do conhecimento. Outros autores têm formação em Direito, Psicologia, Farmácia, Biomedicina e Antropologia. O país com maior número de publicação sobre a temática é o Reino Unido com cinco publicações, seguido do Brasil com três publicações. Outros países, tais como Argentina, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Portugal e Suécia tiveram um artigo cada nos últimos 10 anos.

No que se refere ao tipo de estudo, 11 são qualitativos e seis quantitativos. Quanto à metodologia utilizada nas pesquisas, em três artigos foram realizadas entrevistas e técnicas de observação com pais e mães que participaram do processo de Gestação de Substituição e três artigos entrevistaram as mães substitutas; destes, dois estudos incluíam na entrevista crianças nascidas por Gestação de Substituição. Os outros artigos eram estudos de caso e análise documental de leis, jurisprudência, pareceres, provimentos jurídicos e regulamentos profissionais.

Um fato muito discutido e estudado nas pesquisas é o turismo procriativo na Índia. Alguns autores discutem a exploração do corpo das mulheres indianas sendo as condições culturais e sócio-econômicas da população facilitadoras dessa situação. A análise aponta facilidades na Índia que permitem arranjos de Gestação de Substituição. Destaca que a exploração das mulheres indianas é atribuída à pobreza, à submissão das mulheres ao marido e à vulnerabilidade da população. Argumentam que o fato da população falar inglês facilita o turismo procriativo no país (JIMENEZ, 2010; SREENIVAS, 2010).

Mulheres pobres e de sociedades patriarcais estão mais sujeitas à exploração, destaca José Guzmán (2012). Outro autor utiliza o termo *Fazenda de Bebês* para designar como o negócio de aluguel de útero é crescente na Índia (ANU, 2013). Kiran Sreenivas (2010) destaca que essa indústria é crescente na Índia e movimenta cerca de 6 bilhões de dólares por ano. Anu (2013), Guzmán (2012), Mônica Jiménez (2010) e Sreenivas (2010) também referem que o custo na Índia da Gestação de Substituição é atrativo e competitivo para quem gostaria de alugar um útero, sendo mais barato que nos EUA e Europa.

Além dos custos, aspectos culturais e sócio-econômicos da população, outro aspecto destacado como facilitador do turismo procriativo como atividade econômica é a lei indiana. Anu (2013) e Jiménez (2010) destacam que tal lei parece ser condescendente com a transação comercial em relação às novas tecnologias reprodutivas. A lei permite a implantação de até 5 embriões; prevê que a mãe substituta abra mão da maternidade durante a gestação, trazendo segurança jurídica aos pais genéticos e permite aborto em circunstâncias especiais. Anu (2013) e Sreenivas (2010) sugerem alterações na lei para proteção da mulher indiana, tais como a diminuição do número de embriões que podem ser implantados e oferta de seguro saúde para mãe substituta.

Por outro lado, Anna Arvidsson (2015) aponta que os casais suecos que fizeram Gestação de Substituição na Índia relataram que foi importante conhecer a realidade das mulheres indianas para desmistificar a visão negativa que eles tinham sobre “Barriga de Aluguel”. Assim, não se sentiram explorando essas mulheres, mas que estavam ajudando as mães substitutas a melhorarem de vida, especialmente quanto ao futuro dos seus próprios filhos. Os casais atribuíram à mídia imagem negativa da Gestação de Substituição neste país.

A regulamentação da Gestação de Substituição em alguns países foi um tema pesquisado e estudado por diversos autores. No Brasil, Valéria Cardin (2015), ao analisar artigos, leis e obras brasileiras, entende que o ato de gerar uma criança que não será sua filha ou filho não atenta contra a dignidade da pessoa humana; portanto, sendo um ato lícito. A partir disso, sugere um termo de consentimento esclarecido, com indenização à mãe substituta, para estabelecer segurança jurídica às partes envolvidas no contrato. Desta forma, ela defende a “Barriga de Aluguel” no Brasil e propõe que no Termo de Consentimento esclarecido esteja prevista indenização entre as partes como forma de compensação dos cuidados relacionados à gestação, tanto em parcelas mensais como em parcela única.

Leite (2014) e Vendrami (2010) apontam que a Gestação de Substituição sem pagamento por aluguel é a modalidade permitida no Brasil. A autora acredita que valores religiosos tiveram influência na formulação da legislação, principalmente nos países em que é proibido a Gestação de Substituição, tais como Itália e Egito (LEITE, 2014). Em seu estudo, com 48 artigos jurídicos, Vendrami (2010) aponta que há outros países que permitem Gestação de Substituição de forma solidária, tais como Canadá, Dinamarca, Holanda e Inglaterra. Stuart Lavery (2011) ressalta a

importância da regulamentação do processo na Inglaterra para que mulheres que tiveram câncer de útero pudessem ter filhos com sua herança genética.

Assim como no Brasil, na Argentina a maternidade ainda está vinculada ao ato de parir. Em função disso, uma juíza autorizou o registro de uma menina gerada por Gestação de Substituição pela mãe fornecedora do material genético. Para tanto, sua decisão foi embasada por leis, Código Civil e jurisprudências de outros países, pois se tratava do primeiro caso desse tipo na Argentina ocorrido no ano de 2011 (URQUIZA, 2014).

Na Alemanha, Áustria, China, Espanha, França Finlândia, Itália, Japão, Noruega, Singapura, Suécia e Suíça, a Gestação de Substituição é proibida (VENDRAMI, 2010). No estudo de Arvidsson (2015), casais suecos acreditam que a Gestação de Substituição deveria ser regulamentada na Suécia para dar maior segurança aos envolvidos no processo e também proporcionar o acompanhamento da gestação, já que na Índia não é permitido o contato entre a mãe substituta e os pais genéticos.

Nos Estados Unidos e Austrália, a legislação varia conforme o estado. A Gestação de Substituição na modalidade comercial é permitida na Rússia, Índia e Ucrânia, de acordo com Vendrami (2010). Outro estudo destaca os limites da lei indiana quanto à sub-rogação, relatando o caso de um casal japonês que se separou enquanto a mãe substituta ainda estava grávida. Neste caso, a mãe biológica da criança desistiu da filha e o pai biológico queria ficar com a criança. Considerando que nas leis indiana e japonesa homem solteiro não pode adotar uma menina, o pai biológico não pôde criar a criança (SREENIVAS, 2010). Guzmán (2012) enfatiza que, na perspectiva do direito da criança, é importante que o contrato contenha cláusulas preservando o direito à filiação para prever situações de abandono, previsão de aborto e para não coisificar a criança.

Ainda sobre a regulamentação da Gestação de Substituição, Guzmán (2012) aponta que alguns países acham melhor regulamentar que proibir para evitar a especulação financeira e o turismo procriativo. Sreenivas (2010) defende que a Gestação de Substituição contribui para o turismo procriativo. Além disso, enfatiza que a regulamentação é necessária para deixar os papéis dos envolvidos no processo definidos e regular os tipos de Gestação de Substituição permitidos no país.

Desta forma, Guzmán e Sreenivas defendem a regulamentação para proteger valores sociais, culturais, o direito da criança, das mães substitutas e dos pais genéticos. Em função disso, a lei do Texas (EUA) é referida como uma das melhores regulamentações em relação à Gestação de Substituição, principalmente porque prev e que a mãe substituta deve ser aprovada pela justiça e o contrato prev e responsabilidade com a gestante tanto financeira quanto em rela o a sua saúde, na opinião de Vendrami (2010).

Nas pesquisas também são discutidos aspectos relacionados à saúde dos sujeitos envolvidos no processo de Gestação de Substituição, principalmente os que se referem   saúde mental. Os autores analisaram os sentimentos dos pais genéticos, mães substitutas e crianças, tipos e frequência de relacionamento nos arranjos de Gestação de Substituição. Além disso, apresentam aspectos relacionados às intervenções em saúde para preservação do óvulo.

Casais homoafetivos masculinos preferem adoção   Gestação de Substituição porque têm alguns medos, dentre eles medo da mãe substituta não entregar a criança a eles por vários motivos; temem preconceito por parte da mãe substituta e a criação de vínculo entre a gestante e a criança durante a gestação e o receio em conviver com um terceiro pelo resto da vida. Além disso, temem, em caso de disputa judicial, que a justiça entregue o filho para a mãe substituta (VITULE, 2015). Ana Violeta Trevizo (2014) sugere a figura do conselheiro reprodutivo para ajudar nas decisões. Para tanto, seria importante ele ter conhecimento em bioética.

Vasanti Jadvla (2012) observa que não encontrou diferença na rela o mãe-filho entre as famílias que utilizaram técnicas de reprodução assistida (Gestação de Substituição e doação de óvulo) e as famílias concebidas de forma habitual. Além disso, Sylvia Demout (2010) aponta que os casais que tiveram filhos por Gestação de Substituição estavam mais felizes do que os casais que ainda não tinham filhos, mas estavam com seus arranjos de substituição em andamento.

Segundo Dermout (2010), a Gestação de Substituição não acarreta consequências negativas ou danosas para mães substitutas, mães e pais genéticos, o que também é referido no estudo de Susan Imrie (2014) no qual foram entrevistadas 34 mães substitutas que participaram de arranjos de substituição na Inglaterra. A pesquisa aponta que 97% das famílias mantiveram contato com as mães substitutas. Destas, 77% consideraram satisfatório o tipo de contato que mantinham com as crianças, pais e mães genéticos.

Outro apontamento foi que 59% das mães substitutas disseram que sua principal motivação foi a vontade de ajudar o outro e 15% relataram que foi a vontade de ajudar e pelo gosto de ficar grávida. Do ponto de vista das mães genéticas, 90% a 73%% consideram harmoniosa e satisfatória a relação que mantinham com a mãe substituta; e sob a perspectiva dos pais genéticos, 75% a 68% consideraram harmoniosa e satisfatória a relação com as mães substitutas, aponta a pesquisa realizada por Jadva (2012).

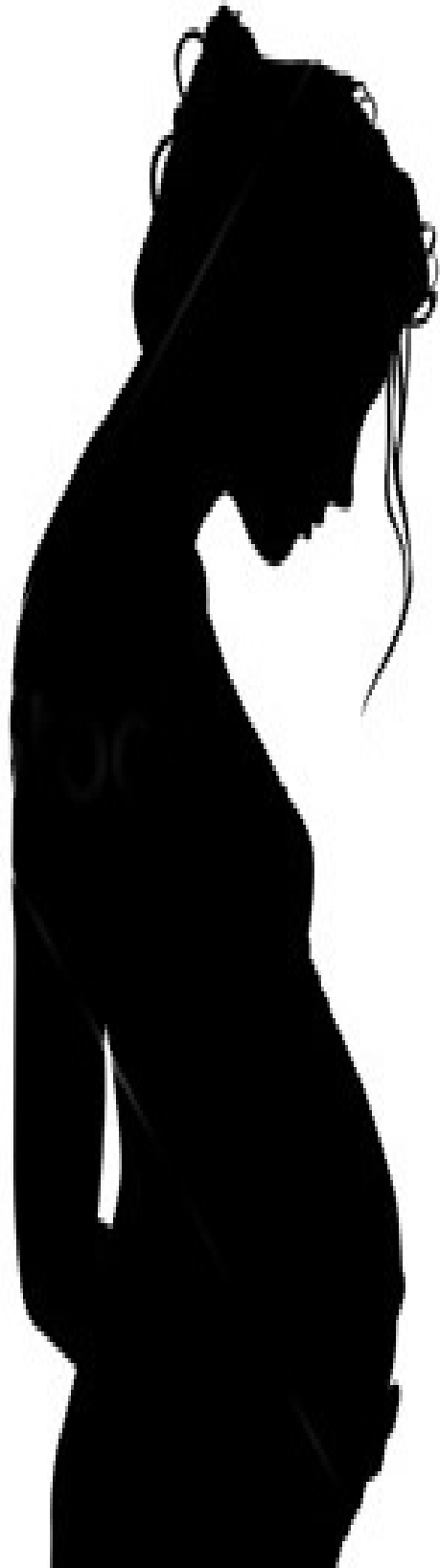
Estudos apontaram que as crianças nascidas de doação de ovos, esperma e Gestação de Substituição, tipo barriga solidária, foram consideradas bem ajustadas; entretanto, crianças com sete anos nascidas deste último tipo de arranjo apresentaram elevado nível de desajuste social. Um estudo apontou que a ausência de herança genética não está associada à dificuldade de ajuste social, mas a falta de ligação gestacional pode colocar a criança em risco psicológico (JADVA, 2012).

No entanto, Susan Golombok (2011) relata que famílias formadas por Gestação de Substituição têm relação mais próxima com seus filhos que famílias concebidas de forma natural com filhos entre 1, 2 e 3 anos. Por fim, Lavery (2011) e Jiménez (2010) destacam o fato da Gestação de Substituição ser considerada um tratamento e estar associada a uma doença que cause infertilidade. O autor também destaca a importância dos cuidados com os óvulos durante o tratamento do câncer de útero para garantir o sucesso da Gestação de Substituição.

Ao pesquisar os artigos científicos sobre Gestação de Substituição conheci discursos que circulam sobre a temática. Notei que a Gestação de Substituição é mais discutida na área da medicina, sendo a bioética o assunto mais aventado nessa área do conhecimento. Percebi que muitos autores criticam as leis indianas porque acreditam que esta seria uma das condições de possibilidade para permitir a exploração do corpo dessas mulheres e, assim, contribuir para o turismo procriativo na Índia.

Observei que se trata de assunto polêmico, tendo influência religiosa, cultural e socioeconômica na formulação das regulamentações nos diferentes países. A partir disso, é possível entender a variação dos entendimentos bioéticos sobre a temática. Poucos artigos abordam questões de saúde. Observei que há controvérsias quanto à Gestação de Substituição afetar a relação entre pais e mães genéticos e a criança; contudo, a maioria das pesquisas apontou que a relação familiar foi preservada nesses arranjos. Na leitura interessada dos artigos, observei

que a Gestação de Substituição   um tema com muitas possibilidades de pesquisa, sobretudo na área da saúde, sendo que não encontrei artigo com autoria de enfermeira/o, reforçando a relevância dessa dissertação para a  rea.



3 GERANDO A DISSERTAÇÃO: O MÉTODO

É claro que se de um lado, os Estudos Culturais são um campo tão heterogêneo, de outro lado eles não são tudo ou qualquer coisa.' (VEIGANETO, 2000, p.2)

Pensar uma metodologia para pesquisa significa escolher a forma de condução da análise do material empírico proposto; escolher o rumo que o trabalho irá tomar. Cada método possui suas particularidades. Nenhum método serve para tudo ou para qualquer coisa; portanto, a escolha do método necessita estar adequada à questão de pesquisa, ao material empírico e ao referencial teórico. Enfim, a escolha do método precisa estar em harmonia com os objetivos da pesquisa e com as intenções do autor.

Quando comecei a pesquisar sobre Geração de Substituição, algumas perguntas tomaram conta do meu pensamento, tais como: o que gostaria de estudar sobre esse tema? Como a enfermagem poderia estudar essa temática? Por que seria importante a enfermagem estudar esse tema? Como operar os Estudos Culturais e a temática Geração de Substituição? Como relacionar Foucault com Geração de Substituição? Será que essa temática encaixa-se no referencial o qual estou me propondo a pesquisar? Como fazer isso?

Ao meu pensamento vinham, recorrentemente, as palavras de Alfredo Veiga-Neto (2014): “Foucault não é pau pra toda obra”. Nessa etapa, minha orientadora foi fundamental. Com seus questionamentos, indicações de leitura e motivação para pesquisar, conseguimos vislumbrar e desacomodar os discursos que sustentam a Geração de Substituição com as ideias de Foucault. Assim, procurei dar um rumo para essa pesquisa.

Penso ser possível estudar esse tema de diferentes maneiras, já que distintos caminhos podem ser explorados. Escolhi uma das maneiras de estudá-lo, entendendo que tal possibilidade não se esgota por aqui. Assim, estudei o tema fundamentado nos Estudos Culturais, especialmente na vertente pós-estruturalista, na perspectiva de Michael Foucault.

Os Estudos Culturais entendem cultura como expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como base de nossas compreensões mais corriqueiras. A cultura passa a ser vista “como uma forma de vida (ideias,

atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias...)” (COSTA, 2005, p.109).

As mídias passam a ser interpretadas como artefatos culturais a partir dos estudos de Richard Hoggart em seu livro “The Uses of Literacy”, publicado em 1957. Na obra, o autor relata os modos de vida da classe operária do Reino Unido influenciados pela cultura de massa oriunda dos Estados Unidos. Nesse livro, o autor detém-se no estudo da imprensa popular, discordando do entendimento de que os meios de comunicação de massa seriam instrumentos de manipulação.

Os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes de reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia (ESCOSTEGUY, 1999). Percebendo a cultura e suas expressões como forma de vida, os Estudos Culturais preocupam-se em mostrar como as mídias podem educar e produzir formas de comportamento em nossa sociedade.

Rocha (2005) aponta que a mídia é uma veiculadora, mas também uma selecionadora, (re)processadora de variados tipos de discursos, pois, ao transmiti-los, ela também anula, omite, exclui, define e impõe sentidos aos mesmos. Segundo Vera Gerzson (2012), as reportagens, artigos, propagandas e demais gêneros jornalísticos compõem textos culturais que produzem formas de fazer, de apreender, de ensinar e, sobretudo, de compreender o mundo. Para Gilles Deleuze e Félix Guatarri:

Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é "necessário" pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas — o que é bastante diferente — transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado (DELEUZE; GUATARRI, 2000, p. 12).

Entendendo que a mídia produz sentidos e “verdades” e, assim, constitui sujeitos, propus-me a analisar publicações de jornais, livros, sites e revistas que veicularam reportagens sobre Geração de Substituição para conhecer os discursos que circularam na mídia sobre a temática. A partir disso, realizei um mapeamento discursivo a partir da leitura interessada, fundamentada em algumas ferramentas propostas por Michel Foucault, tais como discurso, enunciado e arquivo. Estas serviram de subsídio para compreender discursos que favorecem o controle das

vidas, com o propósito de conduzir condutas, estimulando e desestimulando determinadas práticas.

Assim, a análise dos discursos sobre Gestação de Substituição que circulam na média foi orientada para compreender os enunciados, para determinar as condições de sua existência, para fixar seus limites, para estabelecer correlações com outros enunciados a que estão ligados, para evidenciar que enunciação excluem. Assim, “o enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (FOUCAULT, 2000, p. 31). O enunciado tem sua função. Ele:

...distingue-se da frase, não se submete a uma estrutura fechada gramatical; distingue-se também da proposição, pois não se trata de pensar em algo verdadeiro ou falso; não é um ato de linguagem, porque não há preocupação com o ato material, tampouco com a intenção de quem está realizando esse ato. (WITZEL, 2014, p. 63)

Para Foucault (2000), o discurso poderá ser fixado como conjunto de enunciados que se apoiam em um mesmo sistema de formação; é assim que o autor pode falar do discurso clínico, do discurso econ mico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico. O filósofo complementa apontando que, em toda sociedade, a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2013.). Partindo dessas ideias, pode-se considerar que os discursos veiculados pela m dia auxiliam na constituição, no controle e na regulação de sujeitos.

Foucault (2000) propõe chamar de arquivo todos os sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisa do outro). [...] “Define como a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2000, p. 149). Maria Henriqueta Kruse (2008) complementa a definição referindo que, na saúde, a construção das classificações tenta abrigar todo o leque das possibilidades humanas como se fossem todos iguais, compondo um espaçoso arquivo que se organiza para conter todas as pastas que, por sua vez, contenham todos os itens relativos à possibilidade de adoecer ou ser saudável. Assim, o arquivo auxilia na classificação das atitudes humanas, principalmente no que se refere em categorizar o que é adequado ou inadequado

em nossa sociedade. Considerando que propus entender os enunciados que possibilitaram a construção de discursos acerca de Gestação de Substituição, fui em busca do que é pesquisado, produzido, falado, comentado sobre a temática. Mas, para chegar até aqui, percorri um caminho, no qual busquei estudar, conhecer, compreender a Gestação de Substituição nos diferentes discursos, disponíveis em diversos lugares.

Enquanto realizava leituras de artigos científicos, dissertações e teses, foi exibida uma reportagem no programa Fantástico⁸ da Rede Globo de Televisão, em 04 de setembro de 2016, que contava a história de um casal homoafetivo em que a mãe de um deles gestou uma criança que seria seu neto. Enquanto assistia essa reportagem, observava o modo bonito e o tom leve que a mídia emprestava àquela história, nada corriqueira em nosso cotidiano. Tal reportagem motivou-me a buscar outras reportagens sobre Gestação de Substituição na Internet.

O primeiro lugar que busquei informações foi na ferramenta de busca *Google*. No espaço destinado à pesquisa, digitei '*reportagem sobre barriga de aluguel Fantástico*'. Achei a reportagem no *Site G1* cujo título é "Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles" (Anexo A) e link <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/casal-de-homens-tera-filho-gerado-pela-mae-de-um-deles.html>.

Continuando minha busca por reportagens no Google, digitei no espaço "barriga de aluguel". Apareceram diversos links com informações quanto ao processo de Gestação de Substituição, sendo os autores provenientes de clínicas de reprodução assistida e escritórios de advocacia que informam como participar desse processo. Outros links estavam relacionados à telenovela *Barriga de Aluguel*⁹ exibida na Rede Globo.

É importante dizer que acessei vários links, li muitas informações, descobri vários textos, reportagens, artigos científicos, artigos de opinião, principalmente da área do Direito, que explicam a barriga de aluguel, inclusive dizendo que a forma correta de se referir a esse processo é *Barriga Solidária* e os termos técnicos adequados são *Gestação de Substituição*, *Útero de Substituição* ou *doação temporária de útero*.

⁸ Programa de variedades da televisão brasileira apresentado domingo à noite.

⁹ Telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão entre 1990 e 1991.

A partir disso, resolvi digitar o termo “Barriga Solidária”, quando acessei links relacionados ao processo legal, tanto por pessoas da área do Direito, quanto por clínicas de reprodução assistida. Chamou minha atenção o terceiro link que apareceu na primeira página do Google referente à fanpage: <https://www.facebook.com/Barriga-Solid%C3%A1ria-Uma-chance-de-Expandir-o-AMOR-pelo-AMOR-25496294172458/>. Nesta página, é contada a história de duas mulheres que participaram do processo de Barriga Solidária, sendo a mãe substituta porto-alegrense. Isto me motivou a buscar informações sobre esta história. Assim, cheguei a uma reportagem do jornal Zero Hora que contava a história destas duas mulheres. Tal história me levou a outras, sobre pessoas que participaram do processo de Gestação de Substituição.

Para a busca realizada no site dos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero-Hora*, defini como palavras-chave “barriga de aluguel”, “barriga solidária”, “cessão temporária de útero”, “útero de substituição” e “Gestação de Substituição”. Os três últimos são termos utilizados nas resoluções do Conselho Federal de Medicina para designar o processo de Gestação de Substituição.

Ao realizar essa busca nos jornais, percebi que o termo barriga de aluguel tem diferentes significados. Ele tem sido utilizado tanto no meio político como no futebol, referindo-se a manobras eleitoreiras em que um candidato detentor de grande fortuna patrocina outro candidato com alta popularidade que depois de eleito, afasta-se do cargo (às vezes através de licença médica) para o financiador ocupá-lo. No futebol, barriga de aluguel é usado para designar times de futebol “menores” que recebem jogadores que não são aproveitados em times “maiores” para ganhar mais experiência e depois serem vendidos. Tais reportagens aparecem frequentemente em buscas utilizando a palavra chave barriga de aluguel. em função disso foram descartas, o que reduziu sobremaneira o número de reportagens. Assim, na *Folha de São Paulo* foram encontradas 1.038 reportagens, sendo que apenas 166 referiam-se à Gestação de Substituição. Dessas, foram selecionadas três reportagens que se referiam a um caso ocorrido na Cidade de Franca em São Paulo. A reportagem 1 sobre Gestação de Substituição em Franca (Anexo B) tem o título “Barriga de Aluguel”, avó vai dar à luz a neta na cidade de Franca – SP. A reportagem 2 (Anexo C) é “Minha Mãe me deu a vida duas vezes”, diz mãe de menina gestada pela avó e a reportagem 3 (Anexo D) tem como título: Avó que gerou a própria neta terá alta.

No jornal *Zero Hora*, foram encontradas 120 reportagens, sendo selecionadas 48 que se referiam à Gestação de Substituição. Deste jornal foi selecionada uma reportagem (Anexo E) cujo título   “Barriga Solidária de Porto Alegre permite que pernambucana realize desejo de ser mãe”. É importante apontar que o número de reportagens para análise diminuiu consideravelmente porque muitas delas estavam indexadas em diferentes cadernos ou links que remetiam ao jornal pesquisado. Por outro lado, tais expressões de busca algumas vezes foram utilizadas com outros sentidos não relacionados à Gestação de Substituição.

Um dos modos de chegar a alguns textos foi por meio de pessoas que sabiam da minha pesquisa. Um artefato midiático que foi descoberto por uma amiga foi a edição conjunta dos jornais *Correio de Gravataí* e *Diário de Cachoeirinha*. Esse jornal exibiu uma séria de cinco reportagens publicadas entre os dias 28 de març o e 8 de abril de 2016, contando a história de um casal que mora na cidade de Gravataí e escolheu como gestora do filho biológico a irmã da mãe da crianç a. Dentre essas reportagens estão quatro reportagens de capa (Anexo F, G, H e I) e cinco reportagens internas do jornal (Anexo J, K, L M e N) que abordam o processo de barriga solidária, desde a decisão do casal até o nascimento da crianç a. Além dessas nove reportagens, utilizei outros textos aos quais as reportagens remeteram-me.

Outra amiga trouxe-me o livro escrito por um casal de amigos dela que vivenciaram o processo de Gestação de Substituição. No livro *Gerando Amor*, cuja capa está em anexo (Anexo O), um casal de gaúchos conta sua história de Gestação de Substituição nos Estados Unidos, desde os motivos que os levaram a tomar essa decisão até a vinda para o Brasil com as crianç as.

A reportagem da revista *Marie Claire* (Anexo P), edição de junho de 2016, foi encontrada por minha orientadora na sala de espera de um consultório médico. A reportagem comenta o livro *Minhas Duas Meninas* de autoria da jornalista Tet  Ribeiro (2016) que conta o processo de barriga de aluguel que ela e o marido realizaram na  ndia. Tal reportagem remeteu-me ao livro “Minhas Duas Meninas” capa em anexo (Anexo Q) que foi incluído no corpus de análise. Considerando que a autora   jornalista, foi dado bastante destaque pela média ao lançamento do livro, no ano de 2016. A autora participou de diversos programas de televisão divulgando o livro e sua história de Gestação de Substituição na  ndia.

Fischer (2007) ressalta que há uma relação íntima entre as vidas vividas e as vidas narradas. O real e a ficção confundem-se, funcionando como um lugar privilegiado de superposições de verdades, onde as tecnologias investidas nesse campo têm seu efeito ampliado, interferindo no modo como serão apreendidos. Segundo Rocha (2012), para descrever, manusear, anotar os detalhes uma das possibilidades seria identificar os discursos recorrentes e os enunciados produzidos, procurando, sobretudo, por meio das repetições, das ênfases, das rupturas e das posições dos enunciados contidos no corpus, analisar os focos difusos de poder e (de resistência) que são permanentemente acionados pela mídia.

Portanto, o *corpus* de análise dessa pesquisa foi constituído por 13 artefatos da mídia que se ocuparam de contar a história de pessoas envolvidas em processos de Gestação de Substituição. Assim, analisei uma reportagem do jornal o Globo, três reportagens do jornal *Folha de São Paulo*, uma reportagem do jornal *Zero Hora*, cinco reportagens da edição conjunta do jornal *Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha*, pela reportagem da revista *Marie Claire* e pelos livros *Minhas Duas Meninas* e *Gerando Amor*.

Pretendo, portanto, pesquisar sobre como esse tema é falado, pensado, comentado, apresentado e veiculado na mídia brasileira para conhecer como somos levados a agir e pensar sobre Gestação de Substituição. E, assim, pensar modos e maneiras pelas quais somos constituídos como sujeitos e como profissionais que cuidam dos sujeitos envolvidos nesse processo em nossa cultura.



4 DAS HISTÓRIAS QUE NOS CONTAM

Um interessante exercício de análise é pensar como essas questões são ressignificadas no mundo contemporâneo, quais são, e como funcionam, os operadores culturais que trazem à tona questões pertencentes a outros repertórios, tornando o não comum em comum (RAMÍREZ-GALVEZ, 2003 p. 224)

As histórias que li foram me modificando, reinventando-me, organizando-me, desorganizando e reorganizando, colocando meus pensamentos e os discursos sob suspeita; enfim, foram me reconstituindo. Hoje tenho mais dúvidas do que certezas em relação aos modos de vida que temos a possibilidade de experimentar. Uma das poucas coisas que me atrevo a afirmar é que a Gestação de Substituição não é um processo fácil, e precisa ser muito discutida e pesquisada por todos nós das diferentes áreas.

Neste capítulo, apresento as análises de reportagens veiculadas na edição conjunta dos jornais *Correio de Gravataí* e *Diário de Cachoeirinha*, da *Zero Hora*, da *Folha de São Paulo*, do *Site G*, e dos livros, *Gerando Amor* e *Minhas Duas Meninas*. Tais discursos da mídia contam as histórias de cinco mães biológicas - Vanessa, Gabriela, Talita, Tetê e Aline e um pai, Jefferson -, em busca do sonho do filho biológico; e suas respectivas mães substitutas: Fabiana, Daniella, Eunice, Vanita, Stefanni e Quitéria.

Usei as ferramentas descritas na metodologia com o intuito de analisar os discursos midiáticos, considerando que a mídia estabelece modos de pensar e viver de leitores e leitoras que produzem determinados comportamentos, atitudes e maneiras de pensar. A partir dessa análise, emergiram três marcadores que utilizei para organizar os achados: Contos de fadas, Missão: mães substitutas e A família feliz.

Para tanto, abandonei a ideia de que existem discursos certos ou errados sobre esse tema para que fosse possível encontrar pérolas pelo caminho, entender os sentidos produzidos por essas reportagens. Foi um período de descobertas e surpresas, mostrando algo que não imaginava encontrar ou que meus olhos não estavam acostumados a ver. No caminho dessa pesquisa tive que fazer escolhas, às vezes muito difíceis, abandonar e retomar pensamentos, arriscar-me, respirar, escolher, para, enfim, parir a dissertação.

4.1 CONTOS DE FADAS: UMA ESTRATÉGIA DISCURSIVA MIDIÁTICA

Com flores na cabeça
 Nossos pés descalços
 Nossa vida toda de
 Paz e amor, paz e amor... paz e amor..
 (NENHUM DE NÓS, 1998)

Ao ler as reportagens e os livros, percebi que as notícias foram elaboradas para apresentar a Gestação de Substituição como possibilidade positiva e “milagrosa” para casais que não poderiam ter filhos biológicos. Para contar esses discursos, o jornal *Correio de Gravataí* e *Diário de Cachoeirinha* (CG e DC) e o Site G1 utilizaram como artifício a narrativa de conto de fadas.

A abertura de uma história — seja mito, conto de fadas, roteiro, romance, conto ou revista em quadrinhos — tem que conter uma certa carga. Tem que agarrar o leitor ou espectador, dar o tom da história, sugerir para onde vai e transmitir um monte de informações sem perder o ritmo. Um começo é, realmente, um momento delicado (VÖGLER, 2006, p. 91).

Na reportagem da página cinco do jornal *Correio de Gravataí* e *Diário de Cachoeirinha*, na edição do dia 28 de março de 2016 (Anexo F), é apresentado o primeiro capítulo do “conto de fadas”. Mariana Sampaio (2012) destaca que os contos de fadas, em geral, possuem uma estrutura que possibilita conhecer o encanto e fantasia neles presentes. Ao usar este tipo de narrativa, os autores das reportagens propõem que tal artifício funcione como uma lente pela qual o leitor poderá olhar para a Gestação de Substituição com “bons olhos”. Tal estratégia é anunciada das seguintes maneiras:

A história de Vanessa e Alexandre mais parece um conto de fadas. Saiba como o casal aguarda o nascimento da filha e conheça a “fadamãedrinha” que vai tonar esse sonho possível (Capa 1 do CG e DC).

A história é simples. E bonita... A bela história com final feliz poderia ser só mais uma, de um casal homoafetivo, se não fosse... a barriga onde Ezra foi gestado: a da mãe de Jeferson. (Site G1).

O enunciado *Nasce uma linda história* (figura 1) seria estratégia para convidar o leitor a ler o texto. Afinal, quem não gostaria de ler uma linda história? No texto é apresentado um casal que está vivendo um momento muito feliz em suas vidas. A

reportagem trata o processo de Gestação de Substituição como algo mágico e poderoso, possível de realizar um sonho, tornando tal processo pouco comum entre nós.

Para construir o imaginário de conto de fadas, o jornal associa a imagem da mãe biológica à imagem das princesas dos clássicos contos de fadas, tais como: Cinderela e Bela Adormecida. Tal processo é apoiado pelas características físicas da mãe que é loira e tem olhos azuis, posicionando os sujeitos em cenário bucólico e colocando uma coroa de flores na cabeça da mãe biológica.

Figura 1 – Princesa mãe biológica



Fonte: Fronza (2016c, p. capa)

Por outro lado, na reportagem que apresenta o casal homoafetivo que vai ter um filho por Gestação de Substituição (Anexo A), encontro o enunciado *O filho que será neto*. Naara Luna (2000) aponta que as referências às novas tecnologias reprodutivas podem estar na crítica de costumes ou na perplexidade despertada por elas, devido à sua interferência em aspectos tidos como naturais. Assim, esse enunciado parece ter a função de confundir o leitor em relação à Gestação de Substituição, colocando filho e neto na mesma posição.

Os contos de fadas tradicionais possuem as seguintes etapas propostas por Sheldon Cashdan (2000) que levam ao caminho da autodescoberta:

TRAVESSIA: leva o herói ou heroína a uma terra diferente, marcada por acontecimentos mágicos e criaturas estranhas. ENCONTRO: com uma presença diabólica – uma madrasta malévola, um ogro assassino, um mago ameaçador ou outra figura com características de feiticeiro. CONQUISTA: o herói ou heroína mergulha numa luta de vida ou morte com a bruxa, que leva inevitavelmente à morte desta última. CELEBRAÇÃO: um casamento de gala ou uma reunião de família, em que a vitória sobre a bruxa é enaltecida e todos vivem felizes para sempre (CASHDAN, 2000, p. 48).

Ao ler as reportagens e livros, observei que as histórias de vida eram contadas com um toque de contos de fadas à moda da história de Frozen¹⁰. Tais histórias não continham mulheres frágeis, ingênuas, nem heróis salvadores, nem o final feliz marcado pelo casamento glamoroso. Nas histórias que analisei, as heroínas e fadas-madrinhas eram posicionadas como mulheres destemidas, inteligentes, pró-ativas, mulheres que se ajudam para enfrentar os obstáculos impostos pelo destino.

Frozen possui suas raízes na Terceira Onda Feminista. As críticas trazidas por feministas dessa onda, alavancadas pela filósofa pós-estruturalista Judith Butler, mostram que o discurso universal é excludente... apresenta mensagens de empoderamento quando Anna salva Elsa com um ato de amor verdadeiro, o amor fraternal existente entre elas, a sororidade. Construindo esse modelo de poder feminino que não necessita aprovação nem assistência masculina. Feminismo não significa que as personagens femininas precisam ser sempre fortes e terem total controle sobre si mesmas, isso é irreal tanto para personagens ficcionais quanto para mulheres reais, mas o feminismo em Frozen está exatamente no fato de que Anna e Elsa não são perfeitas nem possuem total controle, elas cometem erros e lutam internamente e externamente (CASTRO, 2016 p. 515).

Percebendo o diferente posicionamento das mulheres nas histórias de Geração de Substituição, busquei entender melhor o enredo utilizado pelos autores dessas histórias. Então, um golpe do destino ajudou-me. Enquanto observava e escutava a defesa da tese de doutorado da minha colega, Monalisa Pinheiro, constatei algumas similaridades entre a “Jornada do Escritor” proposta por Christopher Vloger (2006) que ela utilizou na tese com as narrativas das reportagens constituintes do meu corpus de análise. É digno de nota que a maioria das histórias produzidas por *Hollywood*, tais como filmes, seriados ou até mesmo os contos de

¹⁰ Conto de fadas que conta a história da jovem princesa Anna que parte em uma jornada para encontrar sua irmã, a rainha Elsa, e acabar com a terrível maldição de inverno eterno que está provocando o congelamento do seu reino. A princesa Anna, também, precisa se livrar do feitiço lançado pela irmã que está colocando sua vida em risco, e somente um ato de amor verdadeiro pode salvá-la. Nesta versão de conto de fadas, o ato de amor verdadeiro é representado pelo amor entre as irmãs, quando a princesa Anna enfrenta o príncipe Hans para salvar a rainha Elsa da morte.

fadas, encaixam-se nas categorias propostas na Jornada do Escritor (PINHEIRO, 2017). A estrutura dessa narrativa reescrita por Vloger é composta por 12 estágios; porém, Monalisa Pinheiro (2017) reorganizou esses estágios para uso nas suas análises da seguinte forma:

Mundo comum e chamado a aventura (grifo meu): o herói é apresentado no seu mundo, cotidiano, na sua realidade. Ele recebe um chamado a um desafio ou aventura.

A recusa do chamado e encontro com o mentor (grifo meu): primeiramente nega o chamado, não se acha apto, pergunta porque ele, mas em encontro com um mentor é encorajado a enfrentar a travessia e entra na nova realidade, encontrando desafios, inimigos e aliados.

Primeiro limiar a caminho de volta (grifo meu): enfrenta provações imensas, mas é recompensado perseguindo o caminho de volta ao seu mundo.

Ressurreição (grifo meu): a experiência o transforma e o herói experimenta uma ressurreição.

Sabedoria (grifo meu): chega então o momento do retorno com a sabedoria e benção que beneficia o mundo comum. (PINHEIRO, 2017, p.106)

Para apresentar o mundo comum e o chamado à aventura, os autores utilizam estratégias que dão conotação mágica ao processo de Geração de Substituição como no excerto a seguir:

Era uma vez um casal muito apaixonado. Com seis anos de namoro o amor de Vanessa e Alexandre só crescia. A vontade de ficarem juntos era tanta que eles planejaram casar e ter filhos. Tudo o que eles mais sonhavam era que Vanessa pudesse engravidar logo após o casamento. Tudo corria bem e o grande dia se aproximava. Até que Vanessa teve um encontro com o destino. Travestido de bruxa malvada o destino deu uma notícia que abalou o jovem casal. Vanessa tinha uma doença muito grave e não poderia engravidar. O maior sonho dela e de Alexandre não poderia se concretizar. O casal ficou abalado, mas permaneceu firme no amor que os unia. E, este amor foi recompensado anos depois, quando a fada madrinha surgiu para desfazer a maldição e tornar possível o nascimento de uma filha de Vanessa e Alexandre (Capa 1 do DG e DC).

Assim, o casal é apresentado como “muito apaixonado”, possuidor de um amor que só aumenta, cuja vontade de ficar juntos leva ao casamento e à prole. O casamento é apontado como o caminho natural, sendo o dia do seu acontecimento o “grande dia.” O casamento, a prole e família funcionam como o mundo comum com acontecimentos previstos e naturais na trajetória de um casal. Nesse contexto, o jornal usa uma tática (figura 2) para transmitir a ideia de união e identificação entre o

casal. Assim, apresenta o casal ao leitor num cenário de conto de fadas usando roupas com as mesmas cores.

Figura 2 – Casal apaixonado.



Fonte: Fronza (2016c, p.5)

Na apresentação do mundo comum, em algumas trajetórias de heróis e heroínas, pode ser utilizada outra tática: fazer o mundo comum em contraste com o mundo especial para que o herói e o público experimentem mudança no limiar da história (VLOGGER, 2006). Segundo Foucault (2013), todo esse jogo de diferença, entre o real e o fictício, é prescrito pela função autor, tal como recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Ele propõe que o autor seja entendido como um princípio de agrupamento do discurso como unidade e origem das suas significações, como foco de sua coerência.

Ao apresentar o enunciado como *A história real*, a autora parece querer distinguir o que é real e imaginário, constituindo uma hierarquia na história vivida pelos participantes da Gestação de Substituição. Assim, quando o autor posiciona os sujeitos dentro do conto de fadas, eles passam por um processo de "desnaturalização," apresentando a Gestação de Substituição como algo fantástico e pertencente a um reino distante. Quando posiciona os sujeitos na "vida real", eles são naturalizados como pertencentes a esse mundo, já que estão "pertinho" da realidade, ali em Gravataí, como é apontado no texto.

Nas fábulas que embalam os enredos dos contos de fadas, quase sempre é assim. Princesa e príncipe enfrentam adversidades provocadas por algum ser maligno, superam os obstáculos e, no final, vivem felizes para sempre. O trecho que abre esta narrativa se parece com mais uma dessas histórias que pais contam para seus filhos na hora de dormir. Mas tem uma diferença fundamental. Esta história é real e está acontecendo aqui, pertinho de nós, em Gravataí (Capa 1 do CG e DC).

Seguindo nesse estágio, o casal é chamado para aventura quando descobre sua impossibilidade de engravidar. A infertilidade, causada por alguma doença ou acidente na vida das nossas heroínas, assume a posição de bruxa malvada, que terá que ser superada. A partir deste ponto, os discursos veiculados passam a ser centrados na busca do sonho, o filho biológico, e no amor do casal para superar as dificuldades impostas pelo “destino”.

Os casais tentam vários tratamentos para infertilidade, mas nada funciona, até que eles descobrem a Gestação de Substituição. Vloger (2006) aponta que tal chamado pode vir sob a forma de uma mensagem ou um mensageiro, um telegrama, ou algo interno que se agita dentro do próprio herói, como podemos ver nos excertos a seguir:

Depois de receber a notícia que tínhamos tentado de tudo e nada deu certo, questionei o médico novamente sobre esses contatos (clínicas de fertilização no exterior). E aí começou nossa aventura (Gerando

Morávamos nos Estados Unidos quando começamos os tratamentos e l  a barriga de aluguel é mais comum, ao contrário do Brasil (Minhas Duas Meninas).

Nada funcionava. Até uma colega de trabalho entrevistar Nayana Patel, médica proprietária de uma clínica de reprodução in vitro na  ndia, especializadas em barriga de aluguel (Minhas Duas Meninas).

A ideia parecia longe do cardápio de coisas possíveis. Mas eu e Sérgio decidimos tentar (Minhas Duas Meninas).

Depois de serem “convidadas” a formar uma família por Gestação de Substituição, nossas heroínas temem o desconhecido. Pensam em *recusar o chamado*, pensam em adoção, pensam na dificuldade da língua, ou a distância entre os pais biológicos e a mãe substituta, quando esta reside em outro país.

Nunca pensei em pedir para minha irmã que engravidasse em meu lugar... Ela nem poderia ter feito uma cirurgia cinco anos antes para retirado do útero (Reportagem 2 do CG e DC).

Uma coisa é falar inglês no cotidiano, reuniões de negócio, outra é tentar em uma área médica, com novos termos e detalhes superimportantes para o processo que necessita de muita atenção e conhecimento (Gerando Amor).

Para encarar essa aventura, elas contam com a ajuda de seus aliados, neste caso, marido, médica, amigas e familiares, até encontrar sua grande mentora, a mãe substituta, uma versão de fada-madrinha. Vloger (2006) aponta que todos conhecem muito bem o arquétipo de Mentor. Os comportamentos, atitudes e funções dos velhos e velhas sábios já são conhecidos através de milhares de histórias, e é muito fácil cair em clichês e estereótipos, tais como bondosas fadas-madrinhas ou magos de barbas.

A fada madrinha de Vanessa e Alexandre é uma antiga conhecida deles. Mais precisamente, a irmã de Vanessa. Fabiana 37 anos, aceitou ser barriga solidária para realização do sonho do casal (Reportagem 1 do CG e DC).

Aos 44 anos, a brasileira, Quitéria de Souza, Cintra Albuquerque, casada com Carlos Albuquerque, pais de Jeferson, ofereceu o seu ventre espontaneamente.... Quem poderia amar mais os bebês que os avós? Eu tinha medo da prima se apegar ao neném, e depois não querer entregá-lo (Site G1).

Nunca tive angústia com a ideia do “útero estranho”. Quando procurei a médica sabia da barriga de aluguel, sabia que uma desconhecida geraria um filho meu. Já era algo resolvido na minha cabeça (Minhas Duas Meninas).

Contando com a ajuda do mentor, as mães biológicas dizem sim à aventura. Porém, como num bom conto de fadas, as mães biológicas começam a encarar as dificuldades da Gestação de Substituição, para, enfim, provar que são dignas da grande benção. Assim, nossas heroínas enfrentaram problemas e encontraram soluções para realizar seu sonho e cumprir a tarefa. Tal como na vida real, descobrem que nem tudo são flores! Nesse momento, lembro-me de uma das frases de Foucault (1995, p. 256): “minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso

então sempre temos algo a fazer”. No entanto, como em todo conto de fadas, tudo tem seu final feliz, até porque os finais infelizes não aparecem na mídia.

O susto logo no início... Fabiana teve um deslocamento de placenta e ameaça de aborto. (Reportagem 2 do CG e DC)

Só nos adiantamos, algumas semanas, pois a paciente está com dores nos membros inferiores. Então deve nascer uma criança um pouco menor, com 36 semanas, e, aparentemente, saudável. O ginecologista afirma que a gravidez é considerada de alto risco, por conta da idade da paciente (Reportagem 1 da Folha On-line).

A gravidez aconteceu na terceira fertilização in vitro... Na primeira Eunice perdeu os bebês, eram gêmeos (Reportagem 2 da Folha On-...)

Eu lembro de uma frase que ela disse na época de que o bebê seria para vida toda, o namorado a gente não sabia. E tanto é que o namoro acabou (Reportagem 2 do CG e DC)

Há limitações para Gestação de Substituição, às vezes físicas ou emocionais, não somente da mãe doadora do material genético. As mães substitutas podem ter dificuldades ou intercorrências durante a gestação, como em qualquer outra gestação, como podemos observar nos trechos destacados. Fabiana teve descolamento de placenta e terminou seu namoro; e Eunice, devido à idade, teve que antecipar o parto. Tais condições inspiram cuidado, carinho, atenção e tratamento clínico adequado, mostrando que nem tudo está resolvido com a Gestação de Substituição.

Rose (2011) comenta que as intervenções na vida parecem não estar mais limitadas pelas normas vitais de um corpo natural e que não podemos mais aceitar que a biologia imporá limites às ambições humanas. O limite imposto pela infertilidade do casal pode ser superado pelas novas tecnologias reprodutivas, mas outros limites, regras e regulamentações são impostos nesse processo determinando quem pode ser candidata a mãe substituta. “... o limite é essencial, não podemos nos esquecer que ele é também uma abstração, uma linha traçada pelo olhar humano, e que também pode significar cerceamento e obstáculo”, sendo que o limite realiza-se em relações de poder (DUARTE, 2008, p. 352).

O Conselho Federal de Medicina determina que a mãe substituta pode ser um familiar de até quarto grau, colocando limites e afirmando seu poder sobre os corpos

das mulheres. E tal poder repercute como forma de dominação, repressão e domesticação do corpo feminino, gerando a legislação técnica que regulamenta a gestação solidária. Como podemos ver nas reportagens, tal condição foi mencionada como facilitadora da escolha da gestora da criança. Alguns acham mais fácil pedir para um familiar e outros acham uma situação constrangedora, como se pode ver a seguir:

Depois, acho esquisitíssimo. Como você chega pra alguém e pede: 'Você pode ficar grávida por nove meses, ter gases, dores e uma barriga enorme porque eu não consigo (Marie Claire).

Depois decidi que ia viver os dramas de cada vez conforme eles fossem chegassem. Como acompanharia a gravidez do Brasil não dava pra pirar (Minhas Duas Meninas).

Depois de passada as provações do caminho e de superar dificuldades, nossas heroínas passam pela última provação, o parto. Nessa fase da ressurreição, a experiência transforma o herói que experimenta o triunfo. Vloger (2006) explica que, após certo período, o herói é reconhecido ou recompensado por ter sobrevivido à morte ou a uma grande provação. Com isso, muitas possibilidades abrem-se quando alguém sobrevive a uma crise. A recompensa, que segue após a provação, tem muitas formas e propósitos.

O tempo foi passando e a princesa soube que seu último desejo também seria atendido. Era uma recompensa por toda dedicação que ela e príncipe tiveram para desfazer a maldição (Reportagem 3 do CG e DC).

Depois de tantas barreiras, algumas dificuldades e de viver momentos mágicos após a benção da madrinha, chegou o dia tão esperado. A princesinha veio ao mundo ...na sua roupa cor de rosa ela surgiu para admiração de todos os seus súditos e eles viveram felizes para sempre (Reportagem 5 do CG e DC).

Suas bebe nasceram e são duas meninas... (Minhas Duas Meninas).

Figura 3 – O triunfo



Fonte: Fronza (2016a, p. 10)

Nesta foto aparece Alexandre, um pai que demonstra seu triunfo apresentando o pé da recém-nascida carimbado em seu braço, exibindo tal marca com orgulho e felicidade (figura 3). Este pai está vivenciando o ritual de passagem para o mundo da paternidade. De agora em diante conhecerá a vida da “família feliz”. Assim, está sentindo-se recompensado porque nasceu a filha tão esperada e planejada pelo casal, e por recompensa maior é a tão sonhada menina.

Tatuar-se, maquiar-se, usar máscaras, é, sem dúvida, algo muito diferente; é fazer entrar o corpo em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. A máscara, o sinal tatuado, o enfeite colocado no corpo é toda uma linguagem: uma linguagem enigmática, cifrada, secreta, sagrada, que se deposita sobre esse mesmo corpo, chamando sobre ele a força de um deus, o poder surdo do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, o enfeite coloca o corpo em outro espaço, o fazem entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem desse corpo um fragmento de um espaço imaginário (FOUCAULT, 2009/Cepat 2010.)

Figura 4 – A benção 1



Fonte: Lopez (2016, p. 2)

Figura 5 – A benção 2



Fonte: Rosa (2015, p. 81)

Após a última provação, o parto dos seus bebês, nossas heroínas passam a fase de êxtase com os filhos nos braços e começam a encarar a nova vida: a tão sonhada maternidade (figuras 4 e 5). Nesse último estágio, nomeado por Vloger (2006) de retorno com elixir, acontece o *gran finale*:

Os " finais felizes " dos filmes de Hollywood ligam esses filmes ao mundo dos contos de fadas, narrativas que, muitas vezes, tratam da conquista da perfeição. É comum que os contos de fadas terminem com uma declaração de perfeição do tipo " e viveram felizes para sempre ". Os contos de fadas reequilibram a família abalada, trazem-na de volta a algo completo. Uma maneira comum de terminar as histórias é encerrá-las com um casamento. O casamento sempre significa um novo começo e o término da vida antiga de solteiro. É o início de uma nova vida como parte de uma nova unidade. Os novos começos são perfeitos e imaculados em sua forma ideal. (VLOGGER, 2006, p. 211)

E agora, mais maduras, e depois de terem passado por tantas provações, nossas heroínas são dignas da maternidade; retornam para casa e para sua vida normal com o tão sonhado filho biológico.

Estou muito feliz e em paz. E cansada!... Fecha-se um ciclo. Quero curtir, recomeçar a minha vida (Jornal Zero Hora).

Quero passar para as mães que estão na mesma condição quem eu para não desistir. Nada é impossível (Reportagem 3 da Folha On-line).

Com o uso da narrativa de conto de fadas e a construção de imagens e semelhanças, os autores visam cativar o leitor para ler suas histórias, narrando a Gestaçã o de Substituiçã o de modo leve e sutil, amenizando o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos participantes desse processo. Dessa maneira, o processo é apresentado como algo mágico, mas realizável, pertencente a este mundo.

Foucault (2010) aponta que uma das funções do sujeito fundante do discurso é elidir a realidade do discurso. Assim, esse sujeito está encarregado de animar as formas vazias da língua. É ele que, atravessando a espessura e a inércia das coisas vazias, reaprende o sentido que aí se encontra depositado. Portanto, por meio de imagens e palavras, o jornal apresenta esse tema polêmico – a Gestaçã o de Substituiçã o –, diminuindo o estranhamento do leitor em relação à temática, impactando-o de forma positiva. Segundo Foucault (2000, p.146), "o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis do estranhamento".

4.2 DAS MÃES SUBSTITUTAS: SUJEITOS FORJADOS PELOS DISCURSOS MIDIÁTICO, BIOMÉDICO E MORAL

As mães substitutas também enfatizam seu amor por criança, família e seu desejo de ajudar como motivos para assumir essa atividade. (LUNA, 2002, p. 260)

O foco de interesse aqui recai sobre as mães substitutas e como a mídia apresenta tais mulheres. Procuo analisar os múltiplos jeitos e as exigências feitas a ela, seu corpo e sua mente. As reportagens apresentam uma irmã, uma avó ou uma amiga como mãe substituta de forma solidária. Nos livros são apresentadas duas mulheres que receberam pagamento para exercer tal função. Assim, destaco os sentidos dados a essas mulheres nos diferentes contextos e países. Para tanto, as análises teriam a finalidade de reunir os enunciados que compõem um arquivo que nos ensinam possibilidades de olhar para essas mulheres com “bons ou maus olhos”.

Há dois tipos de mães substitutas, as que emprestam sua barriga por solidariedade e as que recebem pagamento. As primeiras são, geralmente, mãe, irmã, prima ou até amiga dos pais biológicos da criança. As outras prestam um serviço: alugam seu corpo para uma gestação. Esse tipo de gestação, também conhecido como barriga de aluguel, é realizado fora do Brasil, já que aqui essa prática não é permitida.

Há quem pense que as mulheres que alugam suas barrigas, vendam seu corpo, fazendo isso por dinheiro. Anu (2013) refere que os opositores da Gestação de Substituição, na modalidade paga, argumentam que esta prática é equivalente à prostituição. Por outro lado, quando não há pagamento parece que o ato de gestar o filho de outrem é algo bom, até mesmo um “ato de Deus”. Os discursos destacam a importância da mãe substituta, referindo tal tarefa como um esforço, conforme podemos ver nos enunciados a seguir:

Danielle se encorajou para enviar uma mensagem pela internet, ofertando o que passa a ser como missão (Zero Hora).

Minha mãe me deu a vida duas vezes”, diz mãe de menina gestada pela avó. (Reportagem 2 da Folha On-line).

Ela (Fabiana) achou tranquilo, se dispôs na hora a fazer esse papel, foi uma benção pra toda família. (Reportagem 2 do CG e DC).

Eu havia decidido, dois anos antes, que queria ajudar duas pessoas a se tornarem pais, e quando os conheci, eu tive a certeza de eram perfeitos (Gerando Amor).

O Anjo Stefanie (Anexo O).

Em alguns enunciados podemos ver que as mães substitutas oferecem-se e acham tranquilo desempenhar tal função. Em outros, percebemos que a mãe substituta é vista com entusiasmo, seu ato é quase “glorificado”, o que pode ser percebido pelo uso de termos religiosos, como anjo, benção, promessa, missão. Assim, os sujeitos envolvidos no processo de Gestação de Substituição justificam sua conduta colocando-se acima de qualquer suspeita.

Outros termos como anjo e “fadamãedrinha” foram usados para designar a mãe substituta indicando um processo de “desnaturalização” desse sujeito, colocando-a na posição de um ser encantado ou até divino, superior, capaz de realizar sonhos. Fischer (2007) refere que, com frequência, o jornal, as revistas e as reportagens de televisão transformam meteoricamente em heróis algumas performances, neste caso as das mães substitutas.

No livro *Gerando Amor*, Aline e Leandro dedicam um capítulo à mãe substituta. Neste referem que Stefanie fez coisas pela família que vão muito além de suas obrigações contratuais (ROSA, 2015). Destacam a afeição, altruísmo, bondade e comprometimento da mãe substituta e referem que seu jeito deixou mais leve essa jornada. Conforme destaca Luna (2002), a dádiva de um filho seria um ato de compensação financeira impossível, por isso é menosprezada a importância da remuneração que mancha a imagem da abnegação associada às mães. Logo, os autores posicionam a mãe substituta como ser divino e bondoso compondo determinada formação enunciativa que faz parte do jogo discursivo conforme refere Rocha:

São, portanto, nessas repetições, (des) continuidade, seleções, tonalidades, ênfases, que nos permitem perceber (ou inventar) a existência de um ritual discursivo que classifica ordena e distribui os discursos veiculados, obedecendo a regras que criam as condições de possibilidade de determinadas formações discursivas. (ROCHA, 2012).

Destaco que mães substitutas já foram, em outras épocas, moralmente aceitas em nossa sociedade na posição de amas de leite. Segundo Elisabeth

Badinter (1985), nos séculos XIII ao XIX, as amas de leite ou amas mercenárias eram bem vistas. Mulheres eram remuneradas para cuidarem, amamentarem, educarem filhos de outras mulheres, especialmente na França. A autora destaca que as amas de leite cuidavam dos filhos de outrem desde o nascimento até aproximadamente 6 anos, sendo responsáveis pela amamentação, cuidados pessoais, educação, higiene entre outras funções até o retorno da criança à família biológica.

Hoje, com o advento da Gestação de Substituição, poderíamos pensar que as amas de leite foram (re)inventadas no papel das mães substitutas. Essas mulheres cumprem parte da função materna, de acordo com a cultura ocidental, assim como as amas faziam no passado. Por solidariedade ou por meio de remuneração, disponibilizam-se a gestar filhos biológicos de outra família “auxiliando a tornar realidade o sonho da maternidade e da paternidade”.

Portanto, as reportagens e livros destacam o papel da mãe substituta para além de gestar a crianç a e atribuem a essa mulher valores morais e sociais aceitos de tal modo que a Gestação de Substituição não   vista como uma “anormalidade”. Assim, as reportagens v o mostrando essas mulheres com “bons olhos”. Segundo Luiz Felipe Zago (2014, p. 101), “mostrar-se   entregar-se ao controle de bom grado”.

Outro aspecto que observei foi a preocupação em demonstrar afeto e envolvimento da mãe substituta que participa do processo de Gestação de Substituição. Na cultura ocidental, considera-se que o estilo de vida das mulheres durante a gestação tem influência sobre o beb . O afeto também é demonstrado nas fotos “em família” que aparecem na maioria das matérias analisadas. Podemos observar, na sequência, duas imagens e um trecho de reportagem que nos interpelam, colocando-nos na ordem discursiva da Gestação de Substituição.

Figura 6 - Casal e a mãe de um deles



Fonte: Guimarães (2016, p. 3)

Figura 7 - Álbum de gravidez



Fonte: Rosa (2015, p. 72)

Estou realizada. Me sinto bem feliz em ter proporcionado isso a alguém que não fazia parte da minha vida. Deito na minha cama e acordo feliz todos os dias, resume Danielle (Zero Hora).

A maneira como tais imagens (figuras 6 e 7) e falas são apresentadas parecem demonstrar que é possível ser feliz na Gestação de Substituição. Assim, as reportagens parecem nos dizer: a mãe substituta será feliz durante a gestação, as mães substitutas gestam crianças com amor e carinho, as mães substitutas entregam o filho a seus pais após o nascimento. Nas imagens vemos três pessoas sorridentes, felizes. Em duas das fotos a mão está acariciando a barriga, denotando afetividade do casal pela criança e pela mãe substituta. A mãe substituta não está sozinha na foto, demonstrando que, na barriga solidária, tanto os pais da criança quanto a mãe substituta estão incluídos no processo de gestação. Também é

possível perceber que as mães substitutas são felizes e contam com apoio e afeto da família nesse processo.

Concordo com Danielle Shutz, (2013) quando afirma que as representações produzidas e postas em circulação pelos artefatos culturais midiáticos atuam de forma sutil, “ensinando” uma série de lições e produzindo verdades sobre determinadas características e comportamentos humanos. Tais lições de vida ensinam que é possível e simples ter filhos por Gestação de Substituição e que ser mãe substituta parece não ser uma tarefa tão difícil e solitária.

Pruinelli (2009) refere que as mídias produzem verdades que, ao atingir o espectador, produzem vontade de se submeter a elas, fazer parte delas e brilhar com elas, e então ter seu momento de heroísmo e fama, como nas novelas, nos filmes, nos contos...

Procurar a mãe substituta não foi tarefa fácil, principalmente pelo medo do apego da mãe substituta ao bebê.

O medo do casal era de a mãe se apegar demais ao bebê... Quem poderia amar mais o bebê que os avós? Eu tinha medo de a prima se apegar ao neném e, depois não querer entregá-lo (Zero Hora).

Em seus livros, os casais Tetê e Sérgio e Aline e Leandro contam os motivos que os levaram a optar pela “barriga de aluguel”. Eles acreditavam que, por formularem um contrato de prestação de serviço, estariam protegidos do temível apego da mãe substituta à criança. Por outro lado, eles gostariam que a mulher escolhida tivesse determinados atributos e virtudes. Também referem que as agências ou clínicas possuem catálogos com mulheres que se dispõem a alugar o corpo. Para auxiliar nesta escolha, o casal Aline e Leandro elaborou uma lista de pré-requisitos que eles desejavam para sua *Surrogate*¹¹.

¹¹ Surrogate é um apelido para designar a mãe substituta, oriundo do termo em inglês, “Surrogate Mothers”.

- Ter idade entre 21 e 41 anos
- Ter tido pelo menos um filho sem complicação
- Poder fornecer informações confiáveis sobre a gravidez prévia
- Ter plena compreensão do processo de barriga de aluguel
- Estar em situação de vida estável
- Ter apoio do parceiro (a) se tiver um (a)
- Estar disposta a assinar um contrato
- Estar disposta a passar por verificação de antecedentes criminais, avaliação física e psicológica,
- Estar disposta a tomar várias medicações
- Não ser fumante ou não consumir nenhum tipo de droga ilegal;
- Estar disposta a abster-se de bebidas alcoólicas durante todo o processo,
- Não ter doenças sexualmente transmissíveis, bem como de trato psiquiátrico, tais como depressão e ansiedade;
- Estar em excelente condição física;
- Estar de acordo com as escolhas feitas pelo casal (número de embriões transferidos, provável gestação gemelar, realização de exames mais invasivos do tipo amniocentese, aborto no caso de feto ter alguma doença,
- Não ter somente a motivação financeira como estímulo para participar do processo. (Gerando Amor).

Tal lista de requisitos para uma mulher ter seu corpo alugado parece tratar o corpo feminino como um produto a ser consumido ou como processo seletivo para uma vaga de emprego. Nessa relação, os pré-requisitos destacados são aspectos sociais, emocionais e físicos que importam no corpo que será alugado, procurando prever e gerenciar os perigos e os riscos possíveis. A partir disso, lembro do trabalho de Zago (2013) que analisa os corpos-que-importam em um site de relacionamento gay. Neste caso, os corpos-que-importam são belos, sarados e jovens e serão elegíveis para vínculo. No caso da mãe substituta os corpos-que-importam são de mulheres jovens, com saúde, bons antecedentes, dispostos, dóceis, compreensivos, com hábitos saudáveis e até com motivos nobres. Assim, poderão ser elegíveis para vínculo que se materializa no contrato de aluguel que assegura a entrega do bebê, o que pode ser observado neste excerto:

Nunca houve entre nós uma relação de chefe e funcionária, embora ela tenha ganhado US\$ 8 mil pela gravidez (Minhas Duas Meninas).

Jimenez (2010) destaca a relação de assimetria entre sub-rogantes e mães substitutas na Índia, o que pode ser evidenciado enquanto a relação está sob o controle da médica. Assim:

O cliente se tornou um consumidor, como no mercado, e o advogado ou o médico, ou qualquer outra autoridade, tornou-se um fornecedor de serviço, e se o cliente não gostasse do que fez o provedor, o cliente o abandonaria e iria fazer compras em outro lugar. E assim, de um só golpe, pelo menos, esta era a intenção, o poder sem limites do profissional ficou exposto. Não porque os políticos dissessem “Você não pode fazer isso, você pode fazer aquilo, você não pode fazer aquilo”, mas porque, se o paciente não gostasse de algo, o paciente iria para outro lugar. O cliente é “rei” – como em seu supermercado, também no serviço de saúde, a retórica era a de que o consumidor é o “rei”. (ROSE, 2015, p. 655)

A Gestação de Substituição encontra-se apoiada pelo discurso biomédico ocidental que supõe o corpo humano como ente biológico redutível a partes passivas, inertes e abstraídas (LUNA, 2002). Assim, o corpo feminino é alvo e objeto de intervenção médica, judiciária e das regras do jogo do mercado neoliberal. A possibilidade do aluguel do corpo feminino emerge da racionalidade neoliberal, do *homo oeconomicus*. Tal expressão remete às trocas e ao mercado que se integra ao jogo econ mico por uma multiplicação espontânea de seus próprios interesses e necessidades (LAZZARATO, 2011).

Assim, a remuneração encaminha o processo de acordo com a lógica neoliberal, quando a mãe substituta transforma-se em funcionária contratada e seu corpo é produto a ser utilizado por nove meses, conforme contrato que prevê pagamento. “A maternidade de aluguel é puramente um entendimento contratual entre as partes” (ANU, 2013, p.6). Deste modo, podemos ver a relação neoliberal entre os sujeitos, quando o corpo feminino pode ser visto como objeto a ser consumindo como mercadoria, estabelecendo condições para que seja adquirido.

Segundo Ramírez-Galvez (2003), os relacionamentos são transformados em *commodities*, em consequência do desenvolvimento tecnológico ocorrido nos séculos XX e XXI que possibilita, entre outras coisas, a comercialização do corpo humano e de suas partes. Para Maurizio Lazzarato (2011), o capitalismo coloca-se como possibilidade de explorar a submissão, de comandar, de dirigir outros homens.

O controle dos corpos na Gestação de Substituição acontece sobre o corpo feminino submisso, docilizado e controlado em nome da manutenção da heranç a genética. Segundo Foucault, nos séculos XVII e XVIII, inaugurou-se o momento das disciplinas que, de forma institucional, instaurou a vigilância nas prisões, escolas, hospitais, quartéis e outras organizações, fabricando corpos submissos, por meio de uma sujeição implantada nos indivíduos que se sabiam observados, vigiados e, se necessário, punidos (FOUCAULT, 2014).

Deleuze (1992) lança um novo conceito: sociedade de controle. Para o filósofo, a partir da segunda metade do século XX, no período pós-guerra, as sociedades disciplinares deram lugar às sociedades de controle. O surgimento de novas tecnologias permitiu o controle social, sendo estas a nova expressão do exercício do poder na sociedade moderna. De acordo com o autor, não há mais um espaço restrito para que o poder se faça sentir; pelo contrário, ele se faz presente em todos os lugares. Aponta que o controle é mais perverso, mais controlador e sustenta que o princípio da docilidade continua, pois os indivíduos entregam voluntariamente seus dados à vigilância (DELEUZE, 1992).

Por outro lado, Luna (2002) argumenta:

... a substituição dá oportunidade a mulheres de classe menos favorecidas de transcender as limitações de seus papéis como esposas, mães e donas-de-casa, sem ameaçar sua posição além de permitir decisões mais autônomas sobre a própria vida reprodutiva no tocante ao marido e sua família. Substitutas reagem às campanhas contrárias à sua atividade afirmando o direito de controlar o próprio corpo (LUNA, 2002, p. 258).

Na Gestação de Substituição, o controle sobre a mãe substituta acontece de forma direta ou indireta. Na Índia a participação dos pais biológicos não ocorreu de maneira tão próxima, o acompanhamento é intermediado pela médica responsável, não existindo proximidade nem contato entre pais biológicos e mãe substituta. Somente após o nascimento, as mães mantiveram contato, principalmente por conta do leite materno que Vanita, a mãe substituta, ordenhava para as duas meninas.

Além da mãe substituta necessitar de cuidados e se assujeitar ao papel de barriga hospedeira¹², há cuidados importantes e necessários para o sucesso da Gestação de Substituição antes da gravidez. Na clínica da Nayana Patel, a médica indiana que propicia o serviço de barriga de aluguel tem um catálogo de possíveis mães para que os casais, donos do patrimônio genético, possam escolher quem vai gestar seu filho. Um verdadeiro mostruário...

Após a escolha, essa mulher passa por um tratamento de estímulo hormonal para receber o embrião feito por fertilização *in vitro* e depois fica aos cuidados e acompanhamento da equipe médica até alguns dias após nascimento da criança. Para Rose (2011), a competência médica estendeu-se para além dos acidentes e

¹² Termo utilizado no livro *Minha duas meninas*, que se refere à mulher que aluga sua barriga ao casal que deseja ter filhos.

doenças, da saúde fragilizada ao gerenciamento das doenças crônicas e da morte, a administração da reprodução, a avaliação e o gerenciamento do risco, e para promoção da saúde. Neste caso, o médico gerencia os riscos da gestação desde a fase pré-implantação até após o nascimento, mantendo a mãe substituta na Casa das Grávidas (RIBEIRO, 2016).

Durante o período da gestação, as mães substitutas ficam hospedadas em uma casa de propriedade da médica Nayana. Ali têm alimentação e hábitos controlados para poderem gestar essas crianças de forma saudável e garantir o sucesso da gestação. Essa prática lembrou-me o apontamento de Jimenez (2010) dizendo que o feto sub-rogado tem mais valor que o feto da índiana por serem de raças distintas.

A comida das grávidas é toda feita fora, em outra casa na rua, que tem uma cozinha enorme e duas funcionárias contratadas só para isso. Assim, o cheiro não atrapalha as mulheres no primeiro trimestre de gravidez. O cardápio segue as regras de uma nutricionista e as preferências de cada mulher. É vegetariano para as que já são vegetarianas – a grande maioria da população da casa-, mas tem frango, peixe e carneiro para quem costuma comer essas carnes todos os dias (Minhas Duas Meninas).

Esta prática da Casa das Grávidas pode despertar estranhamento, incômodo, choque quando lemos. Podemos achar absurdo aprisionar mulheres em uma casa para gerar filhos de outras pessoas, em pleno século XXI. O choque cultural entre as práticas orientais e ocidentais fica visível e divisível neste caso. Foucault destaca em *As Palavras e as Coisas*:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia –, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro Esse texto cita “uma certa enciclopédia chinesa” onde será escrito que “os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”. No deslumbramento dessa taxinomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso. (Foucault, 1999, p. 6)

Nas minhas leituras e estudos foucaultianos, conheci o *Programa Lebesborn*, conhecido como Casas de Maternidade que funcionavam no Terceiro Reich, na Alemanha. Nessa época, as mulheres arianas eram estimuladas a copularem com a elite das SS¹³, sendo que descendentes de “sangue puro” governariam o mundo (SILVA, 2009). O filme “A Conspiração Nazista” conta que a *Casa de Maternidade* é o local destinado para reprodução de uma raça que visava o melhoramento genético dos alemães.

Após o nascimento, as crianças eram retiradas de suas mães, de suas famílias, e se tornavam propriedade do Estado, sendo que muitos deles nem conheceram seus pais. Podemos estabelecer uma relação com a Gestação de Substituição, em que as mães substitutas vivem a gestação na perspectiva do abandono, pois entregam a crianç a aos pais genéticos.

Ao me deparar com a Casa das Grávidas, mantida pela médica Indiana e com a Casa de Maternidade, mantida pelo Terceiro Reich, atrevo-me a fazer uma relação: ambas priorizavam o controle de qualidade para entrega de um bom produto, o filho. Destaco que a diferença entre elas seria entre o público e o privado. No primeiro caso, ocorre em casa privada e, no segundo caso, em casas mantidas pelo Estado, sendo ambas as práticas realizadas de acordo com as regulamentações e leis do Estado.

Foucault (1999, p.286) destaca que, no período da Segunda Guerra Mundial, houve uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, como espécie, uma estatização do biológico. Esses apontamentos visam demonstrar que os corpos, em nome da manutenção da herança genética, já foram alvo de controle do estado. No caso da Gestação de Substituição, parece que o Estado ainda tem o controle inventando/produzindo leis e normas técnicas oriundas de órgãos reguladores, mesmo que a motivação seja o “desejo” que está na esfera da ordem privada.

Concordo com Luna (2000) quando diz que as representações feitas acerca das novas tecnologias reprodutivas vão muito além da esfera médico-científica e do âmbito da família, tido como privado, sendo questões debatidas no âmbito jurídico, pelas religiões e na m dia, atingindo domínios do mercado e do Estado. Portanto, ao analisar os dois tipos de casas onde ocorriam tais nascimentos projetados, pretendi contextualizar esses saberes e como, em diferentes momentos da história ocidental,

¹³ Termo que se refere ao exército criado por Hitler, na segunda guerra mundial

ocorreu o controle dos corpos femininos em nome da procriação. Naquela época em nome da manutenção da raça ariana e, hoje, para atender motivos de ordem privada.

Para reforçar meu comentário trago uma ideia de Denise Sant'Anna (2000) que aponta que está na ordem do dia a necessidade de aliar o tema da liberação dos corpos, em particular o das mulheres, com aqueles da bioética, do direito, dos riscos e responsabilidades resultantes da ação das novas tecnologias reprodutivas.

Além de gestar com afeto e amor, a mãe substituta desempenha diferentes papéis durante e após a gestação. Ela envia notícias sobre consultas e exames do pré-natal, pode ser a doadora do material genético, deve se cuidar durante a gestação e após o parto, pode amamentar ou enviar o leite materno ao recém nascido e, após essas exigências, também não pode se apegar ao bebê que deve ser entregue aos pais. Assim, a posição de mãe substituta parece ser muito conflituosa e exigente, mesmo após o parto.

Sofrendo com a produção incessante de leite, ela resolveu (Danielle), dias depois, armazenar porções e levá-las até a casa que a família de Gabriela alugou na zona norte da capital para o período de transição até o retorno ao Nordeste (Zero Hora).

Ela continua na clínica só por causa da coleta do leite. Isso não é bem uma surpresa, a Dra Nayana combinou com ela um pagamento pelo serviço, como faz com a maioria das mães e das barrigas de aluguel. E consultou Vanita que poderia ter dito não. Mas, agora, a situação me aflige. Foram oito meses carregando minhas meninas, e ela continua longe de casa para mandar leite para Rita e Cecília. E nem as conheceu. Algumas mães combinam com a barriga de aluguel que ela de o peito para os bebês. Encontram-se todos na clínica a cada duas horas para a amamentação e deixam para dar o complemento em pó só para as mamadas da noite. No caso de gêmeos, essa hipótese é descartada pela própria doutora Nayana, já que raramente leite produzido é suficiente para mais que um (Minhas Duas Meninas).

Os cuidados do período puerperal e a recuperação pós-parto, o retorno à convivência familiar, as consequências e as vivências após a Gestação de Substituição para mãe substituta não aparecem nas reportagens. Neilton Lins (2013) refere que o não dito é uma técnica de dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito. O não dito faz parte do discurso, sendo constituinte do mesmo.

4.3 A FAMÍLIA FELIZ: UMA INSTITUIÇÃO SOCIAL REORGANIZADA DISCURSIVAMENTE

Até o fim do século XVI a prática de deixar crianças com ama de leite ou amas mercenárias só era procurada pela aristocracia, no decorrer dos anos, a partir do século XVIII o envio de crianças para amas é um fenômeno generalizado. Há quem pense que as mães urbanas que enviaram seus bebês para o campo deram com isso uma prova cabal de seu amor materno (BADINTER, 1985, p. 11).

Ao ler os livros e reportagens, percebi que os discursos determinam que a mãe biológica deve controlar, cuidar e vigiar a mãe substituta. Após o nascimento, a mãe biológica volta seus cuidados para o bebê e torna-se fundamental para sua sobrevivência. Também observei que são prescritos determinados modos de ser e atividades que devem ser cumpridas durante o período de espera do bebê. Assim, é aconselhada/recomendada a realização do chá de fraldas durante o período de gestação, sugerido o aleitamento materno após o nascimento de modo que a mulher assumira os papéis maternais socialmente construídos. Ao ensinar tais comportamentos, as reportagens produzem um arquivo de modos de ser mãe e de viver a Gestação de Substituição, perpassando por tais ensinamentos a figura do pai, do médico e do advogado que auxiliam na “busca do sonho” da maternidade.

Dentre tais ensinamentos, a Gestação de Substituição aparece como última alternativa para se formar uma família com filhos, já que ela não é a primeira opção. As reportagens referem a adoção como primeira opção para os casais, como se a Gestação de Substituição fosse uma escolha quando nada mais   possível. Parece que somente depois de determinadas etapas o casal estaria, então, liberado para a Gestação de Substituição.

Após dois abortos, a publicitária (Gabriela) e o marido, Eduardo Breckenfeld, 38 anos, decidiram recorrer à adoção. Amigos e conhecidos ficaram sabendo do propósito e, querendo ajudar, começaram a trazer propostas de mães que queriam doar os filhos. Gabriela chegou a cogitar agir contra a lei... Descobrir que a chegada de uma crianç  com o perfil pretendido poderia levar quase cinco anos abalou a esperanç  dos futuros pais (Zero Hora).

Depois de uma jornada de sete anos de tratamentos para engravidar e já na fila de adoção, ela (Tet ) e o marido, o jornalista Sérgio Dávila, haviam feito uma última tentativa de ter um bebê geneticamente. E vieram logo dois, ou melhor, duas (Gerando Amor).

Depois de esgotadas as alternativas possíveis para nos tornarmos pais, incluindo a fila interminável de espera de adoção, recorreremos ao desconhecido universo das barrigas de aluguel (Marie Claire).

A função desses enunciados parece mostrar as dificuldades que o casal deve passar antes de tentar Gestação de Substituição. Por outro lado, parece que também desencorajam os casais a tentarem a adoção, uma vez que apontam as dificuldades ao referir o número de abortos e a longa jornada a ser percorrida antes de tentar a Gestação de Substituição. Com isso, tal modo de ter um bebê parece ser a alternativa mais adequada, prática, ágil e rápida, valores tão importantes nessa pós-modernidade, pois, além de tudo, ainda permite o planejamento e organização da vida do casal.

Segundo Claudia Fonseca (2001), desde a metade do século passado, novas tecnologias reprodutivas têm transformado nossa maneira de pensar sobre a cisão entre natureza e cultura, trazendo "mudanç s profundas" na conceituação ocidental de família. No entanto, Isaias Oliveira Júnior (2015) destaca a visão clássica de família e aponta que tal aspecto, em grande parte, é fruto da cultura midiática, que tem como público de consumo pessoas heteronormativas e um cliente patrocinador, que aspiram um ideário da família nos moldes tradicionais.

Para tentar suavizar o impacto no leitor e apresentar essa nova forma de constituição familiar, as m dias utilizam uma tática: a construção da imagem-semelhança entre os sujeitos participantes do processo de Gestação de Substituição. Uma das maneiras com que o jornal faz isso é pelo modo de vestir. A mãe biológica e a mãe substituta vestem as mesmas roupas e aparecem juntas nas imagens (figuras 8 e 9).

Na reportagem de capa (ver figura 1) os sujeitos estão usando roupas parecidas com o mesmo tecido e com as mesmas cores. Dessa maneira ocorre uma ideia de unidade familiar em que a gestação a três pode ser vista como habitual, sendo que todos sonham o mesmo sonho, constituindo o que Rafael Grohmann (2010) chama de naturalização da verdade. Um fato interessante relacionado à ideia da unidade familiar diz respeito à invisibilidade da mãe substituta, por meio da ocultação do seu rosto. Observei, na figura 8, que as mulheres da foto parecem ser a mesma pessoa. Tal estratégia parece suavizar a ideia da constituição familiar com três sujeitos. Dessa forma, apresenta a nova modalidade da família clássica que, de

acordo com Letícia Oliveira (2014), passou a refletir as mudanças históricas que ocorreram na sociedade, inspirando novos núcleos familiares, distantes daqueles modelos de família considerados tradicionais, padronizados.

Fonseca (2001) refere que o conhecimento generalizado acerca dessa tecnologia atravessa fronteiras de classe e contribui para uma possível mudança de valores envolvidos em novas estruturas familiares. Parafraseando Ramírez-Galvez (2003), a Gestação de Substituição implode o modelo de gravidez somente pela mãe biológica e implica a ruptura do paradigma da sociedade no momento em que acrescenta um terceiro sujeito nesse processo.

Figura 8 – Curtindo a gestação



Fonte: Fronza (2016c, p.5)

Em outro momento, a reportagem apresenta a gestação a três colocando o rosto da mãe substitua no foto (figura 9), utilizando a tática da imagem-semelhança entre os integrantes dessa família. Assim, a família feliz parece estar representada na sua formação clássica. Tal estereótipo familiar, com filhos, pai e mãe, está em constante transformação, visto as diferentes constatações oriundas dos comportamentos e aspectos culturais que determinam as escolhas das pessoas. E nesta transformação da composição/organização das relações familiares, surge o saber médico que estabelece possibilidades para o alcance da família desejada.

No entanto, a família deve ser compreendida como um gênero permeado por várias espécies e subespécies (OLIVEIRA JUNIOR, 2015). E com o progresso da genética é possível imaginar inúmeras famílias, o que já foi dito por Jacques Derrida e Elisabeth Roudinesco (2004, p. 53). As novas tecnologias reprodutivas possibilitaram que as relações familiares assumissem uma importância que vai além das relações humanas, dentre elas a manutenção da herança genética. Luna (2002) aponta que essa forma de conceituar a família retoma os símbolos centrais da ideologia americana de parentesco com ênfase na base biogenética, enquanto o nascimento da criança torna o casal uma família.

Figura 9- A nova gestação



MÃEDRINHA: Fabiana emprestou seu útero para a irmã

Fonte: Fronza, (2016c, p. 5)

Assim como a família vem sendo reinventada conforme as condições sócio-culturais de cada era, a maternidade também passa por esse processo. Badinter (1985) destaca que a maternidade foi reinventada graças aos estudos de Rosseau, visando diminuir a mortalidade infantil que era alta na época. Fernanda Ribeiro (2012) aponta que as novas tecnologias reprodutivas configuram-se como uma forma distinta de concepção; entretanto, não levam a uma forma distinta de maternidade. No entanto, observo que as novas tecnologias reprodutivas reconfiguram formas e maneiras de viver a maternidade e a gestação, como podemos observar nos excertos seguintes:

Você está grávida, só que não está (Gabriela) (Zero Hora).

Estava vivendo aquele turbilhão. Não dá pra dizer “ah que normal”. Não é normal, é viável (Gabriela) (Zero Hora).

Uma vez por mês recebia (Tetê) um boletim com a situação de Vanita e dos bebês. Levava ao meu obstetra e ele me dizia o que aquilo (exames de sangue, ultrassons significava (Minhas Duas Meninas).

Além de agilizar/facilitar o sonho de ser mãe e pai e ter uma família, a Gestação de Substituição proporciona outros momentos prazerosos, tais com vivenciar a gravidez e os preparos para receber o bebê, dentre eles o chá de fralda (figura 10), incluindo os casais nos rituais e ideais de família tradicional. Os enunciados e imagens evidenciam tal apontamento:

À distância, Gabriela comprou roupinhas para Martin e Pilar, montou o quarto e organizou um chá de fralda (Zero Hora).

Minha maior curtidão era apreciar as compras online: meias, tiptops e outros artigos fofos (Gerando Amor).

Figura 10 - O chá de fraldas da princesa



FAMÍLIA: avós e tias aguardam a chegada da princesa

Fonte: Fronza, (2016b, p. 5)

As reportagens transmitem a ideia de que essas mães estão vivenciando e curtindo sua gestação, não da forma mais conhecida e aceitável na nossa cultura, mas da forma possível, inventada pelas novas tecnologias reprodutivas. Elas vão juntas às consultas médicas ou levam os exames para seu médico analisar, entendendo que a tecnologia está criando técnicas que possibilitam a constituição familiar com manutenção da herança genética, o que proporciona a inclusão social dos sujeitos.

Dagmar Meyer (2012) explica a família como alvo preferencial da 'inclusão social' e que esta interpela determinados sujeitos e grupos sociais posicionando-os ao mesmo tempo, tanto como responsáveis por problemas sociais complexos, quanto por sua resolução. Deste modo, casais inférteis emergiram no espaço da família genética, sendo que as discussões sobre tal constituição familiar poderiam ser (re)pensadas, assim como as verdades produzidas pelos discursos que as sustentam.

As práticas de significação e os processos simbólicos, através dos quais os sentidos de maternidade são construídos envolvem, portanto, relações de poder: O poder de nomear, descrever, classificar, identificar e diferenciar, por exemplo, jeitos de ser mulher e mãe; o poder de incluir, excluir e definir corpos, comportamentos, grupos e/ou indivíduos e, assim, demarcar os seus lugares sociais. (MEYER, 2000, p.121)

Badinter (1985) relata que houve uma construção social da mãe que conhecemos na atualidade. Aponta que a nova mãe, construída a partir do século XVIII, aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela, pois aí começa a era das provas de amor materno. A autora coloca que a "primeira prova de amor da mãe pelo filho é a amamentação" (BADINTER, 1985, p. 310). Refere cinco provas de amor materno, sendo elas: o aleitamento, o abandono da faixa e a higiene, a criança insubstituível, o médico de família e presença e devotamento.

Então para essas mulheres provarem que amam, que serão excelentes mães, mesmo não tendo gestado seus filhos, elas passam por tratamento a base de hormônios para estimular a produção de leite materno que possibilita amamentar seu bebê, conforme afirmam os enunciados a seguir :

Talita está tomando hormônios para estimular a amamentação (Reportagem 1 da Folha On-line).

Estou tomando medicamentos para estimular a produção de leite e graças a Deus estou conseguindo amamentar minha filha. É uma sensação maravilhosa, indescritível, afirmou Talita (Reportagem 2 da Folha On-line).

Outra questão é a divisão do que parecia indivisível há alguns anos, a possibilidade de cuidados no puerpério em duas mulheres e apenas uma gestação. Virgínia Moretto (2010) aponta que a consulta de puerpério é importante no acompanhamento para avaliação de complicações no pós-parto, tais como o desmame precoce, depressão pós-parto, anemia, entre outras. É o momento do profissional de saúde reavaliar, incentivar e estabelecer o aleitamento materno, intervindo nas situações que se fizer necessário.

O pós-parto imediato é reproduzido pela imagem (figura 11) da mãe biológica feliz e realizada, sentada em uma poltrona de hospital, dando a entender que participou do processo do parto e está amamentando e contando com o apoio do pai para exercer essa função. Mariene Riffel (2005) refere que os hospitais, na posição de instituições de sequestro, tem como função a maximização da vida dos indivíduos aproveitando sua estadia na instituição para palestras e grupos de orientação que induzem à prática do aleitamento materno.

Luna (2002) aponta que os casais tendem a negar o caráter tecnológico do processo e naturalizá-lo. E uma forma de naturalizar esse processo é contando com a ajuda da medicina e da medicalização. No Brasil observamos isso pelos manuais do Ministério da Saúde que estimulam o aleitamento materno.

Acredita-se que a amamentação traga benefícios psicológicos para a criança e para a mãe. Uma amamentação prazerosa, os olhos nos olhos e o contato contínuo entre mãe e filho certamente fortalecem os laços afetivos entre eles, oportunizando intimidade, troca de afeto e sentimentos de segurança e de proteção na criança e de autoconfiança e de realização na mulher. Amamentação é uma forma muito especial de comunicação entre a mãe e o bebê e uma oportunidade de a criança aprender muito cedo a se comunicar com afeto e confiança. (BRASIL, 2009, P. 18)

Tais discursos reforçam outros que circulam habitualmente na mídia e são apresentados como universais e naturais. Assim, os enunciados e imagens das reportagens produzem sentidos de que a mãe que ama amamenta, mesmo não tendo gestado a criança, reforçando a noção de vínculo entre a mãe e o bebê, sugeridos pelo Ministério da Saúde.

Meyer (2005) destaca que a consolidação dos estados nacionais incorporou e posicionou a mulher como mãe no centro das “políticas de gestão da vida” nas sociedades ocidentais modernas. A autora afirma que essa politização da maternidade é incorporada e difundida pelas políticas de Estado, pelos manuais, revistas, jornais, televisão, cinema e publicidade, sendo o modelo da mãe cuidadosa

triunfante. Tal imagem também reforça a posição do pai como figura importante nesse contexto, exercendo "o papel de cão de guarda" para que, além de aceitar e incentivar, ele se encarregue efetivamente de cuidar da mãe para o bem de seus filhos, mesmo quando as esposas recusem-se a implementá-la (MEYER, 2000).

Segundo Joan Scott (1995), esses efeitos mais tradicionais surgem da organização assimétrica da maternidade e paternidade, especialmente na tipificação de gênero, sendo o papel da mãe representado como figura primária e o do pai como distanciado. Assim,

vistos desta forma, os sistemas de representação, ao construírem lugares que posicionam seres humanos como mulheres, mães ou nutrizes de diferentes tipos ou, ao proporcionarem respostas que possibilitam a elas entender aquilo que são e devem fazer enquanto mães ou, ainda, ao operarem a equivalência entre o ser mãe e a prática da amamentação, constroem posições de sujeito, produzem diferenças e identidades. (MEYER, 2000, p.121).

Figura 11- Amamentando a princesa



FAMINTA: logo após nascer, Lavínia foi conduzida para os braços de Vanessa para ser amamentada enquanto o pai babava

Fonte: Fronza (2016a, p. 10)

Meyer (2000) aponta que essas representações (imagens, textos, áreas de conhecimento, sons, corpos) definem e regulam o ser mãe no interior de nossa cultura e que tais modos precisam ser problematizados. Portanto, essas mães biológicas constituídas em nossa cultura exercem a maternidade de modo a demonstrar todo o seu amor materno. Tais discursos e enunciados procuram evidenciar que a Geração de Substituição não afeta as formas de viver a

maternidade e o amor materno. Elas reforçam a ideia do amor materno instintivo, incondicional, indissolúvel, indestrutível, durável, forte e eterno. Portanto, esses discursos nada mais são do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos nossos olhos; e quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, as coisas podem voltar à interioridade silenciosa do sujeito e da consciência de si (FOUCAULT, 2010).

Depois que Lavínia nasceu, ela foi para o colo do pai e da mãe para fazer o que é chamado de pele a pele quando o bebe tem contato com os pais para se conhecerem (Reportagem 5 do CG e DC).

Não tenho nenhum tipo de problema com o fato de elas não terem nascido de dentro de mim. Me sinto 100% mãe, nem lembro mais que não foram geradas na minha barriga!"(Marie Claire).

Os enunciados confirmam que o amor materno é possível na Gestação de Substituição. Eles reforçam o imaginário de que mãe é uma só e insubstituível, já que as mães biológicas, mesmo que não tenham gestado seus filhos, conseguem amá-los e construir o vínculo com a criança que foi gestada pela mãe substituta. Para Foucault (2000), os enunciados estão ligados a um referencial que não é constituído de coisas, de fatos, de realidade, ou de seres, mas de leis de possibilidades, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos para as relações que se firmam ou se negam entre os sujeitos.

Assim, os discursos induzem-nos a pensar que tal amor não tem as características das relações vividas na modernidade líquida em que damos prioridade às relações em rede, que podem ser desmanchadas e tecidas com facilidade, conforme nossos desejos e impulsos. Bauman (2004) aponta que estamos em uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional e objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor.

Os filhos são desejados pelas alegrias que proporcionam, o que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar. Se, por um lado, os enunciados e discursos reforçam a ideia de que o amor materno é sólido, resistente, indestrutível e moderno, por outro, há quem o coloque sob suspeita. Badinter (1995) sugere que talvez recusemo-nos a pensar que o amor

materno não é indefectível porque poderíamos questionar o amor absoluto de nossa própria mãe.

5 PERÍODO EXPULSIVO

Só sei que nada sei.¹⁴
Socrates

Pari a dissertação. Foi uma gestação de 18 meses, com dores, sofrimentos, sem náuseas ou enjoos, com alegrias, descobertas e mudanças. Foi uma gestação normal e feliz. Se, quando nasce um filho, nasce uma mãe, quando nasce uma dissertação, nasce um novo sujeito, constituído de outros (novos ou velhos) discursos que foram atravessando-me nesta trajetória. O que posso dizer de mim neste ponto de chegada ou partida é que, hoje, tenho mais dúvidas que certezas, mas estou encorajada a enfrentar novos desafios.

Dizem que quando nasce um filho as mães se confrontam com um filho real e com o filho imaginário. Agora tenho a dissertação pronta, confrontada com meu sonho, a dissertação imaginária. Imagino somente coisas boas para ela, mas não sei como se comportará, como será lida, os usos que serão feitos, as críticas e os rumos que irá tomar. Com certeza, será um eterno aprendiz, a vida inteira continuarei aprendendo a pesquisar, do mesmo jeito que quando se tem um filho aprendemos a ser mãe a cada dia, esperando o inesperado.

Posso dizer mais, que me sinto diante do recomeço de novas etapas que virão, pois, enquanto tiver dúvidas e perguntas, terei o que pesquisar, estudar, investigar, torcer, retorcer... Acredito que a vida e a pesquisa são assim: permanecem num movimento contínuo; levam a novos questionamentos. As coisas estão constantemente em discussão, reflexão e construção.

Ao olhar para os discursos da mídia, procurei ver o que meus olhos não estavam acostumados a ver. Busquei, com auxílio das ferramentas foucaultianas, analisar publicações de jornais, livros e revistas que veicularam reportagens sobre Gestação de Substituição para conhecer os discursos que circularam na mídia sobre a temática. Tais enunciados ajudam a construir um arquivo sobre modos e maneiras de viver, ver, julgar, guiar, modelar a Gestação de Substituição. O que encontrei foi surpreendente para mim.

A mídia refere a Gestação de Substituição como uma solução mágica, real e possível para a infertilidade dos casais. Procura dar visibilidade para esse processo

¹⁴ Frase atribuída ao filósofo grego Sócrates, que viveu no século V a.c.

usando táticas e estratégias de narrativa que pretendem conquistar e encantar leitores e leitoras com histórias de vida e suas superações. Observei que os discursos são dirigidos preferencialmente às mulheres. Nessas histórias, mães biológicas e mães substitutas encontram-se num conto de fadas que posicionam as mulheres como heroínas e o gênero masculino como coadjuvante.

Os vilões não ocupam lugar nessas histórias. O destino é posicionado como obstáculo a ser superado, na versão da doença que causa a infertilidade. Desta maneira, as reportagens parecem ter o objetivo de estimular a Gestação de Substituição tanto aos pais biológicos como às mães substitutas, apresentado as histórias como sonhos possíveis e realizáveis.

Por outro lado, as m dias não enfatizam os altos custos do procedimento de fertilização, da estimulação hormonal, tanto da mãe biológica quanto da mãe substituta, mesmo que a Gestação de Substituição não envolva aluguel de corpo. Assim, as reportagens dos jornais e revistas e os textos dos livros analisados parecem estimular tanto os futuros pais biológicos como as mães substitutas. Uns fazem de tudo para ter o filho que desejam, outras ora são vistas como alguém capaz de amar uma crianç a e fazer a felicidade de um casal, ora como alguém que vende seu corpo por dinheiro, quando seu corpo é tratado como objeto de consumo, que está   venda e tem um preç o.

As m dias parecem não questionar a Gestação de Substituição, isto é, dão pouco espaç o para debater o sentido de se ter um filho biológico. Os discursos da m dia estimulam o casal pra que curta, acompanhe e controle a gestação, como se estivesse gestando. Para isso, interpela a mulher que doa ou aluga seu corpo referindo-a como bondosa, altruísta, desapegada, que ajuda os outros e se torna um ser humano melhor. Com isso, ganha seu momento de fama. Assim, a gestação de substituição   vista como opção prática, rápida, viável, prazerosa e vantajosa para se ter o filho.

Os discursos enfatizam esta prática como uma decisão do casal que foi forte, não desistiu de seu desejo e, por isso, vive a maternidade e paternidade de forma plena e feliz. Também apontam a necessidade do apoio da família, do médico, da tecnologia, destacando a importância de ter uma boa condição financeira, estar disposto a enfrentar dificuldades e se adaptar a novas culturas e comportamentos.

As m dias preocupam-se em reforçar os discursos em torno da maternidade moderna, em que o amor materno   sólido e inquestionável. Reforç m a imagem da

mulher que ama esse filho incondicionalmente, desde os primeiros momentos, mesmo sem ter gestado, que se sujeita a tratamentos de estimulação hormonal, que amamenta seu filho enfatizando os benefícios do aleitamento materno e sua importância para a saúde da criança. Com isso, tais discursos reproduzem as políticas do Ministério da Saúde, reverberando o papel das instituições hospitalares e das unidades básicas de saúde.

Ao mesmo tempo, existem discursos silenciados em relação aos cuidados com o puerpério da mãe substituta, o pós-parto imediato, a involução uterina, a recuperação do parto. Cuidar dessa mulher, desse corpo, desde o período que antecede a gestação até o puerpério, é um dos desafios para enfermagem. Em função disso, acho inadequado o apelido “barriga de aluguel” por entender que o corpo da mulher está envolvido nesse processo, não somente a barriga e porque no Brasil a doação temporária de útero não pode ser comercializada, de acordo com as leis brasileiras. Portanto, atrevi-me a sugerir a expressão corpo solidário que me parece mais adequada, tendo em vista o envolvimento do corpo dessa mulher que se oferece para gestar, para ser a mãe substituta.

Considero importante que a enfermagem discuta o que, como, com quem e quais cuidados devem ser abordados nas consultas de puerpério, por exemplo. Acredito que devemos (re)pensar nossas práticas, pois tal condição pode acarretar em complicações para a mãe substituta que não amamentará, principalmente por causa da diminuição da produção de ocitocina prejudicando sua involução uterina. Para a mãe biológica temos a medicalização do aleitamento materno. Estas são possibilidades de discussão que levanto para pensarmos este assunto.

Portanto, o que pretendi nessa dissertação é que a tecnologia está (re)inventando modos de viver e operar a maternidade na pós-modernidade. Sugiro à Enfermagem ampliar as discussões, rever suas práticas em relação à Gestação de Substituição, pensando possibilidades de cuidado para os sujeitos envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

ANU; KUMAR, Pawan; INDER, Deep; SHARMA, Nandini. Surrogacy and Women's Right to Health in India: Issues and Perspective. **Indian Journal of Public Health**, v. 57, n. 2, abr-jun, 2013. Disponível em: <http://www.ijph.in/article.asp?issn=0019-557X;year=2013;volume=57;issue=2;spage=65;epage=70;aulast=Anu%2C>. Acesso em 22 fev. 2017

ARVIDSSON, Anna; JOHNSDOTTER, Sara; ESSÉN, Birgitta. Views of Swedish Commissioning Parents Relating to the Exploitation Discourse in Using Transnational Surrogacy. **Plos One**. p.1-12, 2015. Disponível em <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0126518>. Acesso em: 22 fev. 2017

BADALOTTI, Mariângela. Aspectos Bioéticos da Reprodução Assistida no Tratamento de Infertilidade Conjugal. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 4, n. 54, p. 478-485, out/dez. 2010. Disponível em: http://www.amrigs.org.br/revista/54-04/022-732_bioetica_aspectos.pdf. Acesso em: 14 jun.2016

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE: **DeCS [Internet]**.. São Paulo : 2017: BIREME / OPAS / OMS . Disponível em:<http://decs.bvsalud.org>. Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/>. Acesso em: 10 set. 2017

BRASIL. Lei n. 9434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 4 fev 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9434.htm. Acesso em: 06 mai. 2016

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde da Criança: nutrição infantil, aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 112p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf. Acesso em: 4 jun de 2017.

BRASIL. Provimento Corregedoria Nacional de Justiça n. 52, de 14 de março de 2016. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 14 mar. 2016. Seção I. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2016/03/6bd953c10912313a24633f1a1e6535e1.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2016.

CARDIN, Valéria Silva Galdino; GUERRA, Marcela Gorete Rosa Maia; SANTOS, Andréia Colhado Gallo Grego Santos. Dos limites da disposição do próprio corpo: uma análise da cessão do útero como efetivação do direito ao planejamento familiar à luz da teoria geral dos contratos. **Revista Bioética y Derecho**. Barcelona. v. 35, p. 79-93 2015. Disponível em: <http://revistes.ub.edu/index.php/RBD/article/view/14283/17538>. Acesso em: 23 fev. 2017.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000

CASTRO, Lidiane Nunes de; CHAMPANGNATTE, Dostoiewski Mariatt de Oliveira. Feminismo e conto de fadas: uma análise do filme frozen. **Revista Philologus. Rio de Janeiro**, v. 22, n. 64, p. 512-522 jan./abr.2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/64supl/036.pdf>. Acesso em 10 ago 2017.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Adota as normas éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida – sempre em defesa do aperfeiçoamento das práticas e da observância aos princípios éticos e bioéticos que ajudarão a trazer maior segurança e eficácia a tratamentos e procedimentos médicos – tornando-se o dispositivo deontológico a ser seguido pelos médicos brasileiros e revogando a Resolução CFM nº 2.013/13. Resolução n 2.121, de 16 jul de 2015. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 24 set. 2015. Seção I. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2015/2121_2015.pdf. Acesso em: 05 mai. 2016.

_____. Adota as normas éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida, anexas à presente resolução, como dispositivo deontológico a ser seguido pelos médicos e revoga a Resolução CFM nº 1.957/10. Resolução n. 2.013, de 16 abr de 2013. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 09 maio 2013. Seção I. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2013/2013_2013.pdf. Acesso em: 05 mai. 2016, 16h.

_____. A Resolução CFM nº 1.358/92, após 18 anos de vigência, recebeu modificações relativas à reprodução assistida, o que gerou a presente resolução, que a substitui *in totum*. Resolução n. 1.957, de 06 jan de 2010. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 06 jan. 2011. Seção I. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1957_2010.htm. Acesso em: 05 mai. 2016.

_____. Adota normas éticas para utilização das técnicas de reprodução assistida. Resolução n. 1.358, de 19 nov de 1992. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 19 nov. 1992. Seção I. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1992/1358_1992.htm. Acesso em: 05 mai. 2016.

CÔRREA, Marilena Cordeiro Dias Villela. Ética e reprodução assistida: a medicalização do desejo dos filhos. **Revista de Bioética**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 71-82, jul./dez. 2001. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/246/24. Acesso em: 13 jun. 2016.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação- um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, Poder e Educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: Ulbra, 2005. p. 107-120.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 2. São Paulo: Ed. 34, 2000. Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAH_8AJ/gilles-deleuze-felix-guattari-mil-platos-vol-2. Acesso em: 13 mai 2017.

_____. Post scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELUEZE, Gilles. **Conversações** Rio de Janeiro: 34 Letras., 1992. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 01 de set de 2017.

DERMOUT, Sylvia; VAN DE WIEL, Harry; HEINTZ, Peter; JANSEN, Kees; ANKUN, Willem. Non-commercial surrogacy: an account of patient management in the first Dutch Centre for IVF Surrogacy, from 1997 to 2004. **Human Reproduction**, v.25, n.2, p. 443–449, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2806181/>. Acesso em 22 fev. 2017.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DUARTE, Regina Horta. Limites e fronteiras entre a história da biologia em Michel Foucault: As palavras e as coisa e o surgimento da biologia no século XIX. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA –NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de. (Org). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

DICIO, Dicionário Online de Portugues. 2009-2017. Disponível em <https://www.dicio.com.br/prodromo>. Acesso em 10 ago. 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.135-145.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, Máquinas de imagem, e Práticas Pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. 2007. Mai-Ago; 12(35): 290-99. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235>. acesso em 29 Jul de 2017.

_____. Na companhia de Foucault: multiplicar acontecimentos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.29, n.1, jan-jun, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/download/25427/14753>. Acesso em: 02 mai, 2017.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro n. 20, p.83-94, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a07.pdf>. Acesso em: 10. Ago de 2016

FONSECA, Claudia. A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea. In: III PROGRAMA RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 13-16 de março, 2001 (mimeo). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000126&pid=S0104-5970200500020000900017&lng=pt. Acesso em 07 ago de 2016

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Ordem do Discurso**. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **El cuerpo utópico. Las heterotopías**, (Ed. Nueva Vision) Esta versão está publicada no jornal argentino Página/12, 29-10-2010. A tradução é do Cepat.) Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/o-corpo-utopico-foucault-56042e7eb69e1.html>. Acesso em: 10de ago de 2017.

_____. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007

_____. **A Arqueologia do Saber (1926-1984)**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P.; RABINOW, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

FRONZA, Diléa. Da fada-madrinha para a mãe: nasce a Lavínia. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha - edição conjunta**. Gravataí, Grupo Sinos, 08 abr. 2016a.

_____. Ela está quase chegando. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha - edição conjunta**. Gravataí, 31 mar. 2016b.

_____. Lavínia, o nome do amor. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha - edição conjunta**. Gravataí, 28 mar. 2016c.

GERZSON, Vera Regina Serezer. A educação na revistas: entrelaçamentos entre mídia, consumo e o dispositivo neoliberal. In: ABREU, Bento Fagundes de; ALMEIDA, Tânia Silvia de, ROCHA, Cristianne Maria Famer (Orgs). **Mídia impressa para além do bem e do mal: estudos sobre revistas**. Jundiaí: Paco, 2012.

GOLOMBOK, Susan; READINGS, Jennifer; BLAKE, Lucy; CASEY, Polly; MARKS, Alex; JADVA, Vasanti. Families created through surrogacy: Mother-child relationships and children's psychological adjustment at age 7. **Dev Psychol**. United Kingdon. v.

47, n. 6, p. 1579–1588, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3210890/>. Acesso em: 22 fev 2017

GOZZO, Débora; LIGIERA, Wilson Ricardo. Maternidade de substituição e a lacuna legal: questionamentos. **Civilistica.com**. Rio de Janeiro, a. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <http://civilistica.com/wp-content/uploads/2016/07/Gozzo-e-Ligiera-civilistica.com-a.5.n.1.2016.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2016

GROHMANN, Rafael do Nascimento. Michel Foucault, Discurso e Mídia. **Revista Anagrama**. São Paulo, v.2, n.3. dez-fev, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/download/6423/6083>. Acesso em: 13 mai, 2017.

GUIMARÃES, Ana Claudia. Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles. Coluna do Anselmo: **O Globo**. Site G1, 05 de jun. 2016. Disponível em <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/casal-de-homens-tera-filho-gerado-pela-mae-de-um-deles.html>. Acesso em 27 de abr de 2017

GUZMÁN, José López; MIRALLES, Ángela Aparisi Miralles. Aproximación a la problemática ética y jurídica de la maternidad subrogada. **Cuaderno de Bioética**. Lisboa. XXIII p. 253-67, 2012. Disponível em: <http://aebioetica.org/revistas/2012/23/78/253.pdf> . Acesso em: 24 fev. 2017

HOGGART, Richard. **The uses of literacy: aspects of working-class life**. United Kingdon: Penguin Books, 1957.

IMRIE, Susan; JADVA, Vasanti. The long-term experiences of surrogates: relationships and contact with surrogacy families in genetic and gestational surrogacy arrangements. **Reproductive BioMedicine Online**, v. 424–435, 2014. Disponível em: [http://www.rbmojournal.com/article/S1472-6483\(14\)00353-8/fulltext](http://www.rbmojournal.com/article/S1472-6483(14)00353-8/fulltext). Acesso em 22 fev. 2017.

JADVA, Vasanti; GOLOMBOK, Susan; BLAKE, Lucy; CASEY. Surrogacy families 10 years on: relationship with the surrogate, decisions over disclosure and children's understanding of their surrogacy origins. **Human Reproduction**, United Kingdon v. 27, n.10, p. 3008–3014, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3442632/>. Acesso em: 22 fev. 2017

JIMÉNEZ, Mónica Amador. Biopolíticas y biotecnologías: reflexiones sobre maternidad subrogada en Índia. **Revista CS**, Cali, n. 6, p. 193-217, jul – dez, 2010. Disponível em: https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/revista_cs/article/view/466/466 Acesso em: 24 fev 2017

KRUSE, Maria Henriqueta Luce; SILVA, Karen Schein; RIBEIRO, Rúbia Guimarães; A ordem como tarefa: a construção dos Diagnósticos de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN)**. Brasília, v. 6, n. 2, p. 262-266. mar-abr, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200020>. Acesso em: 07 ago. 2016.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios**: das coisas que se ensinam às enfermeiras. Tese (Doutorado) Programa da Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3436>. Acesso em: 15 ago 2016.

LAZZARATO, Maurizio. **A Fábrica do Homem Endividado**. Paris: Amsterdam, 2011.

LAVERY, Stuart; NG, Chun; KYRGIU, Maria; FARTHING, Allan. Gestational surrogacy after intra-operative oocyte collection in a hysterectomised woman diagnosed with endometrial cancer. **BJOG An International Journal of Obstetrics and Gynaecology**. 118:1669–1671. 2011. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1471-0528.2011.03145.x/full>. Acesso em: 22 fev. 2017

LEITE, Ravênia Márcia de Oliveira. Aspectos da Legislação sobre Barriga de Aluguel. **Revista Eletrônica Consultor Jurídico (CONJUR)**. 10 jul. 2009. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2009-jul-10/aspectos-civis-criminais-legislacao-barriga-aluguel>. Acesso em: 20 mai. 2016.

LEITE, Tatiane Henriques; HENRIQUES, Rodrigo Arruda de Holanda. Bioética em reprodução assistida: influencia dos fatores sócio –econômico-culturais sobre a formulação de legislações e guias de referencia no Brasil e em outras nações. **Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.24 n. 1, p. 31-47, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312014000100031&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 20 out. 2016.

LINS, Neilton Farias. Os Ditos e Não Ditos nas Capas da Istoé e Veja. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. v 9, n.17, 2013. Disponível em: http://www.letramagna.com/17_11.pdf. Acesso em 08/ ago. 2017.

LOPEZ, Laura. Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia. **Maria Claire**, São Paulo. 27 de mai 2016. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/05/gravidez-sem-barriga-saga-de-uma-brasileira-cujas-filhas-biologicas-nasceram-na-india.html>. Acesso em 09 de set 2016.

LUNA, Naara Lúcia de Albuquerque. **Bebê de Proveta, Barriga de Aluguel, Embriões de Laboratório**: As Representações Sociais das Novas Tecnologias Reprodutivas. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

_____. Maternidade desnaturada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos. **Cadernos Pagu** (19) 2002, p. 233-78.

MEDEIROS, Caciene de Souza. O discurso da inclusão pela diferença na relação mídia e sociedade. In: FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni. (orgs). **Discursos sobre Inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014, p. 51-88. Disponível em:

http://www.ngime.uff.br/especializacao/wpcontent/themes/especializacao/discursos_sobre_inclusao.pdf. Acesso em 01 nov. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann; KLEIN, Care; FERNANDES Leticia Prezzi. Noções de família em políticas de 'inclusão social' no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 20, p. 433 - 449, maio-agosto/2012

MEYER, Dagmar Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, Niterói, n. 1, p. 81-104. 2005 Disponível em <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198>. Acesso em 05 ago 2017.

_____. As Mamas Como Constituintes de maternidade: uma história do passado? **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.25, v. 2, 117-133, jul-dez, 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46838> Acesso em 05 ago. 2017.

MORETTO, Virgínia Leismann. **A capacitação participativa de pré-natalistas em uma unidade básica de saúde: um estudo de caso**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27068/000763623.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 ago de 2017.

NANCINHA, 2009. Disponível em: <http://nancinha-minhota.blogspot.com.br/2009/04/discussao-sobre-o-ditado-popular-quem.html>. Acesso em 04 mai. 2017.

NENHUM DE NOS. Flores na cabeça. CORREA, Teddy: intérprete. In: **Paz e Amor**. Porto Alegre: Paradoxx Music, 1998.

NOSARKA, Sallema; KRUGER Thinus F. Surrogate Motherhood. **Editorial Department of Obstetrics and Gynaecology**. Institute of Reproductive Medicine. Stellenbosch University and Tygerberg Hospital, África do Sul, v. 95, n. 12, p. 1-3, dec. 2005. Disponível em: <http://www.samj.org.za/index.php/samj/article/view/1925/1241>. Acesso em: 16 set. 2016.

OLIVEIRA, Leticia Gabrielly Carneiro. Influência da mídia brasileiras em processos de barriga de aluguel. **Revista Direitonet**. Fev. 2014. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/8314/Influencia-da-midia-brasileira-em-processos-de-barriga-de-aluguel>. Acesso em: 09 nov. 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MORAES, Dirce Aparecida Foletto de; COIMBRA, Renata Maria. Família "margarina": as estereotípias de famílias na indústria cultural e a des/re/construção de conceitos docentes. **HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 64, p. 266-279, set. 2015.

PINHEIRO, Monalisa da Silva. **Me ensina a (sobre) viver com câncer?** uma análise de livros de autoajuda. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017

PRUINELLI, Lisiane. **Mídia e Doação de Órgãos**: a produção de sujeitos doadores. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60575/000679969.pdf>. Acesso em 29 jul 2017

RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha Célia. **Novas tecnologias reprodutivas conceptivas**: Fabricando a vida, fabricando o futuro. 2003. 259 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000306020>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

RIBEIRO, Fernanda Schmitt. **A experiência da maternidade na gravidez múltipla concebida com auxílio de técnicas de reprodução assistida**. Dissertação (Mestrado) – Program de Pós Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: Acesso em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117113/000837434.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26 abr de 2017.

RIBEIRO, Tetê. **Minhas duas Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

RIFFEL, Mariene Jaeger. **A Ordem da “Humanização do Parto” na educação e na vida**. Tese (Doutorado) – Programa da Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7097/000539271.pdf?sequence=1> Acesso em 29 jul de 2017.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. Operadores discursivos da mídia impressa: uma possibilidade de análise. In: ABREU, Bento Fagundes de; ALMEIDA, Tânia Silvia de; ROCHA, Cristiane Maria Famer. (Orgs). **Mídia impressa para além do bem e do mal**: estudos sobre revistas. Jundiaí: Paco, 2012.

_____. **A Escola na Mídia**: nada fora do controle. 2005. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6351/000484351.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ROSA, Aline Paulino; POMPERMAIER, Leandro Bento. **Gerando amor**: uma jornada de barriga de aluguel. São Paulo: Scortecci, 2015.

ROSE, Nikolas. Governamentalidade, ‘Sociedade Liberal Avançada’ e Saúde: diálogos com Nikolas Rose. **Interface**. v. 19, n. 54, p. 647-658, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v19n54/1807-5762-icse-19-54-0647.pdf> . Acesso em 20/07/2017.

_____. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: RIBEIRO, Luis Henrique Sacchi dos Santos; COSTA, Paula Regina. **Corpo Gênero e sexualidade**. Rio Grande do Sul: FURG, 2011. p. 13-32.

SAMPAIO, Mariana; LIMA, Elieuzza Aparecida de; VALIENGO, Amanda. **Falas de Professore(a)s**: O Papel dos Contos de Fadas no Desenvolvimento da Imaginação na Educação Infantil. In: VI COPEDI - Congresso Paulista de Educação Infantil e II Congresso Internacional de Educação Infantil, 2012, São Paulo. Educação Infantil Subvertendo Ordens? Política, Imaginação e Fantasia, 2012. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14828.pdf>. Acesso em 01 nov. 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As Infinitas Descobertas do Corpo. **Cadernos Pagu**. (14) 2000: 235-49. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635354>. Acesso em 29 jul. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 05 ago 2017.

SILVA, Ricardo José Barbosa. **História invisível**: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do nacional-socialismo. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo (USP), 2009. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24022010-081416/pt-br.php>. Acesso em 09 jul de 2016

SREENIVAS, Kiran; CAMPO-ENGELSTEIN, Lisa. Domestic and International Surrogacy Laws: Implications for Cancer Survivors. **Cancer Treat Res**, Chicago. v. 156, p. 135–152, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3086466/>. Acesso em: 22 fev. 2017

STEPTOE, Patrick. Surrogacy. **British Journal Medicini**. Inglaterra v. 294, p 1688-1689. jun. 1987. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1246852/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

SHUTZ, Danielle; RIPOLL, Daniela. As Pedagogias da Mídia e a Construção da Medicalização na Contemporaneidade. **Revista de Iniciação Científica da Ulbra**. Canoas, v.1, n. 11, p. 53-62, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/ic/article/view/631>. Acesso em: 23. jul.2017.

TREVIZO, Ana Violeta. Dilemas Bioéticos en torno a la fertilización *in vitro* (FIN) y la mujer gestante: hacia la figura de un consejero reproductivo. **Acta Bioética**, Patzcuaro v. 20, n. 2, p.181-187, 2014. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1726-569X2014000200005. Acesso em: 24 jan 2017.

URQUIZA, Maria Fernanda; CARRETERO, Inês; QUAINI, Fabiana Marcela; INCIARTE, Florência; PASQUALINI, R. Agustín; PASQUALINI, R. Sergio. Subrogación Uterina. Aspectos médicos y jurídicos del primer caso con sustento legal en la Argentina. **Medicina**. Buenos Aires, v.74, n. 3, p. 233-238, 2014

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo,

biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000. p. 37-69. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14828.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault?. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 67-82, mar./ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200004>. Acesso em: 23 out. 2016.

VENDRAMI, Camila Lopes; BARBOSA, Caio Parente; SANTOS, Juliana Roberto; CORDTS, Emerson Barchi; BARBOSA, Mariana Parente Alves; SOUZA, Ângela Mara Bentes. Cessão Temporária de Útero. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 6. P. 301-305. jun. 2010. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n6/a1515.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

VITULE, Camila; COUTO, Marcia Thereza; MACHIN, Rosana. Casais de mesmo sexo e parentalidade: um olhar sobre o uso das tecnologias reprodutivas. **Interface**, Botucatu. v. 19, n. 55, p.1169-80, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832015000401169&script=sci_abstract&tlng=PT Acesso em: 23 fev. 2017

VOGLER, Christopher. **A Jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. tradução de Ana Maria Machado. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006

WINSLADE, William J. Surrogate mothers: private right or public wrong? **Journal of medical ethics**, Estados Unidos, v. 7, n. 3, p. 153-154, set, 1981, 7, 153-154. University of California, Los Angeles, USA. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1154931/>> Acesso em: 15 set. 2016

WITZEL, Denise Gabriel; CARDOSO, Patrícia. Discurso, memória e arquivo. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Goiás, v. 6, n. 2, p.61-73, ago./dez 2014. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/232.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ZAGO, Luiz Felipe; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Os retratos de Dorian G(r)ay – corpo, imagem e subjetividade em um site de relacionamento. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. Porto Alegre, v.11, n.32, p.93-117, set./dez. 2014. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/826>. Acesso em 2 out 2016.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos, corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70594>. Acesso em 14 ago de 2017.

MÍDIAS ANALISADAS

ARAÚJO, Hélia. "Barriga de aluguel", avó vai dar à luz a neta na cidade de Franca (SP). **Folha de São Paulo On-line**. 28 de set de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2809201001.htm>. Acesso em 10 de out de 2016.

ARAÚJO, Hélia. Avó que gerou a própria neta recebe alta. **Folha de São Paulo On-line**. 01 de out de 2010. Disponível em <http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2010/10/807779-avo-que-gerou-a-propria-neta-recebe-alta.shtml>. Acesso em 10 de out de 2016.

COLLUCCI, Cláudia. "Minha mãe me deu a vida duas vezes", diz mãe de menina gestada pela avó. **Folha de São Paulo On-line**. 29 de set 2010. Disponível em <http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2010/09/806386-minha-mae-me-deu-a-vida-duas-vezes-diz-mae-de-menina-gestada-pela-avo.shtml>. Acesso em 10 de out de 2016.

FRONZA, Diléa. Como tudo se tornou possível. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoerinha - edição conjunta**. Gravataí, 29 mar. 2016.

_____. Da fada-madrinha para a mãe: nasce a Lavínia. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoerinha - edição conjunta**. Gravataí, Grupo Sinos, 08 abr. 2016.

_____. Ela está quase chegando. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoerinha - edição conjunta**. Gravataí, 31 mar. 2016.

_____. . Lavínia, o nome do amor. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoerinha - edição conjunta**. Gravataí, 28 mar. 2016.

_____. Todos na espera da Lavínia. **Correio de Gravataí; Diário de Cachoerinha - edição conjunta**. Gravataí, 30 mar. 2016.

GUIMARÃES, Ana Claudia. Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles. Coluna do Anselmo: **O Globo**. Site G1, 05 de jun. 2016. Disponível em <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/casal-de-homens-tera-filho-gerado-pela-mae-de-um-deles.html>. Acesso em 27 de abr de 2017

LOPEZ, Laura. Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia. **Maria Claire**, São Paulo. 27 de mai 2016. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/05/gravidez-sem-barriga-saga-de-uma-brasileira-cujas-filhas-biologicas-nasceram-na-india.html>. Acesso em 09 de set 2016.

RIBEIRO, Tetê. **Minhas duas Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

ROSA, Aline Paulino; POMPERMAIER, Leandro Bento. **Gerando amor: uma jornada de barriga de aluguel**. São Paulo: Scortecci, 2015.

ROSSO, Larissa. Barriga solidária em Porto alegre permite que pernambucana realize o desejo de ser mãe. **Zero Hora**. Porto Alegre, 23 de set de 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/09/barriga-solidaria-de-porto-alegre-permite-que-pernambucana-realize-desejo-de-ser-mae-4853803.html>. Acesso em 27 de abr de 2017.

ANEXOS

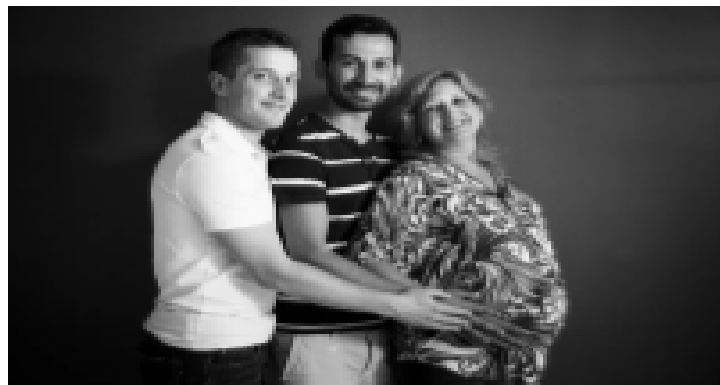
A seguir apresento os livros e as reportagens que compõem o *corpus* de análise:

Anexo A – Reportagem do Site G1

O FILHO QUE SERÁ NETO

Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles

POR ANA CLÁUDIA GUIMARÃES 05/06/2016 06:30



Julien, Jefferson e Quitéria | Monica Imbuziro

Ezra: O filho que será neto

A história é simples. E bonita. Ezra nascerá terça ou quarta que vem na Perinatal de Laranjeiras, no Rio. Ele é filho do casal homoafetivo Jefferson de Souza Cintra Albuquerque, 28 anos, brasileiro, e Julien Lamindin, 30 anos, francês. Eles se conheceram em 2012 num hospital onde ambos trabalham, na França, e se casaram no ano passado, no Brasil. O bebê sairá do hospital com a certidão de nascimento com o nome de seus dois pais, conforme já autorizado judicialmente. A bela história com final feliz poderia ser só mais uma, de um casal homoafetivo, não fosse... a barriga onde Ezra foi gestado: a da mãe de Jefferson.

Aos 44 anos, a brasileira Quitéria de Souza Cintra Albuquerque, casada com Carlos de Albuquerque,

— Quando eu tinha 12 anos, foi a minha mãe que ofereceu o seu ventre,

47 anos, pais de Jefferson, ofereceu o seu ventre, espontaneamente, ao saber que o filho e o genro iriam pedir a uma prima brasileira para gerar o filho deles. O sonho, para a felicidade de toda a família, foi concebido em dois meses, aqui no Brasil.

— Quando o resultado dos exames da minha mãe comprovou que ela poderia gerar a criança, conversamos com o meu pai. Ele adorou a ideia de ter um neto. Meus dois irmãos e avós estão muito felizes, também. Depois, começamos a procurar por uma doadora de óvulos aqui no Brasil. Tentamos dois embriões, um com o sêmen do Julien e o outro com o meu. Só um deu certo, mas a gente não sabe de quem é. E não pretendemos saber. O filho é nosso — conta Jefferson, com um português arrastado. É que ele saiu do Brasil aos 12 anos.

O medo do casal era de a mãe se apegar demais ao bebê. Mas tudo foi conversado e deu certo. Julien, que chegou ao Brasil na quinta passada para acompanhar o parto, disse que a família dele levou, inicialmente, um susto:

— Foi surpreendente para eles. Mas foi bem aceito por todos.

Quitéria também mora na França com o resto da família e aceitou tudo com naturalidade. Mãe de outros dois filhos, ela já havia conversado com a filha que emprestaria a barriga para ela, caso fosse necessário.

— Quem poderia amar mais um bebê do que os avós? Eu tinha medo da prima se apegar ao neném e, depois, não querer entregá-lo. Meu filho casou e estava à procura de alguém. Eu disse que carregaria o filho deles. Quando o Ezra nascer, vou tratá-lo como meu neto. A responsabilidade é toda dos dois, que são pais da criança — diz Quitéria.

A dificuldade maior encontrada pelos três foi explicar aos amigos, já que na França o procedimento é proibido. Uns entenderam. Outros, até hoje, acham estranho:

— Explicamos que a minha barriga é só um abrigo para o meu neto. Não há nada meu no bebê. A maioria entendeu — afirma Quitéria.

Antes do bebê, Jefferson e Julien tentaram vir morar no Brasil, mas não deu certo. Além da falta de estrutura e de emprego, eles contam que foram agredidos em Copacabana. Passeavam de mãos dadas quando um rapaz ameaçou soltar o cachorro em cima deles.

— Isso nunca aconteceu com a gente na França. Andamos de mãos dadas pelas ruas de lá sem problemas. Agora, no Rio, quando vamos à rua, mantemos distância um do outro. Temos medo da violência — conta Jefferson, que chegou com a mãe ao Brasil há 15 dias para que ela tivesse o bebê aqui.

Segundo a advogada do casal, Vera Fontes, o procedimento permitido no Brasil é o de fertilização in vitro:

— Os óvulos foram recebidos por doação e os espermatozoides foram fertilizados fora do corpo. Depois, o embrião foi inserido no útero da avó Quitéria. Foi assinado termo de consentimento das partes, inclusive do marido da Quitéria (no caso, avó). A lei faz esta exigência para evitar futura demanda judicial.

Uma semana depois do parto, tudo correndo bem, como esperado, os três embarcarão de volta para a França. Estão ansiosos para apresentar Ezra para o resto da família.

— Não é um nome comum. Mas a gente gosta. Sabe o que significa? É 'ajuda'. Se não fosse a ajuda da minha mãe, a gente não conseguiria ter o nosso filho. Estou doido para pegá-lo nos braços. A mais empolgada de todos com a história é minha avó, que quer ver o seu bisneto — conta Jefferson.

Que Nossa Senhora do Bom Parto abençoe Ezra!

Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles | Ancelmo - O Globo



Jefferson, Quênia e Julien | Mariana Imbuzino

Compartilhe    Comente 

"Barriga de aluguel", avó vai dar à luz a neta na cidade de Franca (SP)

HÉLIA ARAUJO
DE RIBEIRÃO PRETO

28/09/2010 08h40

Uma aposentada de 59 anos de Franca (400 km de São Paulo) deve dar à luz hoje a própria neta. A mulher, que não teve o nome divulgado, fez uma fertilização in vitro com óvulos da filha e espermatozoides do genro. O casal mora na Itália e está no Brasil apenas para acompanhar o parto.

[Costureira dá à luz quintuplos na cidade de Goiânia \(GO\)](#)

[Kassab veta pulseira eletrônica para bebê em maternidades](#)
[Mortalidade infantil cai 27% em SP e alcança menor nível](#)
[Mulher dá à luz quintuplas em Florianópolis \(SC\)](#)

É o primeiro caso de "avó de aluguel" na região. O parto será na maternidade Sinhá Junqueira, em Ribeirão Preto (313 km de SP). Segundo o ginecologista e obstetra Fernando Gomes, que vai fazer a cesariana, a gestante e o bebê estão bem e o parto deve ser tranquilo.

"Só adiantamos algumas semanas, pois a paciente está com dores nos membros inferiores. Então deve nascer uma criança um pouco menor, com 36 semanas, e, aparentemente, saudável."

O ginecologista afirma que a gravidez é considerada de alto risco, por conta da idade da paciente. Por esse motivo, os maiores cuidados foram tomados antes da fertilização e durante a gravidez.

"Fizemos todos os exames cardiológicos, hemodinâmicos e vasculares para avaliar se a paciente poderia conceber mais um filho, já que é mãe de outros três e havia feito um procedimento semelhante sem sucesso."

Como todos os resultados da avaliação apontaram que não havia riscos, a fertilização foi realizada. Durante as 36 semanas de gestação, segundo Gomes, a aposentada não teve qualquer problema.

Ricardo de Carvalho, secretário da Febrasa (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia), afirma que mulheres com mais de 40 anos, mesmo sem doenças prévias, têm gravidez de alto risco, mas podem ter filhos sem nenhuma complicação.

equilíbrio e saúde

"Minha mãe me deu a vida duas vezes", diz mãe de menina gestada pela avó

CLÁUDIA COLLUCCI
DE SÃO PAULO

29/09/2010 08h38

A mãe mora na Itália e acompanhou a gestação da própria filha pela internet. Enquanto isso, o bebê crescia no útero da avó, no Brasil. Ontem, nasceu Alice, a protagonista desta história que mais parece filme de ficção.

"Barriga de aluguel", avó vai dar à luz a neta em Franca (SP)



Talita Cristina de Andrade em entrevista minutos antes do parto do seu filho na barriga de aluguel de sua mãe

Silva Junior/Folhapress

A menina foi gerada pela avó, Eunice Martins, 59, de Franca (400 km de São Paulo), porque a mãe, a esteticista Talita Cristina Andrade, 32, não tem útero. A gravidez aconteceu na terceira fertilização in vitro, feita em uma clínica em Ribeirão Preto (313 km de SP). Na primeira, o tratamento falhou e, na segunda, Eunice perdeu os bebês -- eram gêmeos.

No processo de fertilização, os óvulos de Talita (ela tem os ovários) foram

fecundados com os espermatozoides do marido, o italiano Guido Damiano. Depois, os embriões foram transferidos para o útero da avó.

O procedimento é chamado de útero de substituição. O Conselho Federal de Medicina só permite que ele seja feito entre parentes até segundo grau (mãe, irmã, tia), desde que exista um problema médico que impeça a gestação da

muiner e nao tenna carater comercial.

"Quero passar para as mães que estão na mesma condição que eu para não desistir. Nada é impossível", afirmou Talita, minutos antes de a filha nascer.

Ela e o marido chegaram ao Brasil nesta semana para acompanhar o parto. Talita está tomando hormônios para estimular a produção de leite e pode, assim, amamentar a filha. "É maravilhoso. Só uma mãe mesmo faz isso para a gente. Minha mãe me deu a vida duas vezes."

Alice nasceu às 11h32 de ontem, por meio de uma cesariana, com 2,285 kg e 45 cm, na Maternidade Sinhá Junqueira, em Ribeirão. A gestação estava na 36ª semana, e o parto foi antecipado em 15 dias a pedido de Eunice, que é mãe de outros dois filhos, além de Talita.

"Ela estava sentindo muitas dores na perna. Por haver risco de edema ou trombose, decidimos acatar o pedido dela e antecipar o parto", diz o ginecologista e obstetra Fernando Marcos Gomes.

Segundo ele, por se tratar de gravidez de alto risco, em razão da idade avançada para a maternidade, Eunice passou por uma minuciosa avaliação, com exames cardiovasculares e hemodinâmicos, antes do tratamento. "Ela

Você leu 10 dos 10 textos gratuitos deste mês.

Para acesso ilimit

Folh:

A cesárea durou meia hora. Avó e neta passam bem e devem ter alta até sábado. Os pais planejam voltar à Itália com a filha em um mês.

Anexo D – Reportagem 3 da Folha On-line

equilíbrio e saúde

Avó que gerou a própria neta recebe alta

HÉLIA ARAUJO
DE RIBEIRÃO PRETO

01/10/2010 12h24

Depois de dar à luz a própria neta, a aposentada Eunice Martins, 59, teve alta ontem da Maternidade Sinhá Junqueira, em Ribeirão.

"Minha mãe me deu a vida duas vezes", diz mãe de menina gestada pela avó

"Nunca imaginei que seria mãe nesta idade. Tudo que fiz foi por amor à minha filha e à minha neta e estou muito feliz por tudo ter dado certo", afirmou Eunice.

A aposentada contou que durante as 36 semanas de gestação teve de trabalhar sua consciência para entender que a criança que gerava era sua neta.

"Pedi muito a Deus para me dar serenidade e força para entender que seria somente avó da Alice. A gravidez foi tranquila e ela [neta] foi muito carinhosa comigo."

A pequena Alice ainda deve permanecer no hospital, já que apresentou um quadro de icterícia e receberá tratamento de fototerapia.

De acordo com a assessoria do hospital, esse tratamento não tem tempo determinado, pois depende da resposta do recém-nascido.

A mãe da menina, Talita Andrade, 32, vai ficar no hospital para amamentar Alice.

"Estou tomando medicamentos para estimular a produção de leite e graças a Deus estou conseguindo amamentar minha filha. É uma sensação maravilhosa, indescritível", afirmou.

Talita e o marido, Guido Damiano, 41, moram na Itália e devem voltar ao país dentro de um ou dois meses.

Eunice já está se preparando para a partida da filha, do genro e da neta.

"Vou sentir muita saudade de todos, mas agora eles precisam de tempo para cuidar da filha e serem felizes."

Talita diz que depois do gesto que a mãe teve, a cumplicidade entre elas só aumentou. "Não é que agora eu ame mais minha mãe porque isso é impossível. Quando minha filha crescer vou contar essa história linda a ela", afirmou.

Anexo E – Reportagem da Zero Hora

Reprodução assistida

Barriga solidária de Porto Alegre permite que pernambucana realize desejo de ser mãe

Sonhos e postagem no Facebook incentivaram Danielle Figueredo a se oferecer à conterrânea para uma gestação de substituição

Por: Larissa Roso
23/09/2015 - 03n01min

Compartilhar - - -

Um desabafo postado no Facebook e sonhos à primeira vista sem sentido uniram duas famílias de extremos do país para tornar possível a realização de um intenso desejo pela maternidade. Pernambucana radicada em Porto Alegre, a administradora Danielle Figueredo, 31 anos, colocou-se à disposição da conterrânea Gabriela Souza, 37 anos, publicitária, incapaz de gestar uma criança por complicações de saúde. Do acordo incomum entre as mulheres que mal se conheciam, chamado popularmente de barriga de aluguel ou barriga solidária, nasceram os gêmeos Martim e Pilar, que na terça-feira embarcaram com os pais de volta para Recife.



Gêmeos Martim e Pilar, gestados por Danielle (D), retornaram com Gabriela (E) para Recife nesta terça-feira
Foto: Tadeu Vilani / Agência RBS

Conselho Federal de Medicina flexibiliza reprodução assistida para mulheres com mais de 50 anos

Danielle e Gabriela não eram próximas. Tinham amigos em comum, interagiam pelas redes sociais e se encontravam em compromissos sociais. Compartilhado no Facebook, um texto em que a publicitária relatava as tentativas frustradas de adoção surgiu na timeline de Danielle, que já conhecia trechos da história. Danielle, emocionada, chorou, mas a mensagem capaz de conectar as duas recifenses em definitivo apareceu em sonhos, repetidos em duas noites. Dormindo, Danielle se viu diante de Gabriela, dizendo:

– Não se preocupe. Vou dar o que você tanto espera.

O significado do enredo onírico pareceu evidente horas depois do despertar. Com a concordância do marido, Josemar Queiroz, 38 anos, e após se informar sobre o assunto, Danielle se encorajou para enviar uma mensagem pela internet, ofertando o que passara a encarar como missão. "Gabi, eu não sei o motivo, talvez por admiração, talvez por uma coisa de vidas passadas, seja o que for", escreveu, indicando um link com informações sobre barriga solidária, em agosto do ano passado. "Se vocês quiserem, a gente está disponível", concluiu. No trabalho, a destinatária levou um susto. "Estou me recuperando ainda, impressionada com o seu desprendimento. Mas vou te ligar", respondeu. Duas semanas depois, por telefone, Gabriela comunicou a decisão:

– É sim!

Nos meses seguintes, ambas se dedicaram a vencer as exigências burocráticas. Como não são parentes de até quarto grau, condição detalhada na resolução 2.121/2015 do Conselho Federal de Medicina, buscaram, orientadas por um advogado, a aprovação do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco. Na véspera do Natal, em uma clínica de Recife, dois embriões criados a partir da união dos gametas dos pais genéticos foram implantados no útero de Danielle. A administradora retornou ao Rio Grande do Sul com a confirmação: estava grávida.

Além de inédita, alegria virou dupla

03/08/2016

Barriga solidária de Porto Alegre permite que pernambucana realize desejo de ser mãe - Vida - Zero Hora - Vida: Vida e Estilo - Zero Hora



"Tenho dois, mas esses aqui são dela", explicava Danielle sobre a gravidez dos bebês de Gabriela

Por um aplicativo de celular que permite conversas por vídeo, Gabriela acompanhou, em fevereiro, o ultrassom que identificou a presença de dois bebês. Nos meses seguintes, viajou para participar das consultas de Danielle com a obstetra. Pelas ruas, a mãe biológica testemunhava a surpresa dos passantes frente à exuberante barriga "emprestada" da amiga. Desconhecidos queriam saber o habitual: qual a data prevista para o parto, se a gestante já tinha outros filhos.

- Tenho dois, mas esses aqui são dela – explicava Danielle.

A reação dos interlocutores variava entre diferentes níveis de desconcerto. Alguns encerravam o diálogo, outros tentavam argumentar:

– Mas como é que você vai fazer isso? Como é que você vai ter coragem de dar essas crianças?

Danielle transmitiu aos dois filhos, de cinco e três anos, a explicação mais simples e direta possível: os gêmeos que carregava não poderiam ser chamados de irmãos.

Seriam gestados, com afeto e cuidado, e depois devolvidos aos pais que os haviam concebido. A mãe teve certeza de que José, o primogênito, compreendera o caráter inusual da situação quando o menino se aproximou do ventre dela para uma didática tentativa de diálogo:

– Bebês, vocês estão aí na barriga da minha mãe, Danielle. A mamãe de vocês é a tia Gabi, mas não se preocupem, não. A gente vai cuidar de vocês, dar amor a vocês, e depois vocês vão para a mamãe de vocês. Ela ama muito vocês.

À distância, Gabriela comprou roupinhas para Martim e Pilar, montou o quarto, organizou um chá de fraldas – Danielle não compareceu, mas gravou um depoimento em vídeo para a ocasião. Num dia em que a gestante sofreu com enjoos muito fortes, Gabriela, sentindo-se culpada, encomendou flores. "Tia Dani, eu sei que você não está passando muito bem, mas prometo que vamos fazer você melhorar. Amamos muito vocês", dizia o cartão que acompanhava o buquê.

– É muito estranho. Você está grávida, mas não está – lembra Gabriela. – Eu não ficava racionalizando o tempo todo. Estava vivendo aquele turbilhão. Não dá para dizer "ah, que normal". Não é normal, é viável – define.

Martim e Pilar nasceram em 15 de agosto, de cesariana. Os pais genéticos acompanharam a cirurgia posicionados ao lado da parturiente.

Cada um dos nenês foi mostrado primeiro a Gabriela, depois a Danielle. Orientada por membros da equipe médica, que temiam o estabelecimento de um vínculo mais profundo, Danielle não amamentou os gêmeos.

Sofrendo com a produção incessante e inútil de leite, ela resolveu, dias depois, armazenar porções e levá-las até a casa que a família de Gabriela alugou na zona norte da Capital para o período de transição até o retorno ao Nordeste. Durante pouco mais de um mês, as duas mulheres se dividiram nos cuidados, vibrando com o sucesso da "doidice", as descobertas na lida simultânea com dois recém-nascidos e a amizade aque, transformada, crescia.

– Estou realizada. Me sinto bem feliz em ter proporcionado isso a alguém que não fazia parte da minha vida. Deito na minha cama e acordo feliz todos os dias – resume Danielle.

A mãe novata compartilha das mesmas sensações.

– Estou muito feliz, em paz. E cansada! – relata Gabriela, rindo. – Fecha-se um ciclo. Quero curtir, recomeçar a minha vida. Estou triste porque vou embora, mas muito ansiosa também – completa.

Ao meio-dia desta terça-feira, Gabriela, a mãe, o marido e os dois filhos embarcaram no Aeroporto Internacional Salgado Filho. Danielle chorou – "eu sempre choro muito", justificou – e descreveu a despedida como "cheia de saudade". Ela e o marido foram convidados a ser os padrinhos de Pilar.

Técnica deve seguir normas do conselho

A gestação de substituição é prevista pelo Conselho Federal de Medicina na resolução 2121/2015, que lista as normas éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida. O documento teve nova versão divulgada nesta terça pela entidade com sede em Brasília, atualizando um texto anterior, de 2013.

Clínicas de reprodução humana podem utilizar o procedimento de fertilização in vitro em um útero doado temporariamente quando for diagnosticado um problema de saúde que impeça ou contraindique a gestação e também nos casos de união homoafetiva. Um ou mais embriões formados em laboratório, a partir da união dos óvulos e do sêmen dos pais genéticos, são implantados na voluntária. A mulher que "empresta" o ventre deve ser um membro da família de um dos parceiros, em parentesco consanguíneo de até quarto grau (mãe, irmã, avó, tia ou prima).

Para as situações em que não existe parentesco entre os envolvidos, como a de Gabriela Souza e Danielle Figueredo – bem menos comuns –, a implantação do embrião no útero da voluntária deve ser antes aprovada pelo Conselho Regional de Medicina, que avaliará o caso clínico. As famílias precisam providenciar documentação semelhante à que é exigida dos pacientes envolvidos nos processos com parentesco (*leia mais no quadro abaixo*), como atestados de saúde (detalhando a impossibilidade de gestar de uma das mulheres e o bom estado geral da outra), laudos psicológicos, termo de compromisso entre as partes e declaração de inexistência de caráter comercial ou lucrativo na operação.

– Deve haver a comprovação de que a gestante foi completamente esclarecida sobre os riscos. Cada gravidez configura um risco que ela não correria – alerta Antonio Celso Ayub, conselheiro e coordenador da Câmara Técnica de Ginecologia e Obstetrícia do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers).

AS EXIGÊNCIAS

• O que diz o conselho federal de medicina, na resolução 2121/2015, sobre a doação temporária do útero

- Clínicas, centros ou serviços de reprodução assistida podem usar técnicas de reprodução assistida para uma gestação de substituição, desde que exista um problema médico que impeça ou contraindique a gestação na doadora genética ou em caso de união homoafetiva.

- As doadoras temporárias do útero devem pertencer à família de um dos parceiros em parentesco consanguíneo até o quarto grau (mãe, irmã, avó, tia, prima). Outros casos estão sujeitos à autorização do Conselho Regional de Medicina.

- A doação temporária do útero não poderá ter caráter lucrativo.

• Nas clínicas de reprodução assistida, conheça alguns documentos que devem estar no prontuário

- Termo de consentimento livre e esclarecido informado assinado pelos pacientes e pela doadora temporária do útero.

- Relatório médico do perfil psicológico, atestando adequação clínica e emocional dos envolvidos.

- Termo de compromisso entre os pacientes e a doadora temporária do útero, estabelecendo a questão da filiação da criança.

- Garantia do registro civil da criança pelos pais genéticos.

• **Mudanças anunciadas na revisão da resolução**

- Foi suspenso o teto de 50 anos para técnicas de reprodução assistida, nos casos em que o médico responsável e a mulher assumam os riscos de uma gravidez tardia.

- Torna-se permitido que um casal gay feminino realize gestação compartilhada (quando uma mulher pode implantar o embrião gerado a partir da inseminação de um óvulo da parceira).

- Autoriza-se a seleção de embriões compatíveis com um filho apenas para um futuro transplante de células-tronco, e não mais para órgãos, como antes definido.

- Também foi suspensa a idade limite de 50 anos para mães, irmãs, avós, tias ou primas atuarem como barriga de aluguel.

Anexo F – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 28 de março de 2016

CORREIO

DE GRAVATAÍ

Nº 5367

Edição Conjunta

SEGUNDA-FEIRA

28/3/2016

R\$1,00

DIÁRIO

DE CACHOEIRINHA

Nº 3184



GRÊMIO
CADA VEZ
MAIS LÍDER

O Grêmio goleou o Lajeadense na Arena por 3 a 0 e se consolida na ponta do Campeonato Gaúcho, agora com 25 pontos na tabela



PÁSCOA
FELIZ NO
ITATIAIA

Grupo de voluntários realizou festa para centenas de crianças, com distribuição de doces e muitas brincadeiras **Página 3**

NA DORIVAL DE OLIVEIRA

Homem é morto a tiros enquanto dirigia

➔ Disparos teriam vindo de dois carros que encostaram ao lado do veículo da vítima

➔ Uma mulher teria sobrevivido ao ataque ocorrido na parada 71 da avenida **Página 11**

CONCURSO
POEMAS NO ÔNIBUS COM INSCRIÇÕES ABERTAS
CONTRACAPA

DANÇA E MÚSICA
ARTE QUE TRANSFORMA A VIDA DA GAROTADA
PÁGINA 4

NEGÓCIOS
PROGRAMA INDÚSTRIA MAIS CHEGA EM CACHOEIRINHA
PÁGINA 6

NASCE UMA LINDA HISTÓRIA



A história de Vanessa e Alexandre mais parece um conto de fadas. Saiba como o casal aguarda o nascimento da filha e conhece a fada "mãedrinha" que vai tornar este sonho possível **PÁGINA 5**

Anexo G – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 29 de março de 2016

LULA VAI A CAMPO PARA TENTAR TRAVAR DESEMBARQUE DO PMDB

Apesar dos esforços para contornar a situação, ontem mesmo o ministro do Turismo deixou o cargo. Partido deve selar sua posição hoje. Páginas 12 e 13

PRESSÃO POR VITÓRIA
CENTRAL

SOCIEDADE PARAGUAYENSE DE FUTEBOL

correiogravatai.com.br

TERÇA-FEIRA
29/3/2016
Nº 5368
R\$ 1,00

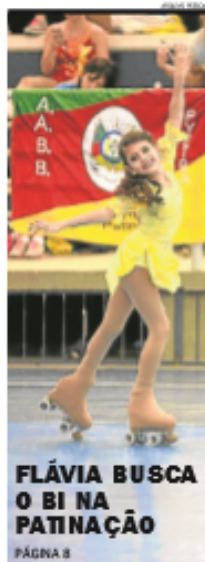
CORREIO DE GRAVATAÍ

TIROTEIO NO COMEÇO DA TARDE

Aula é interrompida a tiros na Vila Rica

➔ Jovem de 20 anos foi atingido por pelo menos cinco disparos na frente de uma escola nesta segunda-feira

➔ Direção da instituição encerrou as aulas do turno da tarde e liberou estudantes sob a guarda dos pais. **Página 11**



Sabe como foi o tratamento que possibilitou que Vanessa Vargas Marques (esquerda na foto) pudesse ter uma filha gestada na barriga da irmã Fabiana (direita)? **Página 6**

POLÍCIA

"BANDIDO SEM NARIZ" VOLTA A ATACAR LOJAS DO CENTRO

PÁGINA 11

É HOJE

NOVO CENTRO OBSTÉTRICO VAI SER INAUGURADO

PÁGINA 4

TRANSPORTE

NOVOS ÔNIBUS EXECUTIVOS PARA A REGIÃO DAS MORADAS

PÁGINA 5

Anexo H – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 30 de março de 2016

PMDB sai do governo Dilma



ROMPIMENTO ORGANIZADO: Eduardo Cunha, Romero Jucá e Eliseu Padilha

POR ACLAMAÇÃO, partido aprovou fim da aliança com a petista. Ministros e todos os CCs devem deixar seus cargos. Governo vê oportunidade de "reparar"

PEDIU DESCULPAS ao Supremo o juiz federal Sérgio Moro, por polêmica com relação aos áudios de Lula. O ofício foi encaminhado ao ministro Teori Zavascki.

PATOS INFLÁVEIS povoaram gramado da Esplanada dos Ministérios em protesto contra o aumento de impostos e pelo impeachment. Páginas 12 e 13

QUARTA-FEIRA
30/3/2016
Nº 5369
R\$ 1,00

CORREIO
DE GRAVATAÍ

Becker tem novo centro obstétrico

- ➔ Espaço no hospital de Gravataí foi inaugurado na manhã de ontem
- ➔ Capacidade de atendimento mensal deve aumentar até 50%. **Contracapa**



NA ESPERA POR LAVÍNIA

Família e amigos aguardam menina que deve nascer até 15 de abril. Página 5



À LA PARAGUAIA

2 x 2 SÓ NOS DESCONTOS Só no final o Brasil reagiu e empatou com o Paraguai, depois de sair perdendo por 2 a 0. Com o resultado, a seleção caiu para sexto lugar nas Eliminatórias, fora da zona de classificação ao Mundial da Rússia.

HOJE TEM GAUCHÃO



PASSO FUNDO X GRÊMIO
Título que se mantém na liderança da competição.

IMUNIZADORA INSET SUL

Serviços

- Desinfestação
- Desratização
- Desocupização

Espaço de Mercado e Fombox
Limpeza de Caixas d'Água

3488-0515 9700-4529

Anexo I – Capa do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 08/09 de abril de 2016

EM DELAÇÃO, AG LIGA PROPINA À CAMPANHA DE DILMA

LEILA DEPÕE POR DUAS HORAS À LAMA JATO E JAMOT PEDE QUE STF ANULE POSSE DO EX-PRESIDENTE NA CASA CIVIL

DELATOR CITA EM DEPOIMENTO NO CONSELHO DE ÉTICA REPASSE DE US\$ 5 MILHÕES A CUNHA **Páginas 19 a 20**

**OBSERVATÓRIO
SOCIAL INAUGURA
ESCRITÓRIO
REGIONAL**

PÁGINA 34

correlogravatai.com.br

SEXTA E SÁBADO

8 E 9/4/2016

Nº 5376

R\$ 1,00

CORREIO DE GRAVATAÍ

Fique atento para evitar a caxumba

→ Surto registrado na capital deixou a população em alerta. Neste ano, Gravataí registrou dois casos. **Página 8**



3,998 QUILOS DE PURO AMOR

Com este peso nasceu, às 12h08 desta quinta-feira, Lavínia Vargas Marques, filha de Vanessa e Alexandre (foto) e gerada na barriga solidária da tia Fabiana. **Página 10**

VAQUINHA NA INTERNET

**SAIBA COMO AJUDAR NO
TRATAMENTO DE SAÚDE
DA JOVEM LORENA**

PÁGINA 4

PREPARAÇÃO PARA O TRÍDUO

**COMISSÃO DA FESTA
DO DIVINO FAZ VISITAS
PELA COMUNIDADE**

PÁGINA 17

ELA ESCREVEU O HINO DE GRAVATAÍ

A historiadora Célia Jachamet (foto) é a responsável pela letra do hino oficial de Gravataí, escolhido em concurso nos anos 1990.

Conheça a história da composição e ouça a versão no site do CG. **Página 5**



**IMUNIZADORA
INSET SUL**

Serviços

Desinfestação
Desratização
Desocupação

Empresa de Morcegos e Pombos
Limpeza de Galaxas d'Água

CONDOMÍNIO AMPLIADO

☎ 3488-0515 📞 9700-4529

ANEXO J – Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 28 de março de 2016

5 SEGUNDA-FEIRA, 28.3.2016 / CORREIO DE GRAVATAÍ E DIÁRIO DE CACHOEIRINHA

ESPECIAL

CAPÍTULO I

Lavinia, o nome do amor

A partir de hoje, conheça a história que prova que para quem sonha nada é impossível

DLÉA FRONZA

Era uma vez um casal muito apaixonado. Com seis anos de namoro, o amor de Vanessa e Alexandre só crescia. A vontade de ficarem juntos era tanta que eles planejaram se casar e ter filhos. Tudo o que eles mais sonhavam era que Vanessa pudesse engravidar logo após o casamento.

Tudo corria bem e o grande dia ia se aproximando. Até que Vanessa teve um encontro com o destino. Travestido de

bruxa malvada, o destino deu uma notícia que abalou o jovem casal. Vanessa tinha uma doença muito grave e não ia poder engravidar. O maior sonho dela e de Alexandre não ia poder se concretizar.

O casal ficou abalado, mas permaneceu firme no amor que os unia. E este amor foi recompensado anos depois, quando uma fada madrinha surgiu para desfazer a maldição e tornar possível o nascimento de uma filha de Vanessa e Alexandre.



Vanessa e Alexandre vivem a expectativa dos últimos dias de gestação da tão esperada filha Lavinia, que deve nascer até o dia 15 de abril

A HISTÓRIA REAL

Nas fábulas que embalam os sonhos dos contos de fadas, quase sempre é assim. Princesa e príncipe enfrentam adversidades provocadas por algum ser maligno, superam os obstáculos e, no final, vivem felizes para sempre. O trecho que abre esta narrativa se parece com mais uma dessas histórias que pais contam para seus filhos na hora de dormir. Mas tem uma diferença fundamental. Esta história é real e está acontecendo aqui, pertinho de nós, em Gravataí.

Vanessa Vargas Marques, 33 anos, é

a nossa princesa. Há oito anos ela é casada com Alexandre Florisbal Marques, 35, o príncipe. "Nosso relacionamento é daqueles bem tradicionais. Namoramos, noivamos e só fomos morar juntos depois do casamento", explica ele. "Foram seis anos entre namoro e noivado até o casamento, no dia 26 de abril de 2008", recorda.

Nos preparativos para o casamento, Vanessa teve um encontro com o destino, a bruxa malvada da história do casal. Quatro meses antes da cerimônia, em uma consulta de rotina ao

ginecologista, ela recebeu a informação de que algo não ia bem. "O médico deu o diagnóstico de que eu estava com câncer no colo do útero e que precisava retirar, com urgência, o útero, o ovário e trompas. Foi desesperador", lembra. "Eu só tinha 25 anos e me casaria em quatro meses", comenta Vanessa.

Passado o baque inicial, ela buscou outros médicos para se certificar que o diagnóstico estava correto. Era verdade e apenas a cirurgia poderia solucionar a enfermidade. Vanessa enfrentou

o desafio e foi para a mesa cirúrgica. Ai, a sorte do casal começou a mudar. O médico que a acompanhava percebeu que era possível manter os demais órgãos e retirar somente o colo do útero. Esta descoberta teria impacto anos mais tarde. Após a cirurgia, Vanessa fez dois anos de tratamentos que envolveram, entre outros procedimentos, quimioterapia, radioterapia e braquiterapia. Em meio a todas essas turbulências, Vanessa e Alexandre se casaram, curtiram a lua de mel e ficaram cada vez mais unidos.

EM BUSCA DE UM SONHO

Por causa do tratamento, engravidar tinha se tornado algo impossível para Vanessa. É que uma das consequências possíveis do tratamento do câncer de colo de útero é a menopausa precoce, ou seja, a mulher deixa de produzir óvulos e perde a capacidade reprodutiva. Os procedimentos radiativos também prejudicam o útero, ovários e trompas, fazendo com que estes órgãos deixem de ter função. Era o que muitos médicos diziam ter acontecido com ela.

Apesar de tudo, ela seguia firme no desejo da maternidade. "Meu sonho sempre foi ser mãe. Nunca deixei de acreditar", frisa Vanessa. Tanto é que, cinco anos após o diagnóstico, ela voltou a buscar especialistas para descobrir se, de fato, não poderia engravidar. E neste período, um novo susto. Vanessa descobriu um sangramento enquanto urinava. "O médico disse que eu tinha um tumor na bexiga. Nosso mundo caiu", recorda ela. Novas consultas para confirmar o diagnóstico e outra cirurgia para retirada do tumor foi marcada. "Foi então que tivemos outra surpresa. O médico revirou minha bexiga e não encontrou nada. Não havia câncer. O que tinha aparecido nos exames sumiu", conta.

O tempo foi passando e o desejo de ser mãe permanecia forte. Vanessa



continuava procurando especialistas para saber se poderia engravidar. Em um dos exames, o jogo começou a virar. Ela continuava ovulando, conforme constatou o médico que a acompanhava. "Ao que tudo indica,

nunca deixei de ovular. Foi uma felicidade muito grande receber essa notícia", destaca Vanessa. O sonho, jamais abandonado, ganhava força. E foi aí que a fada madrinha entrou na história.

A FADA "MÄEDRINHA"

A fada madrinha de Vanessa e Alexandre é uma antiga conhecida deles. Mais precisamente, a irmã de Vanessa, Fabiana, 37 anos, aceitou ser a barriga solidária para a realização do sonho do casal. Este tipo de técnica, chamada de gestação de substituição, é prevista pelo Conselho Federal de Medicina na resolução 2.121/2015, que lista as normas técnicas para a utilização da reprodução assistida. Através da fertilização in vitro,

um óvulo de Vanessa fecundado com espermatozoides de Alexandre foi implantado no útero de Fabiana. Assim vem sendo gestada Lavinia, nome escolhido para a criança que completa o sonho de Vanessa e Alexandre. A gravidez está nos últimos dias. Lavinia deve nascer entre 3 e 15 de abril. Fabiana será a madrinha. "Digo que vou ser a 'mäedrinha' da Lavinia. Vou amar e cuidar dela com muito carinho", avisa a dona da barriga solidária.



MÄEDRINHA: Fabiana emprestou seu útero para a irmã

NO PRÓXIMO CAPÍTULO: Como tudo se tornou possível

Anexo K - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha e 29 de março de 2016

6 TERÇA-FEIRA, 29.3.2016

ESPECIAL

LÍVIA, O BEM E O AMOR. GABRIELA

Como tudo se tornou possível

Depois de muitos tratamentos, Vanessa e Alexandre contaram com o apoio de Fabiana

DÉBIA FORTIÇA

Muito adiantado, o processo é necessário de um longo tratamento para poder realizar seu sonho. Nada, no entanto, garante que ele e o príncipe possam atingir seu objetivo de gerar um lindo bebê que fosse o prova definitiva do amor entre os dois.

Juntos, eles fizeram todos os esforços possíveis. Por duas vezes eles chegaram perto. Mas o destino lhes reservou uma espécie de malícia que não permitiu a concretização do sonho do casal.

O TRATAMENTO

Para poder engravidar, Vanessa Vargas Marques, 33 anos, iniciou uma série de tratamentos. A fecundação de modo natural dificilmente seria possível. Os médicos indicavam a fertilização in vitro, com a retirada de óvulos e fecundação com o sêmen do marido Alexandre Florival Marques, 35 anos, em ambiente externo, para depois serem implantados no útero da futura mãe.

Como Vanessa tem o cólio do útero retrinado em função de um câncer, a coleta dos óvulos precisaria ser feita através de cirurgia. Cinco óvulos foram retirados e a fecundação feita. Quatro embriões foram gerados e, depois de passarem por todos os procedimentos necessários, estavam prontos para serem implantados

no útero. Começou, então, o tratamento para os óvulos fecundados poderem ir para o útero da mãe.

Foi então que uma possibilidade surgiu. Para que tivesse efeito, era necessário que princesa e príncipe fossem colocados em um outro corpo. Para que isso acontecesse, era preciso respeitar uma série de regras do reino em que eles viviam. Depois de cuidados com uma série de documentos, eles decidiram que o fato da madrinha realizasse seu trabalho.

Procedimentos realizados, embrião colocado e nova concepção. Vanessa não engravidou. Uma segunda tentativa foi realizada. Mais uma vez a gestação não se confirmou. Restavam apenas dois embriões e as chances de concretizar a gravidez eram ainda menores, o que deixou o casal receoso. "O médico me disse que cada tentativa era um risco para a minha saúde, se eu fizesse nova punção para retirada de óvulos, estaria arriscando a saúde não só do embrião, mas também dos rins. Isso sem contar que as injeções para estimulação eram ainda mais perigosas para mim", lembra Vanessa.



FABIANA: barriga solidária, tia e madrinha de Livia

A BARRIGA SOLIDÁRIA

Uma das alternativas apresentadas pelos médicos antes mesmo da implantação do embrião no útero de Vanessa era a de utilização de uma barriga solidária. O processo envolve colocar um dos embriões fecundados com um óvulo de Vanessa e o espermatozoide de Alexandre e implantá-los no útero de outra mulher. Este tipo de técnica, chamado de gestação de substituição, é prevista pelo Conselho Federal de Medicina na resolução 2.121/2015, que lista as regras éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida.

Segundo esta legislação, pode-se utilizar o procedimento de fertilização in vitro em um útero alheio temporariamente quando há diagnóstico um problema do útero que impede o desenvolvimento da gestação e também nos casos de união homocelular. Um ou mais embriões formados em laboratório, a partir de um do doador e do sêmen

dos pais genéticos, são implantados na voluntária. A mulher que "empresta" o ventre deve ser um membro da família de um dos parceiros, em parâmetros estabelecidos de até quatro graus (pai, mãe, avô, tia ou primo).

Sabedores desta possibilidade, Alexandre e Vanessa conversaram com a mãe dela, Nibia de Vargas. "Nis já tinham ouvido falar deste técnica e quando eles decidiram fazer eu já havia me antecipado e conversei com a minha ginecologista. A médica disse que meu caso era um pouco complicado e que seria difícil eu poder ter a barriga solidária. Ela, apesar de minha suposta e do meu desejo, também achavam que não era uma boa alternativa", conta. A toda madrinha, porém, seguiu na frente. Era Fabiana, irmã mais velha de Vanessa, 37 anos. Mãe de Gabriel, 15, e do Ara Carlos, 11, Fabiana não precisou pensar para dar a resposta.

O SIM DA MADRINHA

Conte à Mônica a primeira conversa com Fabiana. "Ela achou tranquilo, se dispôs na hora a fazer este papel. Foi uma bênção para toda a família", conta. A família se reuniu em um almoço para conversar sobre o assunto. "Na época a minha irmã estava engravidando e isso nos deixou preocupados. Mas ela disse que não estava nem aí porque queria realizar o nosso sonho", diz Vanessa. "Eu lembro de uma frase que ela disse na época de que o bebê seria pra vida toda, e nomeado a gente não sabia. E tanto é que o nome logo acabou", acrescenta Alexandre. "Minha irmã não po-

dia gerar uma criança e eu sim. Minha decisão foi muito rápida, não havia o que pensar. Acho que era algo que eu podia fazer, um gesto bonito que podia dar à minha irmã a topoi", afirma Fabiana. No dia 31 de junho de 2015, um óvulo foi implantado no útero da barriga solidária.

Era preciso esperar 15 dias para fazer o exame de sangue e confirmar a gravidez. E quem disse que a família aguentou? Com sete dias, já estavam as irmãs fazendo o teste de farmácia e ela deu positivo. "Ficamos da manhã e deu negativo. De noite ele já foi positivo", afirma Fabiana. Livia estava, então, a caminho.

PROCEDIMENTOS LEGAIS

Não bastou o sim de Fabiana para que a insseminação fosse realizada. Os procedimentos de maternidade por substituição são amparados através da resolução 2.121/2015 do Conselho Federal de Medicina. Ele segue alguns critérios e o passo primeiro uma documentação em que está o consentimento de quem fornece o material genético e também do quem emprestará a barriga para a gestação. Além disso, só é possível ter a insseminação depois que a família aprovada passa por análise do profissional de psicologia, explica Renata Garbin, coordenadora do Núcleo de Bioética da Escola de Medicina do Rio Grande do Sul. Muitos contatos e técnicas como barriga de

aluguel. O termo, porém, não está correto. "A expressão barriga de aluguel nos faz pensar em pagar para ter um filho no Brasil é proibido. Por isso só fala em barriga solidária ou maternidade por substituição", acrescenta a juíza.

Fabiana, Vanessa e Alexandre assinaram todos os documentos necessários e eles e os filhos de Fabiana passaram por psicólogos. Todos os laudos e documentos foram levados ao Conselho Regional de Medicina. Só depois que o órgão autorizou é que se pode fazer a insseminação. "Esse procedimento levou aproximadamente sete meses. Foram os mais longos da nossa vida, não tenho dúvida", afirma Alexandre.

NO PRÓXIMO GABRIELA: Todos esperam por Livia

Anexo L - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 30 de março de 2016

5 QUARTA-FEIRA, 30/3/2016

ESPECIAL

LAVÍNIA, 6 SEMEAS ANOS - GARFELA

Todos na espera da Lavínia

Família inteira acompanha a gestação da criança que deve nascer até o dia 15 de abril

DÉIA PRONZA

Para que o sonho se tornasse real, príncipe e princesa fizeram tudo o que podiam para desfazer o maldição imposta pelo bruxo malvado chamado Duvino. Com o raro encantamento, o príncipe tinha apenas um último desejo. Porém, se este último desejo não fosse atendido, ele não ficaria chateado.

O príncipe, sempre muito amoroso, compreendeu o vontade dele e o apoiou. Pouco tem-

po depois de terem cumprido todos os encantamentos para que o sonho se tornasse possível, o casal passou por um susto. Mas foi apenas um susto e que serviu para fortalecer ainda mais o amor entre os dois.

O tempo foi passando e o príncipe soube que seu último desejo também seria atendido. Era uma recompensa por todo o dedicação que ele e o príncipe tiveram para desfazer o maldição. Agora faltam poucos dias para que o sonho dele se concretize...

A MENINA MAIS ESPERADA

O sonho de Vanessa Vargas Marques de ser mãe tinha um detalhe a mais. "Desde o início eu pensei em uma menina. Se tivesse um menino eu estaria feliz da mesma forma. Mas desde uma viagem que fiz ao Rio de Janeiro, há quatro anos, eu conheci uma grávida com uma barriga linda. Perguntei a ela se era um menino ou uma menina e ela disse que era uma menina e que se chamava Lavínia. Costei tanto do nome que por muito tempo tive como protetor de meu celular uma foto de um bebêzinho que eu dizia ser Lavínia", conta Vanessa.

Quando veio a notícia da gravidez, a família inteira, inclusive Vanessa, acreditou que seria um menino. "Nós estávamos a pensar em alguns

nomes, mas um dia, tomando café, eu disse para ela que não precisava escolher nome de menino porque vai ser uma menina, vai ser a Lavínia que ela tanto queria", afirma Alexandre Fionini Marques.

Para a revelação do sexo da criança, Gabriel, o primo e dindo, foi o drinco que acompanhou a scopria. Foi dele a responsabilidade de revelar quem viria por aí em uma janta preparada pelo casal. No momento certo, foi aberto um saco preto e de lá saíram bolinhas coloridas. A Lavínia estava mesmo a caminho. "O Alexandre sempre dizia que viria a Lavínia, a nossa menina, o presente de Deus pra nós. E ela está quase chegando", se enuncia a futura mãe Vanessa.



CARINHO: os pais Vanessa e Alexandre acompanham diariamente a evolução da criança que cresce na barriga de Fabiana

SUSTO LOGO NO INÍCIO

A gravidez vem sendo curtida por toda a família. Fabiana, a barriga solitária, e os filhos Gabriel e Ana Carolina, vivem com a mãe Nêbia e o pai José Ermirino de Vargas. Logo no início, a gravidez teve um pequeno

susto. "Típico de ser uma gestação de trabalho, logo no começo a Fabiana teve um deslocamento da placenta e ameaça de aborto. Por esse motivo, ela está afastada do trabalho desde então. De resto, é uma gravidez

muito tranquila, o bebê vem se desenvolvendo muito bem e se tudo seguir como planejado deverá nascer até o dia 13 de abril", garante a obstetra Cristiane Pereira dos Santos.

O bebê é muito paparicado e Fabiana fiscalizada por toda a família. "O Gabriel é um verdadeiro guarda. Se a mãe levantar qualquer objeto mais pesado, ele corre ligar para a Vanessa e o Alexandre. Está todo mundo em cima", conta a avó Nêbia.

A CRIANÇA QUE SIGNIFICA UNIÃO

Questionado de qual o significado da chegada da criança para a família, Alexandre e Vanessa são entusiasmados. "Por tudo o que aconteceu e está acontecendo, se tem alguma coisa acima do amor e do felicidade, nós acreditamos. Não tem como descrever de outra forma", afirma o futuro pai.

A família também está mais unida desde a notícia. "A Fabiana e eu não tinhamos uma boa relação. Nós ficamos dois anos sem nos falar. O coração dela é gigante, mas nós temos as nossas divergências que nos afastaram",

conta Alexandre. "A gente também não tinha uma relação de irmãos ligados", acrescenta Fabiana. "Isso tudo veio para mudar a vida dela como também está mudando a nossa e é um momento único. A gente sorriu quando do quem a gente não conhece, do quem só serviu se meior", finaliza Alexandre.

Fabiana, que gostou o sonho do casal, não temina seu papel com o fim da gravidez. Ela e o filho Gabriel serão um dos casais de padrinhos da criança. "Vou ser a 'mãezinha' dela, cuidar e amar com muito carinho", garante.

LAVÍNIA ESTÁ CHEGANDO

Estes são as últimas semanas de gestação. O parto, previsto para ser normal, deve acontecer entre o dia 5 e 13

de abril. Lavínia já está grande, tem um desenvolvimento muito bom, segundo afirma a obstetra Cristiane dos Santos.

A criança tão esperada chega para mostrar que o amor é possível, a fé é importante e que nada,

desde que muito desejado, é impossível de acontecer. O conto de fadas sai dos livros e se torna cada dia mais real.



FAMÍLIA: a avó Nêbia também se candidatou para barriga

BO GARFELA REAL: A expectativa pela chegada de Lavínia

Anexo M - Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 31 de março de 2016

5 QUINTA-FEIRA, 31.3.2016

ESPECIAL

LAVÍNIA, O BOMBO ANGE – GABRIEL REAL

Ela está quase chegando

Amigos e familiares comentam a expectativa pelo nascimento da Lavínia

DIÁF. FRENIA

faltando pouco para o nascimento do sonho, príncipe e princesa recordam de todo o trajeto que percorreram para desfrutar o momento do destino. Contando com o apoio de amigos e familiares, elas também finalizaram todos os pontos do feto madrinha para garantir que tudo se ocorra do momento certo.

Agora, todos fazem planos para quando o

grande sonho for concretizado. Ainda elas garantem, não vai faltar. Os preparativos para o comemoração do nascimento do lindo filho do príncipe e do príncipe estão a todo o vapor. A ansiedade é grande e o expectativa também. Todos querem conhecer o criança que foi resocar as esperanças de todo o reino de um futuro cheio de alegria. Todos aguardam o chegada da Lavínia para, então, abraçar felizes para sempre.

O ACOMPANHAMENTO DA GRAVIDEZ

A gestação foi acompanhada de perto por toda a família. Ecografias, consultas, tudo tem sido motivo para reunir uma verdadeira caravana até hospital e clínicas. Vanessa Vargas Marques está se preparando para a chegada da filha tomando medicações para poder amamentá-la. O quarto cor de rosa já está pronto, só aguardando a chegada da Lavínia.

A expectativa da família só aumenta. "Será nossa primeira netá e é uma sensação muito grande. A notícia da gravidez

foi o dia mais feliz da nossa vida e só vai ser superado com o nascimento dela", diz o avô paterno Jefferson Marques. "Eu não vejo a hora de ela chegar, me chamar de vovô. Cada dia é uma sensação diferente. Estou louca para ver o rostinho dela", afirma a avó Maria Lídia Marques.

A dinda Jéssica Marques prepara o mundo rosa de aditada. "Crescei muito quando soube que seria uma menina. Ela vai ser muito mimada e muito cuidada. É uma bênção".



QUARTINHO: cor de rosa já está pronto à espera da sua dona e para o encantamento da mãe e da fada madrinha

AFETO POR CRIANÇAS

A demonstração de afeto por crianças sempre foi uma marca de casa, tanto que os primos Gabriel e Hedigo da Gama confiam a Vanessa e Alexandre a primeira viagem matinal das filhas Gabriel, 13 anos, e Vivá, 11. "Eles são pedões

das nossas filhas, dos sobrinhas. A Lavínia vai ser muito amada. É um casal maravilhoso".

O gesto de Fabiana também foi lembrado pelos presentes. "Foi uma dupla surpresa. Tanto a notícia de que a Lavínia estava vindo o também

por ela ser gostada na barriga da Fabiana. Foi uma alitude muito linda. É surpreendente, mágica. Essa criança terá mais felicidade para toda a família", garante André Cristiano Gonçalves, tio da Vanessa e Fabiana.

APOIO DOS AMIGOS

Nesta caminhada até a chegada da Lavínia, Vanessa e Alexandre contam com o apoio e a ajuda dos amigos. Para celebrar esta conquista, um chá de fraldas foi realizado no dia 29 de março. No local, muitos comentaram a grande conquista que o casal e toda a família estava vivendo. "Semos amigos há sete anos e acompanhamos a história desde o início. Ficamos muito felizes quando veio a notícia da gravidez e encantados com toda a história", disse Alina Ferreira, ao lado de Hedigo Gato.



LAVÍNIA: o rosto da menina visto no ultrassom

APÓS O NASCIMENTO

Uma verdadeira festa terá sido preparada para o dia da chegada da Lavínia, que acontecerá no Hospital Dom João Becker. Fabiana dará a luz e estará acompanhada de Vanessa, Alexandre e de Nátia, avó materna de Lavínia, na sala de parto. Ao nascer, o bebê será entregue ao pai e Fabiana segue para outra sala na companhia da mãe. "Não há contato físico entre a barriga solidária e a criança. Quem irá amamentar é a mãe biológica, que já vem sendo preparada para isso", explica a obstetra Cristiane dos Santos. Ao nascer, estando bem de saúde, a criança permanecerá em torno de seis horas em contato com a mãe de Vanessa e mais seis horas com Alexandre. Esta atividade é usada para a criação da

vínculo entre os pais e a criança. Lavínia precisará tomar o primeiro leite, o colostro, uma espécie de antibiótico natural produzido pela gestante. Para isso, ela será retirado de Fabiana e dado à criança com o uso de um copinho. "É uma proteção dela tanto para a barriga como para a criança que evita um vínculo maior. Pós-parto também é avaliada a necessidade de um novo acompanhamento psicológico para a família", acrescenta a médica.

Lavínia terá de maternidade já registrada como filha de Alexandre e Vanessa. "No dia 14 de março deste ano, ou seja, há poucas semanas, o Conselho Nacional de Justiça divulgou o pronunciamento número 32, que trata exatamente do re-



FAMÍLIA: avós e tias aguardam a chegada da princesa

gistro das crianças gestadas numa barriga solidária. Antes dela, tivemos um impasse quanto à Declaração de Nascimento Vivo, feita pelo hospital para fazer o registro da criança. Ela contém o nome da parturiente, já que foi ela que deu a luz. Com este novo documento, apresentamos todos os questionários que comprovam a gestação por substituição, a

declaração para a ser feita com o nome dos pais biológicos e não é preciso ir à Justiça para fazer o registro no cartório", afirma Rosana Garcia, coordenadora do Núcleo de Biologia da Escola de Biociências do Rio Grande do Sul.

Assim, espera-se que todos da família vivam felizes para sempre após a chegada de Lavínia.

Anexo N – Reportagem do Jornal Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha de 08 de abril de 2016

10 SEXTA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 2016 / CORREIO DE GRAVATAÍ

ESPECIAL

LAVÍNIA, O BOMÉ 04 ANOS



MAMINHA: logo após nascer, Lavínia foi conduzida para os braços da Vanessa para ser amamentada enquanto o pai babava

Nasce uma mãe

Imediatamente após o nascimento, Lavínia foi para os braços de Vanessa. Com Ivo, o primeiro desejo da princesinha foi comer. A mãe amamentou a criança enquanto o pai acompanhava toda a cena. "Vanessa fez bastante para poder ter logo o amamentar a filha. O leite veio com força. Foi um parto tranquilo, deu tudo certo e agora é só a família curtir esse momento", afirma Cristiane Pereira dos Santos, obstetra.

Dizem que quando nasce uma criança, nasce uma mãe. Vanessa tem certeza disso. "No momento em que nos encantamos, eu senti uma força incrível. Meu leite desceu, ela começou a mamar, é algo mágico. Não tenho como descrever em palavras o que senti".

Emocionado e encantado pela filha, Alexandre não saía de perto das suas primeiras. "Foi uma explosão de emoção. Ela é linda, perfeita, cheia de detalhes, a nossa princesa do mundo", afirma. Pelo corredor do hospital, o pai estala com orgulho e pé de menina cantado no braço.



ANTES: do parto, a família reunida à espera da pequena

Da fada-madrinha para a mãe: nasce a Lavínia

Menina nasceu no início da tarde desta quinta-feira, 7, no Hospital Dom João Becker

O grande dia chegou

DEBÁ FERREZ

perado. Chegou o hora de cantarmos o final do nosso conto de fadas. O príncipe Alexandre, o príncipe Vanessa e o fada-madrinha Fabiana partiram para criar um capítulo do seu futuro. Depois de tantas histórias, algumas dificuldades e de viver momentos mágicos após o nascimento da menina, chegou o dia tão es-

A princesinha veio ao mundo, linda e saudável. Mãe, pai, madrinha e todo o família tinham muitas motivos para sorrir. Forte e decidido, o choro do bebê ecoou pelo corredor da maternidade e encontrou o presente. No seu roupinha cor-de-rosa ele surgiu para o admiração de todos os seus adidos. E ele, através Fabiana por sempre...

A data mais esperada pelo casal Vanessa Vargas Marques, 33 anos, e Alexandre Marques, 33, chegou: Lavínia Vargas Marques, a menina desejada, planejada e que foi a protagonista de uma linda história de uma família nasceu às 12h09 desta quinta-feira, 7, no Hospital Dom João Becker, em Gravataí. Com 3,498 quilos e 46,5 centímetros, ela mostrou para todos que chegou com toda a força. Lavínia foi concebida através de uma fertilização in vitro

e nasceu durante aproximadamente 39 semanas na barriga da Fabiana Vargas, irmã de Vanessa. Impedida de gerar um filho em função da retirada do colo do útero, a engravidou recorreu a diversos tratamentos. Sem resultado, a irmã se ofereceu para ser barriga solidária. Depois de um extenso tratamento, a gestação correu bem. Fabiana foi submetida a uma cesariana e se recupera sem nenhum perigo de cirurgia.

Na sala de espera

Enquanto no Centro de Obstetria acontecia o preparo, a ida para a sala de cirurgia e o nascimento, na sala de espera os avós estavam Zelmaro e Maria Lúcia Marques, acompanhados da tia e dinda Jéssica Marques aguardavam. E as horas naquela sala não passaram. "Faz uma semana que essas horas não passam. Parece que esse dia nunca chegava", diz a avó.

Depois que Lavínia nasceu, ela foi para o colo do pai e da mãe para fazer o que é chamado pai e mãe, quando

o bebê tem contato com os pais para se "conhecerem". Por isso, apesar da menina ter nascido logo após o meio-dia, os avós só puderam vê-la no meio da tarde. E que ansiedade enquanto isso não acontecia!

O dia no útero, lá uma revista, assiste um pouco de televisão, conversa, citha os outros bebês que vão nascendo a cada. Até que chegou o momento tão esperado. "Ela era como eu imaginava. Linda", afirma Maria Lúcia. Mesmo, amor e felicidade é o que vão vai fazer para a mais nova princesa.



TCELLO

EMPREENHIMENTOS IMOBILIÁRIOS

Parabéns Gravataí!

"Planeje seu Futuro com a Tchello"

Vendas e Locação de Imóveis | Vendas de Lotes e Loteamentos
Administração de Condomínios
Obras de Infra-estrutura de Loteamentos
Saneamento | Planejamento | Topografia
Engenharia | Projetos de Engenharia
Serviços de Topografia | Licenciamentos Ambientais

Fone: (51) 3047.7070 | 9797.7500

www.etchello.com.br

vendas@etchello.com.br | locacao@etchello.com.br
Rua Osvaldo Correa, 185 | Bairro Castelo Branco | Gravataí/RS

Agradecimento à Fabiana

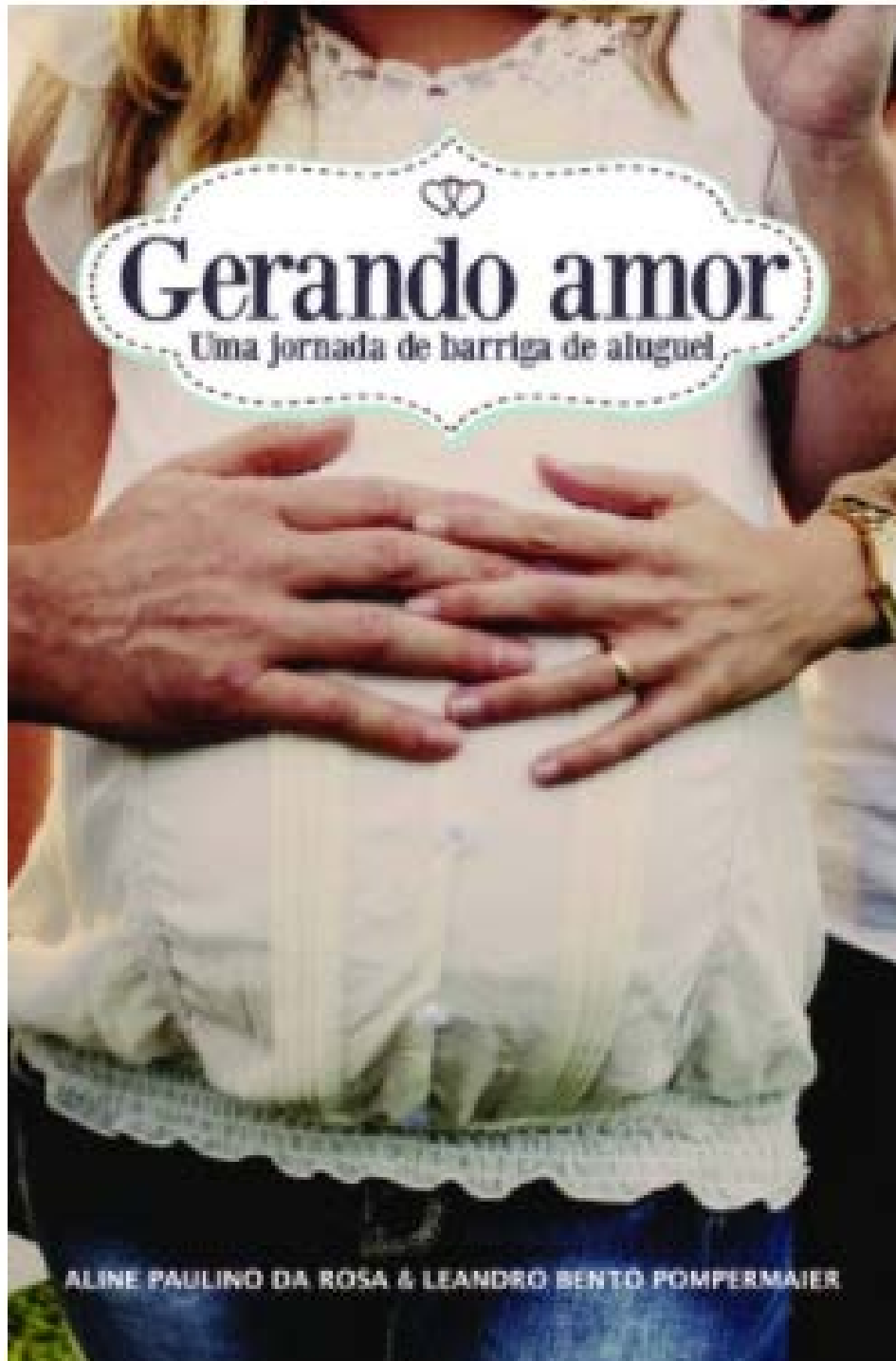
Enquanto os pais curtem a filha, Nádia do Vargas, a avó da Lavínia, aproveitou Fabiana na sala de recuperação. "Eu fui a primeira a ver a minha neta. Ela é linda. Fabiana está bem, se recuperando da cirurgia. A Lavínia é abençoada, assim como meus outros dois netos, Gabriel e Ana Carolina", conta.

Vanessa diz que Fabiana por ela é a mãe que ela tem. "Sou extremamente grata ao que ela fez por mim. Eu devo a minha felicidade para ela. Está gostando muito mais a nossa Lavínia. Ela estará sempre junto de nós, curando cada momento", garante.



MARCADO: no braço do pai, o crânio com o pé da Lavínia

Anexo O – Capa do livro Gerando Amor

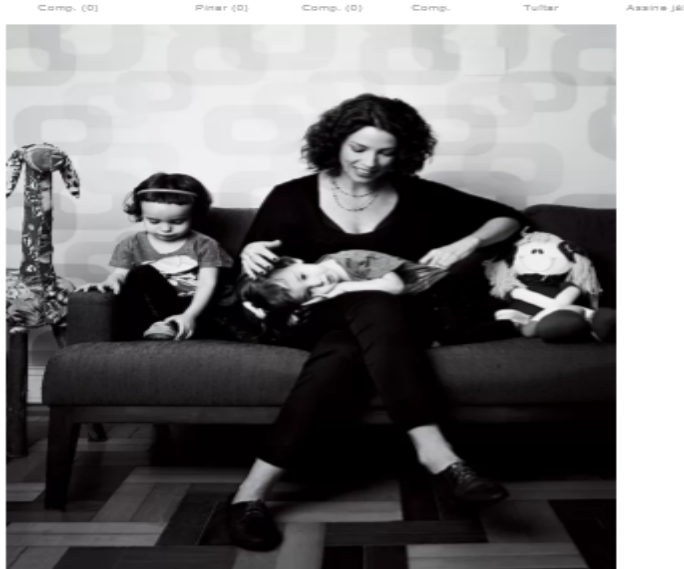


Anexo P – Reportagem da revista Marie Claire

Notícias 27.05.2016 - 06h00 - ATUALIZADO ÀS 28.05.2016 07h43 | por LAURA ANCONA LOPEZ

Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia

Durante sete anos, a jornalista Teté Ribeiro fez de tudo para ter filhos. Aos 42, decidiu tomar uma medida drástica. Foi à Índia e contratou uma mulher para gerar seus bebês



<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/05/gravidez-sem-barriga-saga-de-uma-brasileira-cujas-filhas-biologicas-nasceram-na-India...> 1/34

17/06/2017

Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia - Marie Claire | Notícias

"Seus bebês nasceram há duas semanas, e são ótimas." Foi o primeiro dia de surpresas para a jornalista Teté Ribeiro, 42, que recebeu a notícia de que havia se tornado mãe. Ela tinha chegado havia 24 horas a Anand, cidade de 600 mil habitantes no centro-leste da Índia (país onde as populações batem facilmente os milhões), para acompanhar as últimas semanas de gravidez de Vanita Macwan, indiana de 28 anos contratada para gerar seus embriões. Depois de uma jornada de sete anos de tratamentos para engravidar e já na fila de adoção, ela e o marido, o jornalista Sérgio Dávila, haviam feito uma última tentativa de ter um bebê geneticamente. E vieram logo dois, ou melhor, duas. "Só soube que minhas filhas tinham nascido depois que cheguei ao país, o que foi estranho e um pouco irritante. Mas na Índia as coisas são diferentes, levei muito tempo para entender isso", conta Teté. "Já estava de passagem marcada para lá quando as meninas nasceram, prematuras de oito meses. Em vez de me contarem, os médicos preferiram esperar eu chegar. Disseram que não haveria nenhuma vantagem em me falar antes, não faria diferença. Assim como não nos deixaram descobrir os sexos durante a gestação de Vanita. Por incrível que pareça, isso é proibido por lá."

Aos 42 anos, Teté havia sido diagnosticada com uma dificuldade rara: seu útero não tinha aderência suficiente para "segurar" um embrião. Foram muitos os procedimentos, exames, visitas a médicos e até terapias alternativas, como massagens holísticas, processos de relaxamento e desintoxicação. Nada funcionava. Até uma colega de trabalho entrevistar Nayana Patel, médica proprietária de uma clínica de reprodução in vitro na Índia, especializada em barrigas de aluguel. "A ideia parecia longe do 'cardápio' de coisas possíveis, mas eu e o Sérgio decidimos tentar", conta. "Fiz metade do tratamento no Brasil (a estimulação dos ovários) e, na Índia, foi feita a retirada dos óvulos. Fizemos a tentativa com dois, que deram origem a dois embriões saudáveis. Ambos foram implantados em Vanita e se tornaram as minhas filhas, Cecília, que é a minha cara, e Rita, igual ao pai." A história completa Teté conta no livro "Minhas Duas Meninas" (Companhia das Letras, R\$ 39,90), que chega às livrarias em junho. Ela fala à Marie Claire sobre as dificuldades e dilemas do processo.



Reprodução "Minhas Duas Meninas")

Teté e Vanita Macwan seguram as bebês (Foto: ...)

PROBLEMAS PARA ENGRAVIDAR

Comecei a tentar ter filhos quando tinha 35 anos e estava casada com o Sérgio havia cinco, mas nossa relação é bem mais longa que isso, entre idas e vindas. Já tinha engravidado dele duas vezes antes, e em ambas fiz abortos. Acho que tinha 23 e 28 anos, mas não lembro exatamente a idade, pois não são momentos que gosto de ter na memória, ao contrário. Até por isso, na primeira vez que começamos a tentar 'para valer', veio uma aflição. Não sabia se era só culpa ou medo de ter provocado algum dano ao corpo [com os abortos]. No fim, não havia causado nenhum, mas eu não engravidava. Fiz vários tratamentos com estimulação hormonal, inseminações artificiais, fertilizações in vitro. O mais angustiante é que por muito tempo os exames resultavam normais, tanto os meus quanto os dele. Durante o processo, tive um 'semiaborto' espontâneo: o exame de gravidez deu positivo, mas quando fiz o ultrassom não havia bebê. Foram sete anos muito difíceis, de poucos altos e muitos baixos – para mim, para o Sérgio, para nós como casal... E, quanto mais o tempo passava, mais o relógio biológico corria."

ADOTAR OU NÃO?

Quando estávamos fazendo os tratamentos, pensávamos em adotar. Tanto que, quando decidimos contratar uma barriga de aluguel, já havíamos nos habilitado no cadastro de adoções, estávamos na fila. Aliás, essa é uma ideia que ainda temos: quem sabe daqui a um tempo, quando as meninas crescerem um pouco mais, aumentamos a família. Poderia ser por adoção. O fato é que, quando decidimos ir à Índia, tínhamos pouca esperança de que daria certo. Foi a última tentativa de gerar um bebê geneticamente. Se não rolasse, não faríamos de novo."

O PAPEL DO PAI E DOS AMIGOS

O Sérgio sempre esteve na empreitada ao meu lado. Morávamos nos Estados Unidos quando começamos os tratamentos e lá a barriga de aluguel é mais comum, ao contrário do Brasil, onde é proibida a comercialização desse serviço [aqui, só é permitido o 'empréstimo' do útero a familiares ou amigos, sem pagamento]. Tentar o método como última chance foi uma decisão mútua. Quando fomos para a Índia conhecer a clínica, não contamos para quase ninguém. A ideia parecia longe do 'cardápio' de coisas possíveis. Tínhamos receio da 'maldição do segredo': às vezes, parece que as coisas só vão dar certo se você não contar a ninguém. Falo bastante sobre isso no livro. Só fui falar para a família e aos amigos quando Vanita já estava no

17/08/2017

Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia - Marie Claire | Notícias

UTERO ESTRANHO X IAR

Nunca pensei em pedir a minha irmã que engravidasse em meu lugar. Primeiro porque ela nem poderia. Tinha feito uma cirurgia anos antes em que tirou útero e ovários. Depois, acho esquisitíssimo. Como se chega para alguém e pede: "Você pode ficar grávida por nove meses, ter gases, dores e uma barriga enorme porque eu não consigo?". O fato de, na Índia, o procedimento ser legalizado dá um sossego. A pessoa faz um acordo com você. Não tem favor. Nunca tive angústia com a ideia do 'útero estranho'. Quando procurei a médica das barrigas de aluguel, sabia que uma desconhecida geraria um filho meu. Já era algo resolvido na minha cabeça."



As duas famílias: Sérgio Dávila, Tetê, Vanita, o marido

dela e o filho do casal (Foto: Reprodução "Minhas Duas Meninas")

A OUTRA "MÃE"

Vanita tinha 28 anos quando engravidou de Cecilia e Rita. Ela é casada e tinha um filho de 5 anos. Aliás, só é possível ser barriga de aluguel se a mulher já tiver pelo menos um filho. Nos conhecemos antes de implantar os embriões em seu útero. Ela se arrumou toda, vestiu uma roupa típica indiana para a ocasião. Foi um pouco constrangedor, pois Vanita só fala um dialeto indiano e precisávamos de tradutor o tempo todo. Mas, passado o primeiro momento, nosso envolvimento se tornou muito afetuoso. Nunca houve entre nós uma relação de 'chefe' e funcionária, embora ela tenha ganhado US\$ 8 mil pela gravidez [na Índia, o procedimento custa US\$ 25 mil – quatro vezes menos do que nos Estados Unidos, por exemplo]. Sei que Vanita fez o procedimento pelo dinheiro, e eu a contratei pela barriga. E tudo bem. Ela estava grata por ter sido 'escolhida' por nós – há várias mulheres que querem ser barrigas de aluguel, mas nem todas são eleitas. Durante a gravidez, morou em uma 'casa de grávidas' bancada pela clínica, onde fazia todos os exames, recebia alimentação balanceada, era medicada e cuidada. Várias outras 'barrigas' vivem ali e muitas se tornam amigas. Estive lá algumas vezes e é um local muito confortável, limpo. A imagem que várias pessoas têm da Índia é de sujeira e caos. Mas, embora as cidades sejam realmente sujas, com bichos espalhados pela rua, as pessoas são limpassimas. Fora que é a população que mais cresce no planeta. Se tem algo que sabem fazer é crianças – não por menos, as minhas foram geradas ali."

Anexo Q – Capa do livro Minhas Duas Meninas

